

Propagare, Guarapuava, v.1, n.4, julho/dezembro 2012
ISSN 2178-2768



Revista Científica da Faculdade Campo Real

• Instituto Sul Paranaense de Altos Estudos
ISPAE 


FACULDADE
CAMPO REAL
EXCELÊNCIA EM ENSINO SUPERIOR

PROPAGARE: revista científica da Faculdade Campo Real / Instituto Sul Paranaense de Altos Estudos (ISPAE). -- v.1, n.4, (jul./dez. 2012). Guarapuava: ISPAE, 2012.

v.1, n.4, julho/dezembro 2012
Semestral
ISSN 2178-2768

1. Pesquisa – Periódicos. 2. Ciências – Periódicos. 3. Pesquisa e Extensão – Periódicos. I. Instituto Sul Paranaense de Altos Estudos (ISPAE). II. Faculdade Campo Real. III. Título.

CDD 300

Catálogo na Fonte: Regiane de Souza Martins (CRB9/1372).

© **PROPAGARE: Revista Científica da Faculdade Campo Real**

A Revista PROPAGARE é uma publicação semestral do Instituto Sul Paranaense de Altos Estudos (ISPAE) e da Faculdade Campo Real, criada em 2010 e dirigida à comunidade científica.

INSTITUIÇÃO

**Instituto Sul Paranaense de Altos Estudos (ISPAE)
Faculdade Campo Real**

DIREÇÃO GERAL INSTITUCIONAL

Edson Aires da Silva

EDITORA PROPAGARE

Adriana Dalla Vecchia

COMISSÃO EDITORIAL CIENTÍFICA PROPAGARE

Dr. Candido Simões Pires Neto – Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu (UNIGUAÇU).

Dr. Carlos Roberto Alves – Faculdades Guarapuava.

Dr. Clèmerson Merlin Clève – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Dr. Wilson Ramos Filho – Faculdade São Luís-MA.

Dra. Cláudia Cabral Rezende – Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).

Dra. Fabiane Fortes – Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória (FAFIUV).

Dra. Maria Inês Tomaél, Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Dra. Sílvia Gomes Bento de Mello – Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).

Ms. Dartagnan da Silva Zanella – Faculdade Campo Real.

Ms. Maurício Marques Canto Junior – Faculdades do Centro do Paraná.

REVISORES CIENTÍFICOS AD HOC

Amaílson Sandro Barros, Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Angela Maria de Camargo, Mestre em Distúrbios da Comunicação (Universidade Tuiuti do Paraná) - Faculdade Campo Real.

Angélica Rocha de Freitas Melhem, Doutoranda em Gastroenterologia(USP) – Faculdade Campo Real.

Claudineya Aparecida Grzeszeszsyn, Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Luiz Antonio Penteado de Carvalho, Mestre em Ortopedia e Traumatologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Maurício Marques Canto Junior, Mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Vanda Marilza de Carvalho, Doutora em Agronomia – Faculdade Campo Real.

NORMALIZAÇÃO

Adriana Dalla Vecchia, Mestranda em Linguagem, Subjetividade e Identidade (UEPG).

REVISÃO GRAMATICAL

Adriana Dalla Vecchia, Mestre em Linguagem, Subjetividade e Identidade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Marcio José de Lima Winchuar, Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

Marco Antonio Cacilho, Especialista pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

DIAGRAMAÇÃO

Robinson Medeiros, Publicitário, Especialista em Administração Executiva.

NORMAS PROPAGARE E INSTRUÇÕES EDITORIAIS AOS AUTORES

Normas PROPAGARE ao final de cada número e concessão de direitos autorais em Anexo A.

SUBMISSÃO DE ARTIGOS

A Revista PROPAGARE aceita para publicação textos inéditos e de Anais de Congresso, de autores nacionais ou estrangeiros. Aceita também resenhas de livros de publicação recente, artigos originais, revisões e notas científicas em todas as áreas. Os artigos encaminhados à Revista PROPAGARE não devem ser submetidos para avaliação simultânea em outros veículos. Afirmarções, opiniões e conceitos expressos nos textos são de responsabilidade do (s) autor (es) do artigo. A PROPAGARE elege em todos os números um artigo acadêmico como incentivo aos novos pesquisadores.

A publicação dependerá de aprovação do Conselho Editorial. Os textos serão avaliados no aspecto acadêmico, anonimamente, por especialistas na área do conhecimento específico do texto; e, no aspecto gramatical e ortográfico, pelos revisores. O Conselho Editorial poderá notificar o(s) respectivo(s) autor(es) para eventuais correções, poderá rejeitar o trabalho ou liberar a publicação do artigo. A decisão do Conselho Editorial da edição ou não, apoiada nos pareceres emitidos, será comunicada ao (s) autor (es). A Revista PROPAGARE adota as normas de documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e a norma de apresentação tabular do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

PROPAGARE: REVISTA CIENTÍFICA DA FACULDADE CAMPO REAL

Rua Barão de Capanema, 721, Santa Cruz.

Guarapuava-PR, CEP: 85015-420.

Fone/Fax: (42) 3621-5200.

E-mail: propagare@camporeal.edu.br

Site: propagare.camporeal.edu.br

Coordenação: regianesm@yahoo.com.br

INSTITUTO SUL PARANAENSE DE ALTOS ESTUDOS (ISPAE)

CNPJ: 06.087.672/0002-43

Rua: Barão de Capanema, 721, Santa Cruz.

Guarapuava-Paraná, CEP: 85.015-420.

Fone/Fax: (42) 3621-5200.

FACULDADE CAMPO REAL

CNPJ: 03.291.761/0001-38

Rua Barão de Capanema, 721, Santa Cruz.

Guarapuava-PR, CEP: 85015-420.

Fone/Fax: (42) 3621-5200.

Site: www.camporeal.edu.br

SUMÁRIO

ARTIGOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO

EDITORIAL 7

PALAVRA DO DIRETOR 9

CIÊNCIAS DA SAÚDE

**Avaliação do Conhecimento Nutricional de
Funcionários Adultos de uma
Empresa de Madeiras na Cidade de Guarapuava – PR** 13-18
Patrícia Carina Brandalize, Pricila Gonçalves Galvão,
Raquel Rosalva Gatti, Renata Léia DemárioVieira

**Considerações Gerais Sobre a Quiropraxia e
a Necessidade de Trabalhos Científicos e
Inovações em Pesquisas Nacionais sobre o Tema** 19-28
Ewerton Cousin Sobrinho,
Fernanda Ávila Tagliani, Jemerson José Polli Oliveira

CIÊNCIAS AGRÁRIAS

**Diagnóstico do Perfil e dos Principais Problemas de
Cultivo dos Produtores Cadastrados na Feira do
Produtor no Município de Guarapuava-PR** 31-42
Greice Daiane Rodrigues Gomes Redivo,
Gracielle Pavan, Ana Carolina Kessler Assis, Alan Stadler

CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS

Lei 12.403/11: (Im)Pertinência? 45-56
Guilherme Schroeder Abreu

**Identificação de Consumidores Inovadores Brasileiros:
Aplicação da Análise de Correlação Tradicional e Multivariada** 57-78
Ana Flavia Barbosa de Bello Rodrigues, Sandra Maria da Silva,
Wesley Vieira da Silva, Daniela Torres da Rocha

CIÊNCIAS HUMANAS

- A Mala e o Porta-retrato: Relato de um Caso de Paciente Psicótico Atendido em Oficina Terapêutica Expressiva** **81-104**
Haroldo Tuyoshi Sato, Handressa Martins Berger, Janaína Blansky, Vitor Hugo da Cruz, Caroline Durli, Alana Rocha Loures Goetten, Bruna Caroline Muller, Gabrielly Silvia Cury de Oliveira, Maria Cristiane de Matos Pereira, Fernanda Ravarena, Patricia Batista dos Santos, Ana Paula Tamioso, Amanda Terra

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

- Atuação Docente: na Teoria e na Prática** **107-124**
Zuleica Aparecida Cabral

ARTIGOS DE GRADUANDOS

- Bullying* Escolar: um Estudo acerca dos Personagens e das Possíveis Estratégias de Combate por parte dos Diversos Segmentos Envolvidos** **127-142**
Renata Tomacheski, Angela Cristina da Silva
- Avaliação do Estado Nutricional, da Ingestão Alimentar e dos Principais Receios de Diabéticos Acompanhados em uma Unidade de Saúde da Cidade de Barra Mansa, Rio De Janeiro** **143-156**
Bruna Severo da Silva, Elton Bicalho de Souza

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

- Propagare: normas** **157**

ANEXOS

- Anexo A: Autorização e concessão de direitos autorais** **161**

EDITORIAL

Este quarto número da revista PROPAGARE continua no seu intuito de reunir trabalhos de áreas diversas para as quais as discussões propostas pelos autores trazem grandes contribuições.

A primeira parte da revista contempla duas áreas nutrição e fisioterapia. O primeiro texto mostra os resultados da avaliação sobre o conhecimento nutricional de funcionários de uma empresa de madeiras e o segundo faz considerações sobre a quiropraxia, demonstrando a necessidade de mais trabalhos científicos e inovações sobre o tema.

Em seguida, tem-se o texto *Diagnóstico do Perfil e dos Principais Problemas de Cultivo dos Produtores Cadastrados na Feira do Produtor no Município de Guarapuava-PR* que compõe a seção voltada para as Ciências Agrárias.

Os dois textos seguintes são de profissionais das Ciências Sociais e Aplicadas. No primeiro, há uma discussão sobre a pertinência da Lei 12.403/11 e, no segundo, faz-se considerações sobre os consumidores inovadores brasileiros a partir da aplicação da Análise de Correlação Tradicional e Multivariada.

A revista conta também com a participação de autores das Ciências Humanas bem como de Linguística, Letras e Artes. Da primeira área, o texto relata o caso de um paciente psicótico atendido em oficina terapêutica expressiva. O artigo seguinte reflete sobre uma questão bem atual que é a inclusão de tecnologias no ambiente escolar e a função do letramento digital nesse contexto.

Por fim, a PROPAGARE traz dois artigos de acadêmicos, orientados por professores mestres e doutores. Um deles discute pelo viés da psicologia o fenômeno denominado *Bullying* Escolar e o outro mostra os resultados da avaliação do estado nutricional e outros aspectos referentes a diabéticos que são acompanhados em uma unidade de saúde em Barra Mansa/RJ.

As colaborações dos autores são muito valiosas e se encaixam na variedade de temas e análises que fazem parte da proposta da revista. Agradecemos a todos pela confiança na revista.

Boa leitura!
A Editora

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	9 - 10	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	--------	----------------

PALAVRA DO DIRETOR

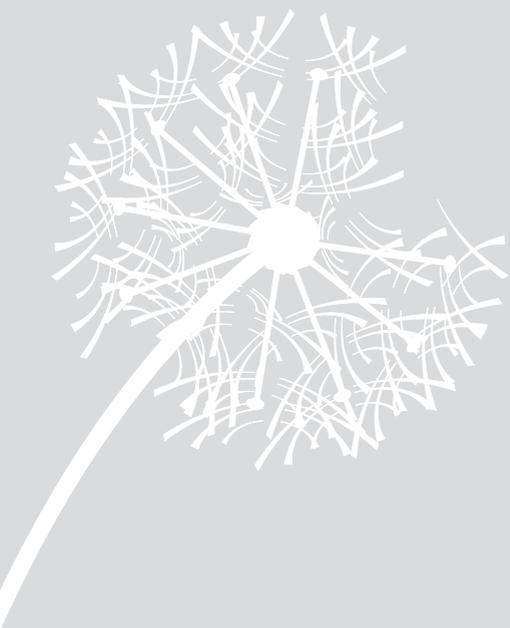
Mais um número da PROPAGARE é lançado e mais uma vez é aberto espaço para discussões, que, muitas vezes, estão sendo feitas pelos pesquisadores de modo isolado, conversarem entre si e com outros profissionais da área. Esse é um dos compromissos da nossa revista que já vem expresso no próprio título.

Agradecemos de modo especial aos autores por confiarem na revista e nos entregarem suas valiosas contribuições. Temos a certeza de que por meio da PROPAGARE seus trabalhos chegaram a lugares e a pessoas com os quais contribuirão sobremaneira.

Ainda queremos salientar a importante participação dos pareceristas e revisores cujo trabalho tem sido fundamental para que atinjamos nossas metas com a revista.

Desejamos a todos uma ótima leitura e colocamos nosso periódico à sua disposição para publicações de artigos resultantes de suas pesquisas.

Prof. Edson Aires da Silva
Diretor Geral da Faculdade Campo Real



CIÊNCIAS DA SAÚDE

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO NUTRICIONAL DE FUNCIONÁRIOS ADULTOS DE UMA EMPRESA DE MADEIRAS NA CIDADE DE GUARAPUAVA – PR

Patrícia Carina Brandalize
Priscila Gonçalves Galvão*
Raquel Rosalva Gatti
Renata Léia Demário Vieira**

RESUMO

Objetivo: avaliar o conhecimento nutricional de funcionários adultos de uma Empresa de Madeiras na Cidade de Guarapuava-PR. **Método:** Foi realizada uma pesquisa com inclusão de 138 participantes, no Refeitório de uma Empresa de Madeiras na Cidade de Guarapuava-PR, com funcionários adultos. Para a avaliação do conhecimento nutricional foi utilizado um Questionário de Conhecimentos em Nutrição para Adultos (QCNA). **Resultados:** A média de idade obtida foi de 32,55 anos, com idade mínima de 18 anos e máxima de 60 anos. Em relação às questões corretas, a média foi de 11 acertos entre os dois gêneros. Quando comparados os gêneros, houve uma média de 11,25 acertos ao gênero feminino. A classe que apresentou maior número de pessoas (76,09%) com renda de 1 a 2 salários obteve uma menor pontuação, o que demonstra um baixo conhecimento nutricional. **Conclusão:** Os conhecimentos básicos em nutrição avaliados nos trabalhadores resultam em dados não satisfatórios. Assim, mostra-se necessária a implementação de programas de educação alimentar nas indústrias, com apoio do nutricionista e uma equipe multidisciplinar, orientando sobre alimentação e nutrição de qualidade.

Palavras-chave: Nutrição. Alimentação. Conhecimento.

* Graduandas do Curso de Nutrição da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus CEDETEG Guarapuava (PR), Brasil. E-mail: patibran@hotmail.com; priscila.ggalvão@hotmail.com;

** Docentes Ms. do Departamento de Nutrição da Universidade Estadual do Centro-Oeste; Campus CEDETEG Guarapuava (PR), Brasil.

Autor responsável pelo manuscrito: Raquel Rosalva Gatti; email: rgatti@unicentro.br; Rua Simeão Carmargo Varela de Sá, 03 UNICENTRO – Campus CEDETEG – CEP: 85040-080, Guarapuava-PR; (42) 36298182.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	13 - 18	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, há uma preocupação com o conhecimento sobre a nutrição e de que forma o consumo alimentar exerce influência para a saúde. Entretanto, a Ciência da Nutrição faz parte da sobrevivência do ser humano e a alimentação é um dos fatores que pode ser modificado de acordo com o interesse e o conhecimento de cada pessoa, influenciando diretamente na saúde, bem-estar e qualidade de vida (CORRÊA, 2010).

Elevar os conhecimentos nutricionais é uma estratégia eficaz para a promoção de práticas alimentares saudáveis, que assegurem escolhas alimentares conscientes. Estudar os conhecimentos nutricionais permite conhecer o que os indivíduos sabem sobre a alimentação, para poder atuar melhor em programas de educação nutricional (SOUZA, 2009).

As escolhas alimentares poderiam ser consideradas como um simples comportamento humano, no entanto é muito mais complexo, já que são influenciadas por diversos fatores que interagem entre si (SOUZA, 2009).

O conhecimento da nutrição é uma construção científica que os nutricionistas, que trabalham com educação nutricional têm criado para representar um processo cognitivo do indivíduo, relacionado à informação acerca do alimento e nutrição (GAGLIANONE, 2006).

A Educação Nutricional é um processo que visa orientar às pessoas as questões relacionadas à nutrição, através da qual se obtêm mudanças de atitudes e práticas alimentares e de conhecimentos nutricionais com garantia da saúde do homem (CAMARNEIRO, 2004).

Nesse contexto, o presente estudo tem o objetivo de avaliar o conhecimento nutricional de funcionários adultos de uma Empresa de Madeiras na idade de Guarapuava-PR.

2 MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal prospectivo, realizado no período de agosto e setembro de 2012, com inclusão de 138 participantes, no Refeitório de uma Empresa de Madeiras na Cidade de Guarapuava-PR, com funcionários adultos, no horário de almoço.

Os critérios de inclusão se referiam a estar presente no local durante o período de coleta de dados e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ter idade superior a 18 anos e ser funcionário da empresa.

A obtenção de autorização para realização da pesquisa foi por meio de autorização dos responsáveis da Empresa e, posteriormente, os funcionários que concordaram em participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COMEP) da

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	13 - 18	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

UNICENTRO, sob parecer número 123.170.

2.1 AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO NUTRICIONAL

Foi utilizado o Questionário de Conhecimentos em Nutrição para Adultos (QCNA) adaptado, que contém 14 perguntas fechadas as quais avaliariam o conhecimento em nutrição dos funcionários. A escala escolhida para mensuração do conhecimento nutricional neste estudo foi de: pontuações de 0 a 13 pontos indicam baixo conhecimento nutricional, >13 e < 20 pontos indicam moderado conhecimento nutricional e >20 pontos indicam alto conhecimento nutricional.

A idade e a renda salarial foram avaliadas por meio de questões fechadas estabelecendo-se para a renda o intervalo de 1 a 2 salários mínimos, entre 2 a 5 salários mínimos e de 5 a 10 salários mínimos.

Os dados foram analisados pelo *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 16.0. As análises descritivas das variáveis foram apresentadas como média, desvio padrão e frequência (percentual). Foi realizado o teste de comparação qui-quadrado de Pearson, entre a renda e a pontuação do questionário, sendo considerado um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

3 RESULTADOS

O presente trabalho foi realizado com 138 funcionários em horário do almoço, dos quais 5,8% pertenciam ao gênero feminino e 94,2% ao gênero masculino. Observou-se média de idade de 32,55 anos ($\pm 8,70$), com idade mínima de 18 anos e máxima de 60 anos.

Ao analisar a quantidade de questões com respostas corretas, a média foi de 11 acertos entre os dois gêneros. Quando comparado os gêneros, houve uma média 11,25 acertos ao gênero feminino, conforme podemos observar na tabela 1.

Na tabela 2, houve diferença estatisticamente significativa entre todos os componentes, porém a classe que apresentou maior número de pessoas (76,09%) com renda de 1 a 2 salários obteve uma menor pontuação, o que nos demonstra um baixo conhecimento nutricional.

4 DISCUSSÃO

A literatura que aborda a associação do nível de conhecimento nutricional da população disponível é extremamente limitada e alguns autores mensuraram apenas a avaliação do conhecimento nutricional pelo índice de massa corporal, o que se torna diferente quando comparado ao presente estudo.

Pode-se observar que os indivíduos do gênero masculino, em número inferior em relação ao gênero feminino, apresentaram conhecimento nutricional signifi-

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	13 - 18	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

cativamente inferior ($p < 0,05$). A média da pontuação obtida no QCN para o gênero masculino indicou conhecimento nutricional baixo, enquanto que para o feminino o conhecimento foi moderado (DATILLO *et al*, 2009).

Observou-se que a média de idade encontrada na população pesquisada foi de 32,55 anos. Dados esses que vem ao encontro conforme estudo de Dattilo *et al* (2009), com idade entre 24 a 59 anos.

No estudo realizado por Chorfi *et al* (2008), verificou-se que vegetarianos de ambos os sexos apresentaram uma pontuação média de 11,4 acertos, com desvio padrão de 1,7. Dados similares aos encontrados nesse estudo, no qual a média de acertos foi de 11.

Já Nicastro *et al* (2008) fez a mensuração do conhecimento nutricional em atletas utilizando uma escala validada por Scagliusi, com o seguinte critério: pontuações totais entre zero e seis indicam baixo conhecimento nutricional; entre sete e 10 indicam moderado conhecimento nutricional e acima de 10 indicam alto conhecimento nutricional, encontrando assim, uma pontuação superior em atletas amadoras ($8,9 \pm 1,7$) do atletismo em relação a atletas profissionais ($7,3 \pm 1,8$).

No estudo de Dattilo *et al* (2009), a renda foi dividida em quatro categorias, sendo que para a categoria <1 salário mínimo o percentual foi de 7,14%, de 1 a 3 salários foi de 52,4%, de 3 a 5 salários foi de 21,4% e >5 salários foi de 19,06%. O que se assemelha ao presente estudo, onde o maior percentual foi de 76,09% na categoria de 1 a 2 salários.

CONCLUSÃO

Os conhecimentos básicos em nutrição avaliados nos trabalhadores resultam em dados não satisfatórios.

Foi observado que a menor classe da renda estava relacionada com o baixo conhecimento nutricional, podendo afetar negativamente a saúde, pois automaticamente não estarão fazendo escolhas saudáveis na alimentação.

Assim, mostra-se necessária a implementação de programas de educação alimentar nas indústrias, com apoio do nutricionista e juntamente uma equipe multidisciplinar, orientando sobre escolhas alimentares e nutricionais balanceadas e adequadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHORFI, K.D.B.; SCHEID M.M.A. *Avaliação dos hábitos alimentares de vegetarianos [tese]*. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP; 2008.

CORRÊA, T.M.Q.S. *A influência da formação superior no conhecimento e no perfil nutricional dos alunos de nutrição [Tese]*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, UFSM; 2010.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	13 - 18	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

DATTILO, M.; FURLANETTO P.; KURODA, A.P.; NICASTRO, H.; FALCÃO, P.C.; COIMBRA, C.; SIMONY, R.F. Conhecimento nutricional e sua associação com o índice de massa corporal. *Nutrire: Revista Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição*, São Paulo, 2009;34(1):75-84.

GAGLIANONE, C.P.; TADDEI, J.A.A.C; COLUGNATI, F.A.B.; MAGALHÃES, C.G.; DAVANÇO, G.M.; MACEDO, L.; LOPEZ, F.A. Educação nutricional no ensino público fundamental em São Paulo, Brasil: projeto Redução dos Riscos de Adoecer e Morrer na Maturidade. *Revista de Nutrição*, 2006;19(3); 309-320.

JORGE, T.C.; PERES, S.P.B.A. *Elaboração de recursos pedagógicos nutricionais para o programa de educação nutricional* [Dissertação]. Bauru: Universidade de São Paulo, USP; 2004.

NICASTRO, H.; DATTILO, M.; SANTOS, T.R.; PADILHA, H.V.G.; ZIMBERG, I.Z.; CRISPIM, C.A.; STULBACH, T.E. Aplicação da escala de conhecimento nutricional em atletas profissionais e amadores de atletismo. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, 2008;14(3):205-8.

SOUZA, J.A. *Conhecimentos nutricionais: reprodução e validação do questionário* [Tese]; Porto: Universidade do Porto; 2009.

EVALUATION OF THE NUTRITIONAL KNOWLEDGE OF ADULT EMPLOYEES OF A WOOD COMPANY IN THE CITY OF GUARAPUAVA-PR

ABSTRACT

Objective: to evaluate the nutritional knowledge of adult employees of a wood Company in the city of Guarapuava-PR. **Method:** a survey was carried out with the inclusion of 138 participants, in the cafeteria of a Lumber Company in the city of Guarapuava PR, with adult employees. Evaluation of the nutritional knowledge was used a questionnaire on knowledge in nutrition for Adults (QCNA). **Results:** the mean age obtained was 32.55 years, with minimum age of 18 years and a maximum of 60 years. In relation to the issues agreed upon the average was 11 hits between the two genera. When compared the genres, there were an average of 11.25 hits to the female gender. The class that showed the highest number of people (76.09) earn 1 to 2 salaries earned a lower score, which demonstrates a low nutritional knowledge. **Conclusion:** The basic knowledge in nutrition evaluated workers result in unsatisfactory data. So, if necessary to the implementation of dietary education programs across industries, with the support of the nutritionist and a multidisciplinary team, guiding on a good diet and nutrition.

Keywords: Nutrition; Power Supply; Knowledge.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	13 - 18	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

ANEXOS

Tabela 1- Acertos do Questionário de Conhecimento Nutricional para Adultos

Gênero	Média de acertos (%)	p* (<0,005)
Masculino	9,57 (36,81%)	0,326
Feminino	11,25 (43,27%)	0,433

*Médias de frequências avaliadas pelo teste qui-quadrado de Pearson com significância de $p < 0,05$;

Tabela 2- Comparação entre Renda e Pontuação do Questionário de Conhecimento Nutricional para Adultos

Renda	Frequência (%)	Pontuação (%)	p* (<0,005)
1 a 2 salários	105 (76,09)	0 a 13 pontos (25%)	0,001
2 a 5 salários	30 (21,74)	>13 e <20 pontos (63,4%)	0,001
5 a 10 salários	3 (2,17)	>20 pontos (80,7%)	0,001

*Médias de frequências avaliadas pelo teste qui-quadrado de Pearson com significância de $p < 0,05$;

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 25 de julho de 2012

Aceito em: 15 de agosto de 2012

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

BRANDALIZE, Patrícia Carina *et al.* *Avaliação do Conhecimento Nutricional de Funcionários Adultos de uma Empresa de Madeiras na Cidade de Guarapuava – PR.* Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 13-18, jul./dez. 2013.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	13 - 18	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A QUIROPRAXIA E A NECESSIDADE DE TRABALHOS CIENTÍFICOS E INOVAÇÕES EM PESQUISAS NACIONAIS SOBRE O TEMA

Ewerton Cousin Sobrinho *

Fernanda Ávila Tagliani **

Jemerson José Polli Oliveira ***

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo ressaltar a importância de novos estudos voltados para a área de concentração da quiropraxia. A partir do referencial teórico exposto, busca-se incentivar e fomentar a pesquisa, com ênfase nessa técnica de terapia manual. Os profissionais da área possuem um papel crucial de informar a população e a comunidade científica sobre a identidade profissional da quiropraxia. Isso somente ocorrerá através de pesquisas científicas inovadoras, na qual a quiropraxia poderá se tornar uma especialização de destaque do fisioterapeuta e ser amplamente difundida em todos os segmentos da sociedade atual. Diante de uma análise baseada em necessidades dos quiropraxistas, no que se refere à gestão da informação, no apoio das tomadas de decisões e em uma revisão de literatura baseada em escassos trabalhos publicados no país, tem-se a necessidade de se realizar pesquisas baseadas em estudos de caso ou inovações tecnológicas, a fim de se iniciar um programa de incentivo pela busca e divulgação de resultados científicos relacionados à área.

Palavras-chaves: Quiropraxia, Estudo de casos, Literatura de Revisão Como Assunto, Modalidades de Fisioterapia

* Especialista em Fisioterapia em Traumatologia e Ortopedia pelo Instituto de Educação e Pesquisa do Hospital Moinhos de Vento (2012) e em Fisioterapia em Quiropraxia pela Inspirar/PR (2012).

** Especialista em Quiropraxia pelo Centro de Estudos/INSPIRAR, Curitiba/PR (2010).

*** Especialista em Quiropraxia pelo Centro de Estudos/INSPIRAR, Curitiba/PR (2010).

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

1 INTRODUÇÃO

O nascimento da quiropraxia se dá por volta de 1895, nos Estados Unidos, em Davenport, no estado de Iowa, por Daniel David Palmer, com a fundação da escola Palmer de Quiropraxia em 1897, que continua sendo umas das principais faculdades de quiropraxia na atualidade, muito embora a manipulação da coluna se remonte aos tempos de Hipócrates e médicos da Grécia antiga (CHAPMAN-SMITH, 2001).

Palmer desenvolveu a Teoria da Quiropraxia e seu método inspirando-se em diversas fontes, incluindo a manipulação médica e a osteopatia, mas também, incorporou aspectos originais desenvolvidos por ele mesmo, publicando-os no “The science and art of chiropractic”, obra referencial para aquela que viria a ser uma das profissões mais almejadas e promissoras na área da saúde (PEDROL, 2008).

A técnica desenvolveu-se nos Estados Unidos durante um período de reformas significativas na formação médica e no seu exercício profissional, onde havia uma grande variedade de opções de tratamento, tanto dentro da medicina convencional, como entre outras inúmeras abordagens alternativas no cuidado da saúde (CPRBQ, 2001).

Atualmente, a quiropraxia é uma profissão de alto prestígio internacional, exercida mundialmente e sendo a segunda maior da área de saúde nos EUA, com cerca de 11% de sua população consultando-se regularmente, tendo um serviço de assistência à saúde em uma abordagem conservadora (OMS, 2006).

Atualmente, a quiropraxia vem sendo apontada por profissionais e pesquisadores de todo o mundo, como uma das áreas de maior importância na geração de soluções no campo do tratamento da coluna cervical do ser humano (CHAPMAN-SMITH, 2001).

A quiropraxia, que é uma especialidade da fisioterapia, tem um campo de abrangência muito grande se comparado com o curto espaço de tempo em que essa ciência se espalha, sendo uma ciência inovadora na área da saúde, que proporciona o tratamento das disfunções do sistema neuromusculoesquelético, com ênfase, diretamente, na coluna vertebral (DA SILVA e VIEGAS, 2008).

Cantera (2006) ressalta que a quiropraxia oferece o tratamento de alterações articulares de caráter biomecânico por meio de exercícios, técnicas de terapia manual e orientação postural, visando à diminuição da dor e da tensão, corrigindo as alterações neurológicas associadas à compressão e a tensão.

De acordo com pesquisas recentes, baseadas em estudos de indenizações trabalhistas nos Estados Unidos, os gastos anuais com tratamento de coluna são estimados entre 20 e 50 bilhões de dólares. Entretanto, consegue-se, ao tratar esse tipo de lesão, propiciar uma economia entre 20% e 60%, além de promover uma recuperação quase três vezes mais rápida quando comparada aos tratamentos vigentes (Western Journal of Medicine).

Para Strang (1985), não é objetivo da quiropraxia tratar doenças, mas sim,

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

detectar interferências no sistema nervoso, as quais são também denominadas de subluxações vertebrais ou disfunções articulares, que podem ser tratadas antes mesmo de sintomas graves ou de doenças propriamente ditas. E ainda, Canini et al. (2004) e Fiechtner e Broudeur (2000), relatam em seus estudos que os benefícios sobre a qualidade de vida das pessoas não se dá somente fisicamente com o alívio da dor, mas também, nos aspectos emocionais.

Ela enfatiza o poder inerente do corpo para recuperar-se espontaneamente sem o uso de medicamentos ou cirurgias, concentrando-se na relação entre a coluna vertebral e o sistema nervoso, relacionando-os a preservação e restauração da saúde. (Associação das Faculdades de Quiropraxia – ACC).

Há uma ênfase em técnicas manuais e/ou de ajustes articulares, definidas como um segmento de movimento, em que o alinhamento, a integridade do movimento e as funções fisiológicas estão alteradas, ainda que o contato entre as superfícies articulares permaneça intacto (MOSCHEM, 2007).

Contudo, há um déficit de estudos científicos nacionais recentes na área, na medida em que se faz necessário a abordagem de estudos de caso ou revisões de literatura acerca do tema, para otimizar a divulgação dos benefícios e das formas de intervenção para a comunidade científica e para a sociedade de maneira geral. Assim, objetiva-se com esse trabalho, reunir informações sobre a quiropraxia e ressaltar a necessidade da realização de pesquisas com esta técnica, buscando o fomento da atividade e a comprovação científica acerca do tema.

2 METODOLOGIA

Esse estudo consistiu em uma revisão de literatura não sistemática, a respeito de considerações gerais sobre a quiropraxia e a necessidade de trabalhos científicos e inovações em pesquisas nacionais sobre o tema. A pesquisa foi realizada nas bases de dados eletrônicas, nacionais e internacionais como PubMed, Medline, BVS, Lilacs.

Foi realizada uma pesquisa de literatura em abril de 2012, para localizar artigos sobre o tópico desta revisão. Os estudos foram encontrados utilizando a palavra chave “quiropraxia”. Foram considerados todos os artigos com publicação na língua portuguesa (*deve-se evitar a contradição com a frase destacada abaixo nos resultados*) incluindo revisões bibliográficas. Foram incluídos todos os artigos, sem limitação para data de publicação ou tipos de estudos.

3 RESULTADOS

Foram encontrados 2.976 artigos após a realização da busca nas bases de dados [PubMed, Medline, BVS, Lilacs e Scielo] com a palavra chave quiropraxia. Desses, foram excluídos 2.967 por não serem publicados na língua portuguesa, restando 9 artigos. Desses, somente 3 apresentam correlação direta à quiropraxia.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Todos os três estudos (Macedo et al,2008; Freire et al; 2007; Salgueiro et al,2005) avaliaram a dor, Freire et al, 2007 e Salgueiro et al, 2005 concluíram que quiropraxia foi mais eficaz do que os outros tratamentos para diminuir o grau de intensidade da dor.

Macedo et al (2008), além da dor na coluna vertebral avaliou a flexibilidade global e a discrepância de membros inferiores (MMII), e Freire et al (2007) avaliou a flexibilidade, ambos concluíram que a quiropraxia pode contribuir para o aumento da flexibilidade.

4 DISCUSSÃO

Todas as fontes pesquisadas na estruturação desse trabalho nos levam a constatação de que as primeiras práticas relacionadas a essa técnica no cenário brasileiro, surgiram a partir de 1922, sendo aplicada por diversos níveis de profissionais, desde os que, empiricamente, desenvolveram habilidades manipulativas das articulações, aos profissionais de formação universitária na área e credenciados aos órgãos internacionais que regulamentam a profissão (LOPES, 2005).

Além disso, relatos evidenciam que até 1998, práticas da quiropraxia foram ensinadas no Brasil através de cursos informais não oficiais, ministrados por professores que não possuíam formação superior em quiropraxia ou tivessem passado por algum curso oficial da profissão que se enquadre nas diretrizes que a definem internacionalmente.

Atualmente, é uma das modalidades mais popularmente utilizadas de terapia manual, sendo exercida mundialmente e regulamentada por lei em cerca de quarenta países. O campo de abrangência e aderência à prática da quiropraxia é muito grande se comparado com o curto espaço de tempo em que essa notável ciência se espalha pelo mundo com resultados expressivos (OMS, 2001).

No entanto, a regulamentação do exercício da técnica varia entre os países, nos Estados Unidos, por exemplo, a quiropraxia detém o reconhecimento legal, possuindo universidades de ensino superior onde a profissão é regulamentada através de formação acadêmica consistente, ratificadas pela pesquisa científica, o que acaba satisfazendo as exigências dos órgãos de credenciamento (OMS, 2001).

De acordo com Maior (2004), o termo quiropraxista é aplicado ao profissional da área de saúde, em primeiro nível, que possui a habilidade para diferenciar e diagnosticar dentre as condições de saúde, aquelas que são passíveis de tratamento com quiropraxia, daquelas que exigem encaminhamento a outro profissional ou, até mesmo, o tratamento conjunto.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) apóia os países na utilização de técnicas e práticas inovadoras a serviço da saúde que sejam seguros e eficazes. Nesse contexto, a OMS regulamenta e corrobora com profissionais da área, da necessidade de se desenvolver diretrizes mundiais para a quiropraxia, no que se refere à formação

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

educacional complementar e segurança no exercício, baseadas em pesquisas de cunho científico.

E ainda, de acordo com a OMS (2005), o tratamento quiroprático é eficaz para alterações do sistema neuromusculoesquelético e dos efeitos da mesma na saúde em geral, além disso, previne e educa o paciente, quanto a um estilo de vida saudável. Aliado a isso, CHAPMAN-SMITH (2001) ressalta que é importante produzir profissionais de contato primário na área da saúde, em que expressem competência nos conhecimentos específicos de sua profissão e que sejam capazes de atuar tanto sozinhos quanto em equipes multidisciplinares.

Segundo Silva (2010), no Brasil, a quiropraxia ainda não está regulamentada por lei, como profissão, mas, vem sendo utilizada juntamente com outros recursos manipulativos e como uma das doze especialidades da Fisioterapia, sob a legislação vigente, por meio da resolução COFFITO número 220 de 23 de maio de 2001.

De acordo com essa resolução, os atos profissionais, cinesiológicos, manipulativos, diagnósticos e terapêuticos, são exclusivos do profissional fisioterapeuta. Atualmente, no Brasil são ofertados cursos de formação em quiropraxia nas modalidades de curso livre, de graduação (Centro Universitário Feevale em Novo Hamburgo, RS e Universidade Anhembi Morumbi em São Paulo, SP) e pós-graduação para fisioterapeutas.

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego do governo brasileiro classifica esta prática, quando separada da fisioterapia, dentro das ocupações de quem executa procedimentos terapêuticos auxiliares, de natureza manipulativa, energética e vibracional, para tratamentos de moléstias psiconeurofuncionais e musculoesqueléticas.

Outra classificação é a de fisioterapeuta quiropraxista enquanto profissional de saúde especializado nessa prática. Essa maneira de conceber a prática da quiropraxia está relacionada às tradições disciplinares fisioterápicas e às suas características socio-culturais que influenciam o planejamento do sistema de saúde, bem como às demandas geradas por nossa população.

Na Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA) foi arquivado o projeto de lei, PL 4199/2001, para a regulamentação da quiropraxia no Brasil, o qual defendia as atribuições da quiropraxia de uso exclusivo por profissionais graduados em quiropraxia, em 31 de janeiro de 2011.

4.1 PESQUISAS SOBRE QUIROPRAXIA

Os profissionais da área possuem um papel crucial de informar a população sobre a identidade profissional da quiropraxia. No passado, ela era vista como algo alternativo, e até mesmo não científico. Os fatos atuais apontam em uma direção oposta, a quiropraxia no Brasil segue o consenso mundial da profissão.

De acordo com Nelson (2005), deve-se introduzir no mercado público com

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

uma mensagem que seja completamente compatível com realidades sociais, econômicas, políticas e científicas atuais. Através de pesquisas científicas a quiropraxia poderá se tornar uma profissão amplamente difundida em todos os segmentos da sociedade atual.

Alguns trabalhos justificam a importância da prática, como o estudo desenvolvido por Howe, et al. (1983), que concluíram que a manipulação da coluna melhora a mobilidade cervical e diminui a dor e ainda, que pessoas apresentando queixas de dor lombar ou cervical, com devido tratamento quiroprático, apresentam uma melhora em relação às deficiências funcionais.

Wolk (1988) evidencia que pessoas com problemas da coluna, tratados por quiropraxistas tinham menos probabilidade de desenvolver lesões compensáveis e também menores chances de hospitalização. Bronfort (1999) conduziu a revisão de literatura concernente à eficácia do tratamento quiroprático em casos de dor lombar. O autor encontrou “evidência de eficácia em curto prazo para a terapia manipulativa da coluna, no tratamento da dor aguda da coluna lombar”.

As pesquisas envolvendo a quiropraxia vêm crescendo com os mais recentes trabalhos de conclusão de curso realizados por Zepelini (2005), estudando os ajustes quiropráticos cervicais nas alterações temporomandibulares; Rech (2007), que enfatizou a eficácia da quiropraxia nas algias cervicais e lombares, decorrentes da prática do surf e Calza (2011), abordando a quiropraxia nas queixas musculoesqueléticas em trabalhadores de uma malharia da Serra Gaúcha- RS, citando alguns exemplos.

A realidade é que a quiropraxia não tem sido utilizada nas grades curriculares da fisioterapia, tendo como um dos principais motivos a falta de incentivo de docentes universitários e de especializações, mesmo esta técnica sendo eficaz conforme a literatura preconiza.

CONCLUSÃO

Com base nesse estudo, concluímos que apesar das pesquisas sobre quiropraxia serem recentes, vêm mostrando resultados satisfatórios e, com isso, a necessidade de mais estudos nacionais nessa área é de grande importância para esta especialidade desenvolver-se com embasamento científico e deixar de ser tratada como uma terapia alternativa, como foi feita no princípio.

A fisioterapia defende o uso da quiropraxia como uma técnica de grande eficácia, porém, podemos identificar através do presente estudo que isso não tem sido comprovado através de artigos publicados, e que deveriam ser iniciados programas de incentivo pela busca e divulgação de resultados nessa área.

Diante do exposto e com base na revisão de literatura em escassos trabalhos publicados no país e nos inúmeros publicados no exterior, configurados nos documentos de Chapman-Smith (2001) e Baldwin et al., (2001), as mais recentes revisões sobre esta técnica editadas no Brasil e também nas aspirações dos profissionais competentes

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

e preocupações dos demais membros dos segmentos da área da saúde, voltados ao desenvolvimento da quiropraxia no Brasil, configurou-se a metodologia deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BALDWIN , M.L. Cost-effectiveness studies of medical and chiropractic care for occupational low back pain: A critical review of the literature. *Spine*, v.1, n.2, p. 138-147, 2001.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei 4199/2001 de 08 de março de 2001. Arquivado nos termos do Artigo 105 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados. *Publicação no DCD do dia 01/02/2011*. Brasília DF. 31 de janeiro de 2011.

BRASIL. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução n.o 220/2001 de 23 de maio de 2001. *Dispõe sobre o reconhecimento da Quiropraxia e da Osteopatia como especialidades do profissional Fisioterapeuta e dá outras providências*. Diário Oficial da União, DF, 05 jun., 2001.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego [internet]. *Classificação Brasileira de Ocupações. 2236 – Fisioterapeutas* – [acesso em 22/05/2012]. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego [internet]. *Classificação Brasileira de Ocupações. 3221 – Tecnólogos e técnicos em terapias alternativas e estéticas* – [acesso em 22/05/2012]. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>.

BRONFORT, G. Spinal Manipulation: Current State of Research and Its Indications. *Neurologic Clinics of North America* 17, no. 1: 91-111, 1999.

CANINI, S. R. M. S.; et al. Qualidade de vida de indivíduos com HIV/AIDS: uma revisão de literatura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. v.12, n.6, nov./dez, 2004.

CANTERA, Luís Costa; org. *Palpação: Técnicas e Procedimentos*. 1 ed. Novo Hamburgo. Feevale, 2006.

CHAPMAN-SMITH, D. A. *Quiropraxia uma profissão na área da saúde*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.

CPRQB – Comissão Pró-Regulamentação da Quiropraxia no Brasil. *Câmara dos Deputados: PL 4199/2001*. Brasília: 2006.

DA SILVA, C.V.; VIEGAS, F. *Uso de rbc para auxílio em atendimentos quiropráticos*. Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, 2008.

FIECHTNER, J. J.; BROUDEUR, R.R Manual and Manipulation Techniques for Rheumatic Disease. *Rheumatic Disease Clinics of North América*. n.26, p. 83-95, 2000.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

HOWE, D.H., NEWCOMBE, R.G. WADE, MT. Manipulation of the Cervical Spine-A Pilot Study. *Journal of the Royal College of General Practitioners* 33:574-579, 1983.

MAIOR, Evergisto Souto. *História da Quiropraxia no Brasil entre 1920 e 2004*. Novo Hamburgo: Feevale, 2004. Trabalho de conclusão de curso. Orientador Ricardo Fujicawa, 2004.

STRANG, V. V. *Essential Principles of chiropractic*. Davenport: Palmer College of Chiropractic. 1985.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; WORLD FEDERATION OF CHIROPRACTIC - OMS. *Diretrizes da OMS sobre a formação básica e a segurança em quiropraxia*. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2006.

MOSCHEM, E.D. *A abordagem quiroprática no estado emocional do corpo. Um estudo exploratório através da análise de expressões faciais*. Monografia de conclusão de curso. Centro Universitário Feevale, Nov, 2007.

PEDROL, S. *Quiropraxia: a arte de tratar com as mãos*. Sinte: sindicato dos terapeutas, 8p., 2008. Disponível em:
<http://sinte.com.br/holopedia/index.php?action=artikel&cat=35&id=205&artlang=pt-br>

SILVA, LÍZIA F.A. et al. Prática ilegal da quiropraxia por norte-americanos em populações socialmente vulneráveis no Estado de Santa Catarina: uma análise bioética. *Revista de Bioética*. 2010; 6 (1-4): 85-97

WOLK, S. An Analysis of Workers Compensation Medical Claims for Back-Related Injuries." *ACA Journal of Chiropractic* (July): 50-59, 1988.

GENERAL CONSIDERATIONS ABOUT CHIROPRACTIC AND THE NEED OF SCIENTIFIC PRODUCTION AND INNOVATIONS IN NATIONAL RESEARCHS ABOUT THIS THEME

ABSTRACT

The present study has the objective to highlight the importance of new studies on the concentration area of chiropractic. Through the theoretical framework it seeks to encourage and promote research with emphasis in this manual therapy technique. The professionals of this area have a crucial role to inform the public and the scientific community about the professional identity of chiropractic. This will only happen through innovative scientific research where the chiropractic could become a widespread in the physical therapy specialization and popular in all the segments of the actual society. Faced on an analysis based on the needs of chiropractors when it comes to information management, the support in decision making

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

and a review literature based on a few studies published in this country become the need to conduct research of based on case studies or technological innovations in order to start a program to encourage the pursuit and dissemination of scientific results related to the area.

Keywords: Chiropractic, Case Studies, Review Literature as Topic, Physical Therapy Modalities

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 21 de março de 2013

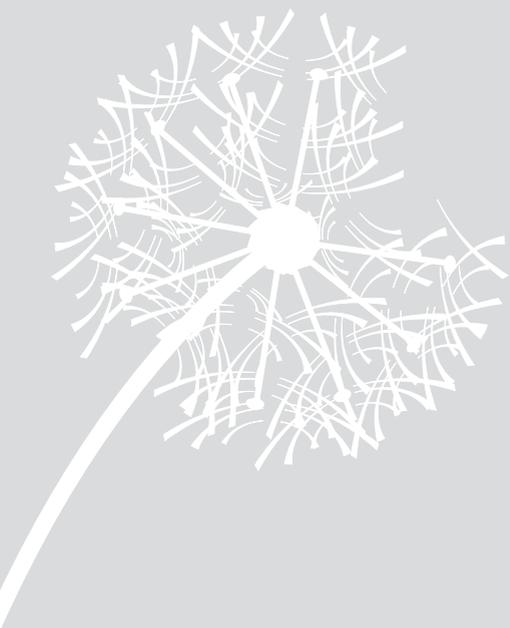
Aceito em: 30 de março de 2013

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

COUSIN SOBRINHO, Ewerton; TAGLIANI, Fernanda Ávila; OLIVEIRA, Jemerson José Polli. *Considerações Gerais Sobre a Quiropraxia e a Necessidade de Trabalhos Científicos e Inovações em Pesquisas Nacionais sobre o Tema*. Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 19-28, jul./dez. 2013.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	19 - 28	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------



CIÊNCIAS AGRÁRIAS



DIAGNÓSTICO DO PERFIL E DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DE CULTIVO DOS PRODUTORES CADASTRADOS NA FEIRA DO PRODUTOR NO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA-PR

Greice Daiane Rodrigues Gomes Redivo *

Gracielle Pavan **

Ana Carolina Kessler Assis ***

Alan Stadler***

RESUMO

A agricultura familiar, da qual fazem parte os pequenos e médios produtores rurais, contribuem com aproximadamente 60% da produção dos principais alimentos da família brasileira. Esse tipo de produção vem sendo cada vez mais responsável pelo abastecimento do mercado interno, que deixa de buscar produtos nos grandes centros produtores, valorizando a produção local e permitindo a permanência dessas famílias no campo com qualidade de vida, desenvolvimento econômico, emprego de mão-de-obra e redução da pobreza. O município de Guarapuava-PR inaugurou, no primeiro semestre de 2012, a feira do agricultor que disponibilizou a um grupo de 15 pequenos agricultores familiares, (provenientes do assentamento do INCRA “Paio de Telhas”) local específico para comercialização da sua produção. Baseado nesse contexto realizou-se um levantamento dos principais problemas de produção dos agricultores cadastrados na Feira do Produtor do município de Guarapuava-Pr com o objetivo de traçar o perfil sócio-econômico dos produtores, identificar os problemas de produção e de comercialização. Esse levantamento foi feito através da aplicação questionários socio-econômico e técnico pelos acadêmicos do curso de agronomia da Faculdade Campo Real, com supervisão dos professores envolvidos, aos produtores. O diagnóstico será utilizado para instalação de experimentos com os alunos para atender as problemáticas levantadas, a fim de promover o respaldo técnico aos agricultores, bem como o envolvimento dos acadêmicos de maneira prática e científica na realidade, contribuindo para a melhoria do trabalho dos pequenos produtores da região e, principalmente, beneficiando a formação dos futuros Engenheiros Agrônomos da instituição.

Palavras-chave: Agricultura familiar, horticultura, produção.

* Mestre em Agronomia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná(2010) e docente da Faculdade Campo Real (greicee@hotmail.com).

** Mestre em em Botânica pela Universidade Federal do Paraná (2008) e docente da Faculdade Campo Real (graciellepavan@gmail.com).

*** Acadêmicos do curso de Engenharia Agrônômica da Faculdade Campo Real.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

1. INTRODUÇÃO

As hortaliças são na sua grande maioria produzidas em pequenas propriedades rurais e ou familiares, pois se adaptam à produção em pequenas áreas ou mesmo em sistema de consorciação com outras culturas e possibilitam um retorno econômico rápido. Esse tipo de produção vem sendo cada vez mais responsável pelo abastecimento do mercado interno, que deixa de buscar produtos nos grandes centros produtores, valorizando a produção local, possibilitando a permanência dessas famílias no campo com qualidade de vida (EMBRAPA, 2007).

A agricultura voltada ao pequeno produtor pode ser considerada o principal agente de desenvolvimento do comércio local, pois o incentivo a esse segmento proporciona o desenvolvimento de outros setores econômicos, como, por exemplo, o setor de serviços nas pequenas e médias cidades no interior do país (XAVIER, 2004). Contudo, a falta de conhecimento, de profissionalização e de tecnologias modernas torna questionável os esforços deste empreendimento a longo prazo (NANTES; SCARPELLI, 2001).

Baseado nesse contexto será realizado um levantamento dos principais problemas de produção dos agricultores cadastrados na Feira do Produtor do município de Guarapuava-Pr com o objetivo de traçar o perfil sócio-econômico dos produtores, identificar os problemas de produção e de comercialização. Esse diagnóstico foi feito por meio da aplicação de questionários socioeconômico e técnico, aplicados aos produtores pelos acadêmicos do curso de Engenharia Agrônômica da Faculdade Campo Real, com supervisão dos professores envolvidos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO PAIOL DE TELHAS

Paio de Telhas é uma comunidade em situação bastante complexa e especial. Sua luta pelo retorno às terras de origem é lendária. A parcela melhor localizada do quilombo está no assentamento efetuado pelo INCRA, próximo à Vila Socorro no distrito de Entre Rios, município de Guarapuava, a 35 quilômetros de sua sede (MOURA, 2010).

Originalmente a comunidade negra habitava as terras da Invernada do Paio de Telhas que faziam parte da Fazenda Capão Grande, área também conhecida por Fundão, deixada para os escravizados e alguns libertos por testamento da fazendeira Dona Balbina Francisca de Siqueira, em 1860. Entretanto esses beneficiários foram totalmente expulsos por grileiros, jagunços e pistoleiros com aval de autoridades da época. O Fundão da Fazenda Capão Grande pertencia ao município de Guarapuava, mas, por divisão do território municipal, pertence hoje à Reserva do Iguaçu, onde parcela importante da comunidade está acampada em barracas de lona à beira da estrada em

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

frente às terras ancestrais, como baluartes da luta. São comandados pelo Sr. Domingos, que, ao lado de sua esposa Nália (ambos com mais de setenta anos) suas filhas, netos e demais quilombolas, mantém a chama da resistência acesa. O resto da comunidade, mais de trezentas famílias, está espalhada nas periferias das cidades de Guarapuava e de Pinhão, com parcelas significativas em situação de extrema necessidade, vivendo como catadores de papéis e/ou em outras funções semelhantes (SENE, 2010).

2.2. AGRICULTURA FAMILIAR

A chamada agricultura familiar é constituída por pequenos e médios produtores e representa a imensa maioria de produtores rurais no Brasil. São cerca de 4,5 milhões de estabelecimentos, dos quais 50% no Nordeste. O segmento detém 20% das terras e responde por 30% da produção global. Em alguns produtos básicos da dieta do brasileiro como o feijão, arroz, milho, hortaliças, mandioca e pequenos animais chega a ser responsável por 60% da produção. Em geral, são agricultores com baixo nível de escolaridade e diversificam os produtos cultivados para diluir custos, aumentar a renda e aproveitar as oportunidades de oferta ambiental e disponibilidade de mão-de-obra (ALTAFIN, 2012).

No Brasil, os que hoje são chamados de agricultores familiares já receberam (e ainda recebem) diferentes nomes. Martins (1986) lembra que, no contexto de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraná, o homem rural é conhecido como roceiro e caipira. No nordeste, denomina-se tabaréu. Em diferentes regiões do País, encontra-se o caboclo. Muitas terminologias foram empregadas historicamente para se referir ao mesmo sujeito: camponês, pequeno produtor, lavrador, agricultor de subsistência, agricultor familiar. A substituição de termos obedece, em parte, à própria evolução do contexto social e às transformações sofridas pela categoria, mas é resultado também de novas percepções sobre o mesmo sujeito social. Para o autor, todas são palavras de duplo sentido. Fazem referência a agricultor, a quem vive no campo, mas também indicam uma pessoa rústica, atrasada e ingênua. São palavras depreciativas, ofensivas, muitas vezes relacionadas à preguiça, a pouca disposição para o trabalho. Para Martins (1986), houve uma camuflagem conceitual devido ao fato de, no Brasil, termos uma história urbana, que participam do pacto político, do qual o camponês é excluído e pelo qual é visto como um ator inferior, não essencial.

Hoje em dia, a agricultura familiar é composta principalmente pelas famílias assentadas por programas de reforma agrária, família de seringueiros, ribeirinhos, extrativistas, famílias atingidas por barragens, famílias indígenas e de quilombolas. Temos que romper com a identificação automática entre agricultura familiar e pobreza, pois ela não pode ser tomada como sinônimo de pequena produção. (EMBRAPA, 2012). A partir dos anos 90 vem se observando um crescente interesse pela agricultura familiar no Brasil. Tal interesse se materializou em políticas públicas, como o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) e na criação do

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), além do revigoramento da Reforma Agrária. A formulação das políticas favoráveis à agricultura familiar e à Reforma Agrária obedeceu, em boa medida, às reivindicações das organizações de trabalhadores rurais e à pressão dos movimentos sociais organizados, mas está fundamentada também em formulações conceituais desenvolvidas pela comunidade acadêmica nacional e apoiada em modelos de interpretação de agências multilaterais, como a FAO, o IICA e o Banco Mundial (ABRAMOVAY, 1992).

O PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – foi criado, em 1995, com o objetivo de fortalecer a agricultura familiar, mediante apoio técnico e financeiro, criado pelo governo federal através do Decreto nº 1946, visando a propiciar condições para o aumento da capacidade produtiva, a geração de empregos e a elevação da renda para os beneficiados. O desenvolvimento rural sustentável Crédito Rural - Atividades e Itens Financiados: 1. Bovinos, Ovinos, Caprinos, Suínos, Aves e Animais para serviço. 2. Pescadores, Apicultores, Criação de Peixes e Mariscos. 3. Equipamentos e Infra-estrutura produtiva. 4. Agroindústrias de Farinhas, Conservas, Doces, Laticínios, Polpas, Castanhos e Mel. 5. Frutas, Hortaliças, Culturas irrigadas. 6. Artesanato, Comércio, Indústrias e Prestação de serviços. 7. Extrativismo, Mineração e Florestas (*Ministério do Desenvolvimento Agrário*).

O modelo familiar teria como característica a relação íntima entre trabalho e gestão, a direção do processo produtivo conduzido pelos proprietários, a ênfase na diversificação produtiva e na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida, a utilização do trabalho assalariado em caráter complementar e a tomada de decisões imediatas, ligadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo (FAO/INCRA, 1994).

A escolha da agricultura familiar está relacionada com a multifuncionalidade da agricultura familiar, que além de produzir alimentos e matérias-primas, gera mais de 80% da ocupação no setor rural e favorece o emprego de práticas produtivas ecologicamente mais equilibradas, como a diversificação de cultivos, o menor uso de insumos industriais e a preservação do patrimônio genético (GUANZIROLI e CARDIM, 2000).

Com todo o potencial de desenvolvimento socioeconômico que o setor possui, a agricultura familiar ainda sofre com a inadequação das políticas públicas: terra insuficiente, de má qualidade em áreas marginais para a produção e, em muitos casos, não detém o título de domínio, crédito rural insuficiente, inadequado e burocratizado; tecnologia gerada não atende às suas necessidades; instituições de assistência técnica e extensão rural que não atende a sua demanda; dificuldades de comercialização; restrições aos subsídios e falta de um mercado organizado a nível municipal (VEIGA, 1998).

Analisando as variáveis tecnológicas e político-institucionais há dois fatores fundamentais para o desenvolvimento da agricultura familiar: a) a massificação de informação organizada e adequada usando os modernos meios de comunicação de massa (TV, Rádio e internet) e b) a melhoria da capacidade organizacional dos produtores

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

com o objetivo de ganhar escala, buscar nichos de mercado, agregar valor à produção e encontrar novas alternativas para o uso da terra como, por exemplo, o turismo rural (EMBRAPA, 2012).

2.3. AGROECOLOGIA

O pensamento agroecológico resgata a figura do camponês e valoriza seus conhecimentos, sobretudo, em relação ao convívio com o meio ambiente, apreendido através de gerações de interação do homem com os recursos naturais (CAPORAL e COSTABEBER, 2002).

Na agroecologia, segundo Altieri (2002), os objetivos de um programa de desenvolvimento rural seriam: 1) Segurança alimentar com valorização de produtos tradicionais e conservação de germoplasma de variedades cultivadas locais; 2) Resgatar e reavaliar o conhecimento das tecnologias camponesas; 3) Promover o uso eficiente dos recursos locais; 4) Aumentar a diversidade vegetal e animal de modo a diminuir os riscos; 5) Reduzir o uso de insumos externos; 6) Busca de novas relações de mercado e organização social.

O desenvolvimento rural, sob essa ótica, representa uma tentativa de ir além da modernização técnico-produtiva, apresentando-se como uma estratégia de sobrevivência das unidades familiares que buscam sua reprodução. O modelo não é mais o do agricultor-empresário, mas o do agricultor-camponês que domina tecnologias, toma decisões sobre o modo de produzir e trabalhar (SCHNEIDER, 2003). Contudo, a agroecologia não está pensando numa agricultura apenas de subsistência, mas a integração ao mercado de produtos e insumos deve ser olhada com cautela, para não aumentar a dependência do produtor. Por outro lado, tem que reconhecer que os autores que enfatizam a necessidade de modernizar a agricultura familiar também não deixam de reconhecer os impactos ambientais e sociais que muitas das chamadas técnicas modernas têm provocado ou poderão vir a provocar.

Em síntese, há consenso sobre a necessidade de construir uma agricultura mais sustentável que considere os aspectos sociais e ambientais, além dos aspectos econômicos bem como sobre a importância dos agricultores familiares na construção desse novo modelo, mas ainda há divergências sobre os modelos mais apropriados para que a agricultura familiar atinja esses objetivos. Há uma linha que defende maior competitividade e integração nos mercados e o enfoque agroecológico que se fundamenta numa profunda mudança no modelo tecnológico, na organização da produção e até mesmo numa mudança de valores e na própria organização da sociedade (LEFF, ENRIQUE, 2002).

3 METODOLOGIA

Foram aplicados questionários socioeconômico e técnico aos agricultores da

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

região em questão pelos acadêmicos do curso de agronomia da Faculdade Campo Real, com supervisão dos professores envolvidos, a fim de realizar um levantamento de como ocorre a organização da propriedade e das principais dificuldades que os agricultores do assentamento Paiol de Telhas possuem.

Os questionários foram aplicados nas instalações da feira do produtor e durante visitas à comunidade Paiol de Telhas, a fim de abranger todas as famílias cadastradas na Feira do Produtor. As visitas ainda tinham o intuito de conhecer o assentamento.

4 RESULTADOS PRELIMINARES

De acordo com o portal Cidadania do Governo Federal hoje estão cadastradas 61 famílias no assentamento Paiol de Telhas. Hoje essas famílias estão recebendo o apoio da secretaria da agricultura do município de Guarapuava-PR o qual, por meio da implementação de panificadoras, a inauguração da feira do produtor e a eco-feira abriu possibilidades de melhoria para esses produtores. Tais iniciativas são iniciais, desse modo, precisam avançar mais, pois os programas implantados não estão se mostrando totalmente eficiente para que o agricultor possa aumentar a sua produção a um nível que traga a ele rentabilidade suficiente para suprir suas necessidades básicas e lucro para investir em sua propriedade.

Com a análise de cada questionário foi observado que os produtos agrícolas que mais geram renda nas propriedades, em ordem de importância, seriam hortaliças, leite, panificação e feijão, seguidos de mandioca e cheiro verde.

A maioria dos produtores recebe da prefeitura alguns incentivos como insumos e estufas, mas devido à falta de capacitação técnica, o uso desses materiais torna-se pouco eficiente, pois os produtores não têm orientação técnica para a sua utilização adequada.

Hortaliças, leite e panificação, são os itens que propiciam maior renda, pois fazem parte de projetos da prefeitura, tais como: Ecofeira, Merenda Escolar e a Feira do Produtor. Esses produtos garantem renda através de cotas anuais de entrega. Entretanto as cotas não são suficientes para o desenvolvimento da propriedade, pois os produtos solicitados são sempre os mesmos e, para manutenção da mesma, se faz necessária uma diversificação da produção.

As maiores dificuldade relatadas pelos agricultores foram: condições financeiras, pragas, comercialização e capacitação. A dificuldade em relação ao financeiro se deve a endividamentos de todo o grupo adquiridos no início do assentamento, os produtores estão incapacitados de quitar suas dívidas, bloqueando créditos futuros para financiar a produção.

Na parte de produção, as pragas ou insetos estariam prejudicando o aumento da produtividade e os agricultores não sabem identificar quais seriam essas pragas. Esse item seria uma das etapas seguintes do projeto descrito aqui, identificar, quantificar e testar tecnologias que melhor se adequariam a realidade deles.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Outra problemática é a dificuldade para comercialização, pois a Feira do Produtor foi inaugurada neste ano e ainda falta público, seja por cultura ou hábito da população de visitar a feira. Outro fator observado seria a dificuldade de entregar os produtos nas redes de supermercado locais, que são supridos pela SEASA - Curitiba, ou até mesmo com produção própria, o que impossibilita a própria expansão da produção, ou seja, faltam pontos de venda.

A renda gerada com a comercialização dos produtos é a única fonte de renda de 50% das famílias entrevistadas, os outros 50% possuem outro tipo de renda que auxiliam na provisão de recursos, como bolsas auxílios do Governo Federal.

A capacitação é outro item relacionado, pois as técnicas de plantio também têm contribuído para agravar a situação dos produtores que possuem apenas o conhecimento empírico e pouco conhecimento técnico, o que faz aumentar o grau de dificuldades no manejo de pragas e doenças que ocorrem em suas produções, diminuindo a qualidade dos produtos que seriam comercializados.

O uso de produtos químicos indiscriminadamente já vem trazendo consequências à comunidade, a falta de acesso à água seria uma delas, pois a fonte principal são poços artesianos, que, na maioria das vezes, estão contaminados por produtos químicos de propriedades vizinhas de maior porte que, por sua vez, cercam a região do assentamento Paiol de Telhas. Além disso, ao utilizar inseticidas nas grandes propriedades, faz-se com que as pragas migrem para a área dos pequenos produtores, o que é um fator agravante, pois o controle na pequena propriedade tende a ser ecológico, dificultando o manejo.

CONCLUSÃO

Faz se necessária uma atuação maior de entidades ligadas à agricultura local e até mesmo ligadas ao comércio para firmar parcerias com bares, restaurantes, lanchonetes e estabelecimentos afins que possibilitem aumentar a demanda local por Hortifruti.

Com as dificuldades relatadas fica evidente que os pequenos agricultores precisam de uma assistência técnica mais efetiva e constante, que possa analisar as reais dificuldades.

A agricultura familiar precisa de gestão de planejamento da propriedade dentro da linguagem e de sua realidade.

Elaboração de projetos de capacitação contínuo dos produtores e seus familiares, abrangendo os filhos, pois são eles que irão ou não conduzir a propriedade dependendo da direção que a propriedade tiver a curto e médio prazo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. São Paulo: HUCITEC/ UNICAMP, 1992, 275 p.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

ALTIERI, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba-RS: Agropecuária, 2002, 592 p.

BITTENCOURT, G. A.; BIANCHINI, V. *Agricultura familiar na região sul do Brasil*, Consultoria UTF/036-FAO/INCRA, 1996.

BUAINAIM, A. M.; ROMEIRO, A; *A agricultura familiar no Brasil: agricultura familiar e sistemas de produção*. Projeto: UTF/BRA/051/BRA. Março de 2000. 62p. Disponível em:<http://www.incra.gov.br/fao>

CARMO, R.B.A. *A Questão Agrária e o Perfil da Agricultura Brasileira 1999* Disponível em <http://www.cria.org.br/gip/gipaf/itens/pub/sober>. Acesso em junho 2001.

CARMO, M.S.; SALLES, J.T.A. *Sistemas familiares de produção agrícola e o desenvolvimento sustentado*. In ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 1998, Florianópolis. Anais. Disponível em <<http://gipaf.cnptia.embrapa.br/itens/publ/sbs3/html>>.

DAROLT, R. M.NETO, F. S. *Sistema de Plantio Direto em Agricultura Orgânica*. Ponta Grossa, PR, p. 7, ano 2002.

FAO/INCRA *Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável*. Brasília, Versão resumida do Relatório Final do Projeto UTF/BRA/036, março, 1994.

LEFF, Enrique. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002

GONÇALVES, J. S.; SOUZA, S. A. M. *Agricultura familiar: limites do conceito e evolução do crédito*. Artigos: políticas públicas. Instituto de Economia Agrícola Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=2521>>. Acesso em 25 jul. 2005.

GUANZIROLI, C.; CARDIM, S. E. (Coord.). *Novo Retrato da Agricultura Familiar: O Brasil redescoberto*. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica FAO/INCRA, fev/2000. 74 p. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/fao/pub3.html>.

LIMA, F.S. *Produção de Orgânicos: A Inserção da Pequena Propriedade no contexto econômico, Social e Ambiental*. Presidente Prudente. Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Presidente Prudente, 2005. 55p. *Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)*. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf> acessado em 20/11/2012.

MARIADE, A. ASSIS, R. L. *Agricultura Orgânica em áreas Urbanas e Periurbanas com Base na Agroecologia*. Campinas, V. 1, N. 1, p. 137-150. Jan. Jun. 2007

MOURA, Clovis. *Microrregião de Guarapuava – Reserva do Iguazu – Pinhão CRQ Invernada Paiol de Telha*. 2010. Disponível em <http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=38> – Acessado em 28/11/12.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

ORMOND, J. G. P. PAULA, S. R. L. FILHO, P. F. ROCHA, L. T. M. *Agricultura Orgânica: Quando o Passado é Futuro*. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, mar. 2002.

PORTUGAL, A. D. *O Desafio da Agricultura Familiar*. Disponível em :<<http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2002/artigo.2004-12-07.2590963189/>>. Acesso em 28/11/2012.

SCHNEIDER, S. *Desenvolvimento Rural Regional e articulações extra-regionais*. In: Anais do I Fórum Internacional: Território, Desenvolvimento Rural e Democracia. Fortaleza-CE, 16 a 19 de novembro 2003.

_____. *Agricultura familiar e pluriatividade*. 1999. 470p. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFRGS, Porto Alegre, 1999.

_____. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n.51, p. 99-121, 2003.

SENE, Roberto Revelino. *Caso Paiol de Telha: uma história dos descendentes de negros escravizados frente à expropriação de terras em Guarapuava* – Pr. 2010. Disponível http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/caso-paiol-telha-uma-historia-dos-descendentes-negros-escravizados-frente/id/37720630.html Acesso em 28/11/12.

SOUZA, F. A. AQUINO, A. M. RICCI, M. S. F. FEIDEN, A. *Compostagem*. Seropedica, RJ, P 1-10, N 50, dez.2001.

VEIGA, J. E. ; FAVARETO, A. ; AZEVEDO, C.M.A. ;BITTENCOURT, G. ; VECCHIATTI, K. ; MAGALHÃES, R. ; JORGE, R. *O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento, Brasília: Convênio FIPE-IICA(MDA/CNDRS/NEAD)*, 2001. 108 p. Disponível em:<http://www.nead.org.br/index.php?acao=bibliotecapublicacaoID=112>.

VEIGA, J. *O Brasil precisa de um Projeto*. In: *Anais do 36 Encontro da Sociedade brasileira de Economia e Sociologia Rural*. Poços de Caldas, Minas Gerais, 10 a 14 de agosto de 1998.

WANDERLEY, M.N.B. *A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção*. Reforma Agrária, Campinas, v.25, n. 2/3, p.37-47,1995.

WANDERLEY, N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO (Org.) *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo- RS: UPF, 2001, 405 p.

_____. Territorialidade e ruralidade no Nordeste: por um pacto social e pelo desenvolvimento rural. In: SABOURIN, E.; TEXEIRA, O. (orgs.). *Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais: conceitos, controvérsias e experiências*. Brasília: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2002, p. 41-52.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

DIAGNOSING THE PROFILE AND MAIN PROBLEMS ON THE CULTIVATION FROM PRODUCERS REGISTERED IN THE PRODUCER FAIR IN THE CITY OF GUARAPUAVA-PR

ABSTRACT

Family agriculture, which includes small and average farmers, contributes with about 60% of the production of the staple food of Brazilian families. Most of the food that goes to our table comes from small farms, like for example, vegetables, since they adapt to small areas or even a partnership system with other cultures and enable quick benefits. This kind of production has become more and more responsible for the food supply in the national market, which stops searching for products from big producers, valuing local production and allowing these families to stay in the country with life quality, economic development, use of work force and poverty reduction. It has been noticed that one of the difficulties of small farmers is to produce in large quantities, thus losing competitiveness in the market. This happens mainly due to activities which require scale economy, that is, the big amount produced ends up thinning the costs of production, which is the case of great part of goods. The city of Guarapuava-PR has launched in the first semester of 2012 the producer fair, which provided a group of 15 small farmers (from the INCRA settlement called *Paiol de telhas*) with a specific place to sell the production, which was expected for a long time. Based on that an analysis of the main problems on production was conducted with the producers registered on the Producer Fair of Guarapuava-PR with the aim of identifying their socio-economic profile, the problems in the production and commerce, which was done through socio-economic and technical questionnaires that were applied by the students of agronomy at Campo Real College, with the supervision of the involved teachers. The first step of the work was concluded and showed that the community needs administration and short, medium and long term planning, because the biggest problems identified were financial issues, plagues, commerce and empowerment. The diagnosis will be used to install experiments with the students on the problems pointed out in order to provide the technical support to farmers, as well as involving the students in a practical and scientific way, contributing for better work of the small producers in the region and, mainly, benefitting the formation of agriculturists-to-be from our college.

Keywords: Family agriculture, horticulture, production.

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 09 de dezembro de 2012

Aceito em: 30 de janeiro de 2013

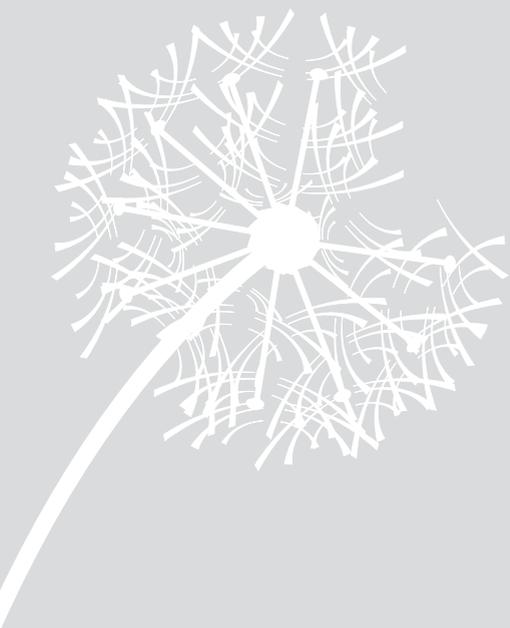
INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

REDIVO, Greice Daiane Rodrigues Gomes *et al.* *Diagnóstico do Perfil e dos Principais Problemas de Cultivo dos Produtores Cadastrados na Feira do Produtor no Município de Guarapuava-PR*. Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 31-42, jul./dez. 2013.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	31 - 42	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------



CIÊNCIAS SOCIAIS
E APLICADAS

LEI 12.403/11: (IM)PERTINÊNCIA?

Guilherme Schroeder Abreu *

RESUMO

Desde sua entrada em vigor (1942), o Código de Processo Penal é alvo de reformas legislativas, muitas das quais, comprometem a higidez do modelo processual (inquisitório) deste diploma legal. Nessa constante mutação não criteriosa, surge a Lei 12.403/11, a qual trata de matéria atinente à prisão e medidas cautelares, cuja aplicação se opera antes do trânsito em julgado de um eventual decreto condenatório. O objetivo está, ao revés da análise minudente dos diversos artigos, em investigar e refletir sobre a pertinência da reforma. Isso porque, se a referência deve ser a Constituição, desta evidenciam-se duas opções: presunção de inocência e a adoção implícita do modelo acusatório. Se o parâmetro é constitucional e o tratamento no que tange à prisão e medidas cautelares é excepcional, ante a regra liberdade, qual a finalidade, então, da Lei 12.403/11?

Palavras-chave: prisão. Lei 12.403/11. Pertinência. Constituição. Efetividade.

* Mestre em Direito do Estado pela UFPR. Especialista em Direito Criminal pela UniCuritiba. Especialista em Direito Tributário pelo IBEJ. Professor da Faculdade Campo Real/Guarapuava-PR. (prof.guilhermeabreu@gmail.com)

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

1 INTRODUÇÃO

Toda reforma legislativa desperta, antes mesmo de se tornar lei, reflexão pela comunidade jurídica, muitas vezes a coincidir a data da publicação daquela com a venda dos manuais atinentes ao novo tema.

Não obstante, esta sanha produtiva e econômica que se revela, mesmo que já passado algum tempo da publicação da Lei 12.403/11, ainda há lugar para a elaboração de ponderações que, por opção, não estarão no senso comum da apreciação individualizada dos dispositivos legais da Lei ora referida, mas sim na sua essência, seja quanto aos efeitos positivos ou negativos, seja quanto à pertinência.

Sendo assim, a resposta ao que se propôs no parágrafo anterior compreenderá: a) A concepção de sistema e sua adoção pelo processo penal; b) O contexto da prisão cautelar nos modelos processuais penais²; c) A Lei 12.403/11: pertinência e efeitos.

2 SISTEMA E PROCESSO PENAL

Todo sistema, tendo em vista seu significado, nos conduz à ideia de ordem, de organização, a fim de propiciar seu funcionamento consoante o modo pelo qual foi engendrado.

Neste sentido, Ferraz Jr (1976, p. 9) define-o como uma “totalidade construída, composta de várias partes”, a recair num “todo fechado, onde a relação deste com suas partes entre si, estão perfeitamente determinadas segundo regras lógicas de dedução [...], cujo princípio básico propõe uma relação de identidade entre o todo e a soma das partes”.

Em suma, mas agora pela concepção de Bobbio (1999, p. 71), trata-se de “uma totalidade ordenada, um conjunto de entes entre os quais existe uma certa ordem”.

Essas definições têm lugar também no Processo Penal que, independente do sistema que lhe é aplicado (acusatório ou inquisitório) é composto por elementos que, por dedução, irão conseqüentemente propiciar a diferenciação entre eles. Descarta-se aqui a alusão ao sistema misto, porque consoante Lopes Jr (2005, p. 169):

Daí estar com plena razão JACINTO COUTINHO quando explica que não há – nem pode haver – um princípio misto, o que, por evidente, desconfigura o dito sistema. Para o autor, os sistemas, assim como os paradigmas e os tipos ideais, não podem ser mistos; eles são informados por um princípio unificador. Logo, na essência, o sistema é sempre puro. E explica, à continuação, que o fato de ser misto significa ser, na essência, inquisitório ou acusatório, recebendo a referida adjetivação por conta dos elementos (todos secundários), que de um sistema são emprestados ao outro.

Assim, se o processo penal é sistêmico, seus institutos devem obedecer à lógica do sistema (acusatório ou inquisitório), que no âmbito brasileiro não permaneceu a

² Os sistemas não serão abordados em sua integralidade, mas apenas as características que se relacionam com o tema.

mesma se considerados o Código de 1941 e a Constituição Federal de 1988. Almeja-se, portanto, evidenciar que a realidade histórica vivenciada é influente no sistema processual penal a ser adotado, cuja afetação deve ser acompanhada pelo legislador e pelo operador do Direito.

Sendo assim, no intuito de justificar a pertinência da Lei 12.403/11, o que se quer, por hora, é revelar o contexto do instituto da prisão cautelar, consoante os momentos históricos do Código de Processo Penal de 1941 e da Constituição Federal de 1988, em consonância, é claro, com os sistemas processuais penais que lhe são inerentes (inquisitório e acusatório).

3 A PRISÃO CAUTELAR NOS MODELOS PROCESSUAIS PENAIIS

3.1 SISTEMA INQUISITÓRIO

O Processo Penal, ao adotar um dos sistemas mencionados (acusatório ou inquisitório) deve, por lógica, compor-se de regras processuais condizentes ao sistema eleito, ou seja, com harmonização ao modelo/regras inerente.

As disposições legais compreendidas no Código de Processo Penal de 1941 revelam a adoção do modelo/sistema inquisitório, uma vez que seu elemento central - gestão da prova - também poder recair no juiz. Neste sentido, Lopes Jr (2005, p. 168):

Então, no que se refere aos sistemas, o ponto nevrálgico é a identificação de seu núcleo, ou seja, do princípio informador, pois é ele quem vai definir se o sistema é inquisitório ou acusatório e não os elementos acessórios (oralidade, publicidade, separação de atividades, etc.). Como afirmamos anteriormente, o processo tem como finalidade (além do explicado no Capítulo I) buscar a reconstituição de um fato histórico (o crime é sempre passado, logo, fato histórico), de modo que a gestão da prova é erigida a espinhal dorsal do processo penal.

Ante esta opção, e ainda em alusão aos elementos do modelo eleito, mas com enfoque na prisão cautelar, destaca-se que a condição do acusado em geral (em fase pré e processual) é de presumido culpado. A corroborar com esta conclusão expõe Rosa (2006, p. 138) raciocínio oposto ao da presunção de inocência:

A tradição 'Inquisitória' herdada solapa esta garantia, partindo da prévia contenção do agente que é ainda mero acusado, na melhor perspectiva da 'Criminologia Positiva', segundo a qual o desviante, dada sua *periculosidade*, deve ser objeto de atenção estatal, para evitar uma hipotética violação da sociedade, tudo em nome da 'Defesa Social'.

Esta presunção (culpa) desperta, por consequência, que o acusado não definitivamente condenado deve submeter-se ao devido processo legal, em regra, com a liberdade cerceada, a revelar, portanto, que o momento histórico de elaboração do Código era ideologicamente de controle. Novamente Rosa (2006, p. 294) acrescenta por intermédio de Coutinho:

A CR de 88 traçou, como se sabe, uma base capaz de, sem muito boa vontade, enter-

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

rar grande parte do atual CPP, marcado pela concepção fascista do processo penal e ancorado na tradição inquisitória, inclusive da fase processual da persecução, só não percebida por todos em razão da pouca perquirição que se faz das suas matrizes ideológica e teóricas [...].

Diante, portanto, de uma prisão cautelar como regra, colaciona-se da redação original do Código de Processo Penal de 1941 as hipóteses excepcionais de liberdade provisória³ tais como: a de *livrar-se solto* do antigo artigo 321, a qual em atendimento ao princípio da proporcionalidade, vedava a prisão cautelar em crimes cuja pena não fosse de privação de liberdade ou não excedente a três meses; aos que fossem presos em flagrante nas hipóteses excludentes de ilicitude, consoante previa o art. 310; e pelo juízo negativo das hipóteses previstas nos artigos 323 e 324 do Código, a propiciar liberdade provisória com fiança.

Portanto, extrai-se por raciocínio oposto ao acima mencionado que, pela redação original do Código: a) A prisão cautelar era a regra; b) A liberdade do não condenado definitivamente era provisória e restrita às hipóteses elencadas; c) A coerência entre o modelo eleito (inquisitório) com as regras da prisão cautelar, a revelar controle e presunção de culpabilidade.

Ademais, deve-se enfatizar o legado desta opção sistêmica, a mentalidade inquisitória ao operador do direito, conforme é passível de dedução pelo comentário de ROSAS (2013, p. 136) ao afirmar que “parcela majoritária da magistratura entende que a prisão cautelar torna as cidades seguras, o acusado deve permanecer preso antecipadamente, quem sabe cumprir toda a pena, até que se confirme a decisão. Pensam conforme a matriz inquisitória”. Uma vez que conveniente, referido legado será novamente salientado.

3.2 SISTEMA ACUSATÓRIO

A adoção implícita do modelo acusatório pela Constituição Federal de 1988 (passível de constatação ante uma abordagem contextualizada) revela dentre os elementos desse sistema, a equidistância do juiz na produção/instrução probatória, assumindo assim, postura de guardião do equilíbrio na relação processual penal eventualmente instaurada e a garantir, por consequência, sua imparcialidade.

No sentido da adoção implícita do modelo acusatório, Prado (2006, p. 195):

Assim, se aceitarmos que a norma constitucional que assegura ao Ministério Público a privatividade do exercício da ação, e a que, aderindo a tudo, assegura o julgamento por juiz competente e imparcial, são elementares do princípio acusatório, chegaremos à conclusão de que, embora não o diga expressamente, a Constituição da República o adotou.

3 Expressão justificada por LOPES JR, o qual, ao revelar a prisão cautelar como regra, neste modelo autoritário, lógico seria que a liberdade, excepcionalmente possível, fosse provisória.

Para o contexto da prisão, esse modelo identifica-se a um tratamento oposto ao previsto ao acusado no âmbito do sistema inquisitório, pois deixa de considerá-lo como um objeto de extração de informações (elementos de investigação e provas) e passa a tratá-lo como um sujeito de direitos, os quais devem ser observados pela sociedade e notadamente pelo Estado-Juiz. A comprovar esta mudança de estado, Lopes Jr. (2005, p. 155):

O sistema acusatório é um imperativo do moderno processo penal, frente à atual estrutura social e política do Estado. Assegura a imparcialidade e a tranquilidade psicológica do juiz que irá sentenciar, garantindo o trato digno e respeitoso com o acusado, que deixa de ser um mero objeto para assumir sua posição de autêntica parte passiva do processo penal.

Diante dessa nova condição de sujeito de direitos, revela-se, por opção constitucional, a garantia da presunção de inocência, prevista no art. 5º LVII, responsável por desencadear um raciocínio lógico no qual a prisão cautelar passa a ser uma exceção, a exigir a demonstração (justificação) de sua necessidade, sem que se olvide dos princípios que a norteiam⁴.

Assim, a Constituição de 1988 retrata um novo contexto histórico e ideológico, calcado em um Estado Democrático de Direitos, onde o processo é um instrumento para a implementação das garantias previstas constitucionalmente. Nesse sentido Prado (2006, p. 28) referindo-se a Dinamarco:

O processualista moderno adquiriu a consciência de que, como instrumento a serviço da ordem constitucional, o processo precisa refletir as bases do regime democrático, nela proclamadas; ele é, por assim dizer, o microsomo democrático do Estado de direito, com as conotações da liberdade, igualdade e participação (contraditório), em clima de legalidade e reponsabilidade.

Portanto, com a finalidade proposta, revela-se o processo com um limitador ao “jus puniendi” Estatal.

3.3 PARADOXO SISTÊMICO E SUA SOLUÇÃO

Conforme foi possível perceber, se está diante de um Código de Processo Penal de cunho inquisitório e uma Constituição Federal de natureza acusatória. Qual a solução a esse impasse?

Pelo critério de solução de antinomias hierárquico, a prevalência é da Constituição Federal em face do Código. Assim, consoante à doutrina prefere mencionar, há necessidade de se fazer uma oxigenação constitucional do Código de 1941. A corroborar com o exposto é o raciocínio de Souza Netto (2008, p. 33):

⁴ Por exemplo, a proporcionalidade.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Entretanto, com a nova ordem jurídica trazida em 08.10.1988, com a promulgação da Constituição Federal, vários dispositivos do Código de Processo Penal foram revogados ou derogados, em face de não terem sido recepcionados. Com efeito, muitos de seus dispositivos estão a merecer uma releitura ante certos princípios consagrados na nova ordem constitucional.

Portanto, desde 1988, a prisão cautelar tal como concebida ideologicamente no Código de Processo Penal, devia e deve ceder à realidade estatuída pela Constituição, qual seja: de possibilitar o cerceamento da liberdade, mas no âmbito da restrição, quando efetivamente necessária, útil, ou seja, instrumental ao processo.

Não obstante a solução referida, esta mudança de mentalidade foi assimilada pelo operador do direito? Reitera-se, então, a proposição do último parágrafo do subitem 2.1, qual seja: a dificuldade de suplantar a herança inquisitória do Código de 1941. Se há esta dificuldade, motivos devem existir para a não adoção da nova realidade ditada pela Constituição, notadamente, em relação aos membros do Poder Judiciário. Nesse sentido, a revelar um pouco de ceticismo em relação ao possível novo Código de Processo Penal, dispõe COUTINHO (2009, p. 9): “Enfim, pode-se ter um novo CPP, constitucionalmente fundado e democraticamente construído, *mas ele será somente linguagem se a mentalidade não mudar.*”

Longe da pretensão em estabelecer verdade absoluta, até porque seria inconveniente e inquisitório, apontam-se como fatores de reiteração da mentalidade inquisitória, embora estejamos num contexto acusatório: a) O ensino jurídico arraigado na legislação infraconstitucional; b) O concurso público, em regra, preso também à legislação referida e sem contextualização constitucional e, c) O desconhecimento pela maioria dos magistrados de que o Processo Penal é sistêmico, uma vez que forjados e aprovados na realidade das duas alíneas mencionadas. (ABREU, 2008, p. 90-106)

Ao ainda persistir esta mentalidade crepitante (inquisitória), é que se justifica, portanto, a conveniência em tratar da (im)pertinência e efeitos da Lei 12.403/11.

4 LEI 12.403/11: PERTINÊNCIA E EFEITOS

Conforme salientado, a finalidade desta abordagem está, não no comentário dos dispositivos legais alterados, mas em refletir sobre o objetivo da Lei 12.403/11.

Essa reflexão origina-se do desiderato do legislador em propiciar o desabarroamento das delegacias e centros de detenção provisória, por meio de certos mecanismos dispostos na lei. A evidenciar este excesso e em contrapartida a criação de novas medidas cautelares, Gomes e Marques (2011, p. 15-16):

Por força do alto índice de prisões cautelares, era mesmo necessário cuidar de medidas alternativas para elas. A nova lei, nesse sentido, sinaliza com o respeito aos princípios da tipicidade da prisão cautelar, da duração razoável da prisão cautelar, da dignidade humana dos presos, da duração razoável do processo e da presunção constitucional de inocência.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Ante este escopo, ensejam-se as seguintes questões: a) Estas inovações da Lei 12.403/11, realmente são necessárias para o propósito ora referido de diminuir o número de presos provisórios? b) Este propósito já não poderia ter sido atingido independente dessa inovação legislativa? Em reforço aos questionamentos referidos, Gomes e Marques (2011, p. 15):

A pergunta principal a ser feita, no campo da política criminal, é: todas essas prisões são realmente necessárias? A resposta é, obviamente negativa. Há um excesso por parte de alguns magistrados do País. Banalizou-se a medida cautelar privativa de liberdade de tal forma que muitas pessoas cumprem suas penas provisoriamente antes mesmo de serem condenadas. A prisão processual tornou-se na prática, prisão penal. A odiosa antecipação da pena faz parte da realidade prisional brasileira.

Em contrapartida, ante a adoção implícita do modelo acusatório pela Constituição Federal de 1988, conforme abordado no item 2.2 supra, a prisão cautelar, embora possível, apresenta-se como um instituto de exceção. Diante deste novo referencial, e é conveniente que se reitere, desde 1988 a regra é de que o acusado submetido ao devido processo legal, responda-o em liberdade. Nesta linha, é o amparo de Nucci (2012, p. 13-14):

O sistema é harmônico e estruturado em regras mínimas de coerência e eficácia. De início, pois, vale lembrar que *ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória* (art. 5º, LVII, CF). É a presunção de inocência, valor relevante, quando se trata do Estado Democrático de Direito. [...] Considerando-se ser o acusado inocente, até prova definitiva em contrário, não deve ser recolhido ao cárcere *antes da hora*. Disso deduz-se, com lógica, ser a prisão cautelar um momento excepcional na vida do indiciado ou réu.

Mas ante essa constatação, porque motivo as delegacias e centros de detenção provisória continuaram e permanecem abarrotadas desde, ao menos, de 1988? Será que na maioria dos casos penais, consoante referido, as prisões processuais eram realmente necessárias?

Frente a tantos questionamentos, as respostas quanto à pertinência e efeitos da Lei em apreço levarão em consideração o juiz e a “lugar que habita”, qual seja: o inquisitorial do Código de 1941 ou o acusatório traçado pela Constituição Federal de 88.

4.1 LEI 12.403/11 E O JUIZ GARANTIDOR

Não se nega que a Lei 12.403/11 trouxe efeitos positivos, independente da morada do juiz (inquisitório ou acusatório).

Pela perspectiva de um juiz ciente do atual modelo processual (acusatório), talvez não se tivesse, conforme acima questionado, tantos presos provisórios após 1988 (promulgação da Constituição). Isso porque, pelo dever de assunção da nova mentalidade acusatória, os flagrantes não seriam convertidos de ofício em prisão preventiva, e os pedidos de preventiva apenas seriam deferidos quando necessários, diga-se: úteis

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

ao processo, ou seja, em cumprimento ao caráter instrumental inerente às medidas cautelares. Assim dispõe Gomes (2011, p. 33):

As medidas cautelares não possuem um fim em si mesmas. Não são penas. Elas existem para assegurar a aplicação da lei penal ou a eficácia do processo penal ou da investigação ou para evitar novas infrações penais. O processo penal serve para a tutela da liberdade assim como para a efetivação do direito de punir do Estado. O velho conflito entre liberdade e castigo também está presente nas medidas cautelares. As medidas cautelares constituem um meio para que a jurisdição alcance suas finalidades. Nenhuma medida cautelar pode cumprir o papel de pena.

Não obstante, a Lei 12.403/11 estabeleceu no artigo 319 novas medidas cautelares as quais, no intuito de minimizar o número de presos provisórios (sem condenação com trânsito em julgado), trouxe alternativas aos casos concretos onde nem a liberdade (regra), nem a prisão (exceção) eram adequadas. Assim, alocadas estas medidas do artigo 319 entre a liberdade e a prisão, ao juiz garantidor apresentam-se novos e mais mecanismos de controle a se adequarem às hipóteses reais (desde que requeridas pelo MP ou autoridade policial). Nesta linha afirma Nucci (2012, p. 104):

Muitos acusados, que merecem algum tipo de restrição em sua liberdade, pelo fato de estarem respondendo a processo-crime, em virtude da prática de crime grave, não precisam, necessariamente, seguir para o cárcere fechado. Por vezes, medidas alternativas serão suficientes para atingir o desiderato de mantê-lo sob controle e vigilância.

Elide-se, portanto, que se restrinja a liberdade ou que esta seja concedida, diante de situações reais em que nenhuma delas era a mais coerente. Ou seja, supre-se uma lacuna que antes era vedada ao juiz, ante o não cabimento no Processo Penal do poder geral de cautela. Respalda neste sentido Câmara (2011, p. 99-100):

O julgador, diante de caso onde a medida cautelar não esteja prevista previamente, não pode decretá-la. Há, contudo, na jurisprudência, decisões – dignas de nota e de elogio – que negaram a prisão preventiva, substituindo-a por medida inominada menos lesiva de direitos individuais. A contemplação, pela nova Lei, de um rol cautelar articulado parece por fim a essas discussões e permite negar com veemência um poder geral de cautela na esfera processual penal. Espécies cautelares são somente aquelas contempladas expressamente na Lei.

Em suma, ao propósito do legislador em amenizar a população carcerária, a reforma no que tange aos juízes democráticos desencadeia as seguintes conclusões em relação à pertinência e efeitos:

a) É relativamente impertinente, pois se a regra é a liberdade e a prisão exceção, ante o que determina a Constituição Federal, referidos juízes desde a entrada em vigor da Constituição, ao açambarcarem a mentalidade democrática e o caráter instrumental das medidas cautelares em geral, desde 1988 já deflagraram esta política de descarcerização, mostrando-se, a este propósito, ser relativamente necessária (relatividade justificada na alínea b);

b) Há efeito positivo na reforma, uma vez que propicia alternativas ao juiz (art.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

319), entre a liberdade e a prisão, deixando claro que toda medida cautelar, seja do artigo 319, seja prisão, estão a depender de requerimento e não de decretação de ofício pelo juiz.

4.2 LEI 12.403/11 E O JUIZ INQUISIDOR

Inconscientemente (pois se nem mesmo o operador do direito, em sua maioria, está ciente do atual modelo acusatório) o legislador, no intuito político criminal de diminuir a população carcerária, “aproximou” (pois há disposições inquisitórias) a legislação infraconstitucional ao modelo acusatório quando propiciou novas medidas cautelares (art. 319). A revelar o comportamento oposto ao mencionado, basta o que propõe Prado (2006, p. 199) quando refere-se à legislação processual posterior a 1988, no caso a Lei 9.034/95, a qual deveria harmonizar-se ao modelo acusatório, mas propicia um ativismo judicial:

Tratando a lei da disciplina da persecução preparatória da ação penal, inseriu o juiz nesta tarefa, em que pesem às consequências do seu envolvimento, nas atividades preliminares à apresentação da lide. Repita-se, portanto, que, pelo menos do ponto de vista psicológico, por mais sereno que seja o magistrado, sua inserção na mencionada atividade implicará certo grau de comprometimento com os fatos apurados, afastando-se o julgador do ponto de equilíbrio que, como garantia das partes, traduz-se no princípio do juiz imparcial.

Seguindo a mesma linha de abordagem dada no item acima, mas direcionado, agora, ao juiz inquisidor, cumpre salientar o impacto da lei em apreço. Sem dúvida que os efeitos são positivos, pois a previsão explícita na legislação infraconstitucional (CPP) é o lugar seguro ao operador do Direito (diga-se o juiz) que na realidade inquisitória está. Assim, mesmo que o legislador não tenha tido a intenção de oxigenação constitucional, propiciou a flexibilização da prisão, regra que é no modelo inquisitório.

Não obstante, arrisca-se mencionar que não serão poucos os que continuarão na “ultima ratio” prisão, mesmo quando cabíveis as novas medidas alternativas, ao argumento de inefetividade, ou melhor, quem nos garantirá que serão efetivas? Assim, na dúvida, a prisão.

Revela-se, portanto, a limitação destes operadores do direito, alheios a uma interpretação constitucionalizada do Código, quiçá pelo temor ao Tribunal, pela preservação da zona de conforto (segurança da regra processual *versus* os princípios/garantias constitucionais donde se extraem implicitamente o modelo acusatório) causas que aliadas às aludidas no item 2.3⁵, vem corroborar a não implantação do que deve ser. E a inviabilidade da abordagem constitucional, infelizmente, vem bem amparada em opinião crítica de Rosa (2013, p. 1):

5 ABREU (2008).

A primeira questão, com efeito, a ser enfrentada é a do “ator jurídico analfabeto funcional”, ou seja, ele sabe ler, escrever e fazer conta; vai até à feira sozinho, mas é incapaz de realizar uma leitura compreensiva. Defasado filosoficamente e hermenêuticamente, consegue ler os códigos, mas precisa que alguém – do lugar do Mestre – lhe indique o que é certo.

É, portanto, por intermédio desta alusão que é passível a afirmação que muitos dos operadores do direito, notadamente aqui o juiz, estão alheios, no mínimo a uma interpretação constitucionalizada do processo penal.

CONCLUSÃO

A diversidade que compõe os poderes é inerente a um Estado Democrático. Tendo em vista esta heterogeneidade e ante-expedientes de política criminal tais como este de diminuição da população carcerária de presos provisórios (Lei 12.403/12) dúvidas e incompreensões são a floradas. Dúvidas que resultam em questionamentos tais como os propostos neste artigo.

Conforme se vislumbrou pela reflexão desenvolvida, à finalidade indicada, o que já se tinha e tem (Constituição Federal de 1988) era e é suficiente para o cumprimento daquela medida de cunho político criminal.

Não obstante, a Lei 12.403/11 por intermédio das novas medidas cautelares do art. 319 ensejou alternativas à segregação da liberdade sem condenação definitiva, apresentando-se como um apelo infraconstitucional, mesmo que forjado (in)conscientemente pelo legislador, cuja utilidade direciona-se notadamente aos juízes de mentalidade inquisitorial (1941), pois lá a maioria está, recalcitrantes a qualquer tentativa de oxigenação constitucional, pois o apego ao lugar seguro do Código de Processo Penal prevalece ao princípio e ao modelo extraído da Carta da República.

Por outro lado, aos juízes garantidores, o que se apresenta no parágrafo acima, justifica a criação da Lei 12.403/11, que embora não seja totalmente despropositada, pois propicia medidas alternativas à prisão, *bastaria apenas fazer valer a Constituição!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Guilherme Schroeder. **Sistema Processual Penal Acusatório e o Juiz no Processo Penal**: pressupostos de (in)efetividade. 2008. p. 135f. Dissertação (Mestrado em Direito do Estado). - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

BOBBIO, Norberto. **Teria do Ordenamento Jurídico**. 10 ed. Brasília: Unb, 1999.

CÂMARA, Luiz Antonio. **Medidas Cautelares Pessoais**: prisão e liberdade provisória. 2ed. Curitiba: 2011.

COUTINHO, Jacinto Nelson de Miranda. Novo código de processo penal, nova mentalidade. **Revista de Estudos Criminais**, Porto Alegre: Nota Dez, ano 9, n.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

33, p. 7-9, 2009.

FERRAZ JR, Tércio Sampaio. **Conceito de Sistema no Direito**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1976.

GOMES, Luiz Flávio; MARQUES, Ivan Luís. (Coord.) **Prisão e Medidas Cautelares**. 2ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011.

LOPES JR, Aury Celso Lima. **Introdução Crítica ao Processo Penal**. 2ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Prisão e Liberdade**. 2ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012.

PRADO, Geraldo. **Sistema Acusatório**. A Conformidade Constitucional das Leis Processuais Penais. 4 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

ROSA, Alexandre Moraes da. **Decisão Penal**: a bricolagem de significantes. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

_____. **Guia Compacto do Processo Penal conforme a Teoria dos Jogos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

SOUZA NETTO, José Laurindo de. **Processo Penal Sistemas e Princípios**. Curitiba: Juruá, 2003.

LAW 12.403/11: RELEVANCE OR IMPERTINENCE?

ABSTRACT

Since its start (1942), the Code of Criminal Procedure is a target of legislative reforms, many of which, compromising the health of the procedural system (inquisitorial) of this statute. In this constants not careful changes , there is the Law 12.403/11, which is about the arrest and precautionary measures, whose implementation operates before the final judgment. The goal isn't a detailed analysis of various articles, but to investigate and reflect on the relevance of the reform. This is because, if the Constitution is the reference, it shows two options: the presumption of innocence and the adoption of the accusatory system. If the parameter is constitutional and the arrest and precautionary measures are exceptional, being freedom the rule, what is the purpose of the Law 12.403/11?

Keywords: Prison. Law 12.403/11. Constitution. Effectiveness.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 29 de novembro de 2012

Aceito em: 30 de janeiro de 2013

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

ABREU, Guilherme Schroeder. Lei 12.403/11: *(Im)Pertinência?*. Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 41-56, jul./dez. 2013.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	45 - 56	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

IDENTIFICAÇÃO DE CONSUMIDORES INOVADORES BRASILEIROS: APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CORRELAÇÃO TRADICIONAL E MULTIVARIADA

Ana Flavia Barbosa de Bello Rodrigues *

Sandra Maria da Silva **

Wesley Vieira da Silva ***

Daniela Torres da Rocha ****

RESUMO

Esta pesquisa pretende contribuir com a ampliação do conhecimento sobre a influência de fatores socioeconômicos, no comportamento inovador de consumidores brasileiros. O objetivo central deste trabalho é distinguir entre um grupo de consumidores, os inovadores e os não-inovadores, de acordo com seu perfil socioeconômico, com base em renda e posse familiar de itens. Como objetivo secundário, pretende-se prever com base nas variáveis estudadas, a probabilidade de um indivíduo pertencer a um grupo ou ao outro. Os dados foram obtidos através de fontes secundárias e as análises foram realizadas através das técnicas estatísticas de análise descritiva, análise de correlação canônica e análise de correlação. Entre os principais resultados, destaca-se que embora não comprovadas as hipóteses propostas, esse estudo abre a possibilidade para novas configurações de variáveis, que possam contribuir para explicar o comportamento inovador dos consumidores.

Palavras-chave: Inovação; Adoção de Inovações; Comportamento do Consumidor; Análise Multivariada de Dados; Análise Discriminante Múltipla.

* Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPAD) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (afbello@uol.com.br).

** Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPAD) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (san_sandra@hotmail.com).

*** Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. (wesley.vieira@pucpr.br).

**** Doutoranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPAD) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (danitorres.rocha@gmail.com).

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

1 INTRODUÇÃO

Para Gatignon e Robertson (1991), o processo de adoção de inovações está relacionado com a sequência de decisões que os consumidores usam para determinar se adotarão ou não uma inovação. Como elementos que compõem a estrutura responsável pelo processo de adoção do consumo e sua consequente difusão, os autores consideram em um primeiro nível, as estratégias de marketing para a inovação e as atividades competitivas do setor e, em um nível mais amplo, o sistema social. Imediatamente, anterior ao processo de adoção estão três elementos que interagem simultaneamente: as características pessoais do indivíduo, as características percebidas do produto inovador e a influência pessoal.

Segundo Gatignon e Robertson (1991), diversas variáveis relacionadas a características pessoais servem para distinguir inovadores de não inovadores ou de adotantes tardios. Alta renda, alto nível de educação, idade jovem, atitude positiva em relação a riscos, grande participação social e alto grau de liderança são algumas destas características que tendem a estar mais relacionadas com consumidores inovadores.

Além da possibilidade de diferenciação de consumidores inovadores de não inovadores, através de suas características pessoais, Rogers (1995) afirma ser possível diferenciar os primeiros adotantes dos adotantes tardios a partir de determinadas características socioeconômicas, valores relacionados à personalidade (características psicológicas) e comportamento de comunicação.

Esse estudo concentra-se nas características pessoais socioeconômicas de consumidores brasileiros como variáveis influenciadoras para adoção de inovações. O objetivo central deste trabalho é distinguir entre um grupo de consumidores os inovadores e os não inovadores, de acordo com seu perfil socioeconômico, com base em renda e posse familiar de itens. Como objetivo secundário, pretende-se prever com base nas variáveis estudadas, a probabilidade de um indivíduo pertencer a um grupo ou ao outro. Entende-se que, desta maneira, este estudo contribui para ampliação do conhecimento sobre a influência de fatores socioeconômicos no comportamento inovador de consumidores brasileiros.

Essa é, portanto, uma pesquisa de caráter explicativo. Os dados foram obtidos através de fontes secundárias (banco de dados PNAD - Microdados IBGE, 2004) e as análises foram realizadas através da técnica estatística de análise discriminante múltipla.

A estrutura do artigo é composta, primeiramente, por referencial teórico sobre inovação, adoção de inovações, variáveis que influenciam a adoção de inovações e que caracterizam o comportamento inovador de consumo e sobre os métodos de identificação de inovadores. Em seguida, é descrita a metodologia da pesquisa e são apresentados os resultados com suas respectivas análises. Posteriormente, são acrescentadas conclusões finais ao artigo, além de recomendações para futuros artigos.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

2 INOVAÇÃO E ADOÇÃO DE INOVAÇÕES

Segundo Kanuk e Schiffman (1987), não existe uma definição universalmente aceita da expressão “inovação de produto”. Entre as várias abordagens dadas para o termo, algumas são orientadas para a empresa, outras para o produto, para o mercado e para o consumo. Quando orientadas para a empresa as definições partem do pressuposto de que o que é novo para a empresa é considerado novo. Quando as definições são orientadas para o produto, são as características do produto e seu possível impacto nos padrões estabelecidos pelos consumidores que farão com que ele seja ou não considerado inovador. As definições voltadas ao produto classificam as inovações em três tipos: contínua, quando há influência mínima nos padrões estabelecidos; dinamicamente contínua, a qual causa mais ruptura, mas não altera os padrões; e a inovação descontínua, a qual requer que os consumidores adotem novos padrões de comportamento de consumo. Entre as inovações descontínuas, os autores citam como exemplo, os telefones celulares, computadores domésticos e a *Internet*. Quando as definições de inovação são voltadas ao mercado, julga-se a novidade de forma relativamente subjetiva, em termos da exposição que os consumidores têm ao novo produto. Nesse caso, um produto pode ser considerado novo se for comprado por um percentual pequeno do mercado potencial ou se estiver no mercado por um tempo relativamente curto. As definições orientadas para o consumo têm como base apenas a percepção do consumidor e pressupõem que um produto é considerado novo se o consumidor potencial o julgar como novo.

Rogers (1983) define uma inovação como uma idéia, uma prática, o objeto percebido como novo por um indivíduo. Já Robertson (1971), sugere que o determinante crítico de uma inovação seja seu efeito nos padrões estabelecidos de consumo. Hirschman (1981), por sua vez, propõe que as inovações podem ser classificadas em duas dimensões: simbólica e tecnológica. A dimensão simbólica sugere um novo significado social, enquanto a dimensão tecnológica sugere características tangíveis que são novas para a categoria de produtos (GATIGNON; ROBERTSON, 1991).

Engel, Blackwell e Miniard (1995) apresentam como principais variáveis críticas e determinantes para o sucesso de inovações: as próprias características da inovação, a forma de comunicação das inovações, o tempo ou a velocidade de adoção da inovação e o sistema social dentro do qual a inovação está sendo inserida.

Para Gatignon e Robertson (1991), os efeitos das inovações no consumo seguem um *continuum*. Existem inovações que interferem pouco nos padrões de consumo e outras que chegam a criar novos padrões. Os consumidores adotam e difundem as inovações à medida que percebem as características dessas inovações como diferenciadas.

Schiffman e Kanuk (1987) afirmam que, embora não existam fórmulas precisas que meçam a provável aceitação do novo produto, foram identificadas cinco características relacionadas à inovação que parecem influenciar o consumidor na aceitação

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

deste novo produto. Segundo o modelo de Rogers (1983), estas características são a vantagem relativa, a compatibilidade, a complexidade, a experimentabilidade e a observabilidade. A vantagem relativa está relacionada ao grau em que os clientes potenciais percebem o novo produto como superior aos produtos até então existentes. A compatibilidade está relacionada ao grau em que os clientes percebem o produto novo como compatível com suas necessidades, valores e práticas presentes. A complexidade representa o grau de dificuldade de uso ou de entendimento do produto novo. Essa característica é especialmente importante para produtos de alta tecnologia. O consumidor pode ter alguns medos, nesse caso, que atuam como barreiras para a aceitação do produto. Entre eles, estão o medo da complexidade técnica, o medo da obsolescência rápida do produto, o medo da rejeição social e o medo de se machucar fisicamente com o produto. A experimentabilidade refere-se à oportunidade de experimentação oferecida para o consumidor em relação ao produto novo. A observabilidade ou comunicabilidade refere-se à facilidade da descrição ao consumidor quanto às características e benefícios do produto novo, de forma a tangibilizá-lo. Os autores ressaltam que fatores culturais, situacionais e sociais podem atrasar ou mesmo impedir a difusão das inovações.

Taylor (1977) defende que a percepção dos atributos da inovação pelo consumidor é o fator preponderante na adoção de inovações, em relação a características pessoais, sociológicas e psicológicas dos consumidores.

Para Gatignon e Robertson (1991), a velocidade na adoção da inovação também depende de diversas variáveis como a vantagem relativa da inovação, a compatibilidade, complexidade, capacidade de ser observável, entre outros.

3 VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM A ADOÇÃO DAS INOVAÇÕES

As decisões de aquisição dos consumidores de maneira geral são influenciadas por características culturais, sociais, pessoais e psicológicas. Segundo Kotler e Armstrong (1993), entre os principais fatores culturais estão a cultura, através de valores, percepções, preferências e comportamentos da família e outras instituições importantes para estes consumidores. Outro fator cultural está relacionado à sub-cultura ou a grupos que o consumidor compartilha através de valores baseados em experiências e situações de vida em comum, como por exemplo, grupos religiosos, raciais ou de determinadas áreas geográficas. Além dessas, outra classificação cultural importante é a classe social à qual o indivíduo pertence.

Entre os fatores sociais encontram-se os grupos de referência, a família, papéis sociais e posições sociais do consumidor. Os grupos de referência são grupos que têm uma influência direta ou indireta sobre as atitudes ou comportamento da pessoa. Um papel social consiste nas atividades que as outras pessoas esperam que um indivíduo exerça e cada papel traz consigo uma posição social, a qual reflete a opinião geral que o mesmo tem para a sociedade (KOTLER; ARMSTRONG, 1993).

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Kotler e Armstrong (1993) citam entre os fatores pessoais a idade, o ciclo de vida, a ocupação, a situação econômica, o estilo de vida, a personalidade e a autoestima. Estilo de vida é o padrão de vida expresso em atividades, interesses e opiniões de uma pessoa. A personalidade é descrita em termos de traços e características psicológicas como autoconfiança, autonomia, mudança, respeito, sociabilidade, estabilidade emocional, ordem, adaptação, criatividade, entre outras. Entre os fatores psicológicos estão a motivação, a percepção, o aprendizado, as crenças e as atitudes. A motivação está ligada a necessidades fisiológicas ou psicológicas, pelas quais passa uma pessoa. Entre as necessidades psicológicas estão, por exemplo, a autoestima, reconhecimento, status e autorrealização. A percepção é o processo pelo qual as pessoas selecionam, organizam e interpretam informações. O aprendizado descreve mudanças no comportamento de um indivíduo que surge a partir da sua experiência. Uma crença é um pensamento descritivo que uma pessoa tem sobre algo. Já as atitudes refletem as avaliações cognitivas e emocionais e tendências de uma pessoa em relação a algo. Percebe-se, portanto, que o comportamento de compra do consumidor é o resultado de complexas interações entre os elementos citados.

No campo da Adoção de Inovações são apresentadas diversas variáveis específicas que influenciam o consumidor na decisão para a adoção. Gatignon e Robertson (1991) destacam, entre estas, variáveis as características percebidas da inovação, as características pessoais do consumidor e a influência pessoal exercida sobre o consumidor.

Rogers (1995) destaca três entre as diversas variáveis relacionadas à tendência a inovar: características socioeconômicas, valores de personalidade (características psicológicas) e comportamento de comunicação. Esse estudo concentra-se nas características pessoais de consumidores, ligadas a sua condição socioeconômica, as quais são detalhadas a seguir.

3.1 CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DE CONSUMIDORES INOVADORES

Segundo Sheth, Mittal e Newman (1999), as características pessoais são as características que as pessoas possuem como indivíduos, as quais incluem traços fisiológicos e biológicos com os quais a pessoa nasce e também traços desenvolvidos com o tempo.

Para Solomon (2002), os consumidores têm comportamentos distintos conforme uma série de dimensões demográficas que compreendem sua idade, gênero, estrutura familiar, classe social e renda, raça, estilo de vida, localização geográfica, entre outras. O estilo de vida refere-se a um padrão de consumo que reflete as escolhas dos indivíduos sobre como gastar seu tempo e dinheiro. As pessoas classificam-se a si próprias em grupos com base no que gostam de fazer, como gostam de passar seu tempo livre e como escolhem investir sua renda. Entre as dimensões que compõem o estilo de vida, pode-se destacar, além dos dados demográficos como idade, educação, renda,

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

ocupação, tamanho da família, habitação e o estágio no ciclo de vida, também aspectos relacionados a atividades realizadas, interesses e opiniões (SOLOMON, 2002).

Sobre a composição familiar, Solomon (2002) afirma que as necessidades e gastos de uma família são afetados por fatores como o número de pessoas (crianças e adultos) na família, sua idade e o número de adultos que trabalham fora. Dois principais fatores determinam como um casal gasta o tempo e o dinheiro: se tem filhos e se a mulher trabalha. Reconhecendo que as necessidades dos consumidores mudam com o tempo, utiliza-se o conceito de ciclo de vida familiar para segmentar as unidades domiciliares. O movimento, através dos estágios de vida familiar, é acompanhado por mudanças significativas nos gastos com lazer, alimentação, bens duráveis e serviços. Eventos importantes também alteram os relacionamentos e acionam novos estágios de vida que modificam as prioridades. Entre esses eventos, destacam-se o nascimento dos filhos, a saída de casa do último filho, a morte de um cônjuge, o divórcio e a aposentadoria do chefe da família (SOLOMON, 2002).

A classe social, de acordo com Solomon (2002), abrange grupos de pessoas com rendimentos e posição social similares na comunidade. A classe social é determinada normalmente por um conjunto complexo de variáveis, incluindo renda, passado familiar e ocupação. No Brasil, adota-se uma classificação socioeconômica baseada na posse de itens, renda familiar e escolaridade do chefe da família, denominada de Critério Brasil de Classificação Sócio-Econômica (MIDIADADOS, 2005)⁵.

Em relação às características sociodemográficas de inovadores, Schiffman e Kanuk (1997) mencionam que os inovadores normalmente são mais jovens, melhor instruídos, com mais status profissional e renda mais alta.

Já Rogers (1995), a partir de estudos realizados sobre a relação entre características socioeconômicas e tendência a inovar, não identificou evidência consistente, por exemplo, de relação entre tendência a inovar e idade. Por outro lado, o autor afirma que os inovadores têm maior nível educacional, maior status social e maior nível de ascensão social do que os adotantes tardios. No entanto, segundo o autor, fatores econômicos não explicam inteiramente essa relação, à medida que nem todos os indivíduos com alto poder aquisitivo são inovadores.

Sobre as características pessoais que distinguem inovadores de não inovadores, Gatignon e Robertson (1991), mencionam que alta renda, alto nível de educação, idade jovem, atitude positiva em relação a riscos, grande participação social, alta mobilidade social e alto grau de liderança são algumas das características que tendem a estar mais relacionadas com consumidores inovadores. Os autores ressaltam, no entanto, que as relações das características pessoais com comportamento inovador variam conforme a categoria de produto.

Marchetti (1991), através de um estudo realizado com casais curitibanos, chegou a conclusões de que os casais inovadores apresentavam melhores condições eco-

5 Conforme ANEXO I.

nômicas, normalmente, moravam em residências próprias, eram mais ativos profissionalmente e melhor estabelecidos no seu ciclo de vida.

4 MÉTODOS DE IDENTIFICAÇÃO DE INOVADORES

Consumidores inovadores são um grupo relativamente pequeno de consumidores pioneiros na adoção de alguma inovação (SCHIFFMAN; KANUK, 1997), mas pela sua importância na difusão das inovações, despertam muito interesse de profissionais e estudiosos de marketing, os quais preocupam-se em identificá-los (SOLOMON, 2002).

Na literatura sobre difusão de inovações há diversos métodos utilizados para identificar os consumidores inovadores. Entre eles, os mais comuns são o método de autodesignação, no qual os consumidores se declaram ou não inovadores, o método longitudinal, o qual consiste na mensuração do tempo de adoção de uma inovação específica para determinar os consumidores inovadores e o método transversal, que mede os inovadores a partir da posse de inúmeras e diferentes inovações (DUBOIS; MARCHETTI, 1993).

Segundo Dubois e Marchetti (1993), o método de autodesignação tem certa fragilidade pela sua subjetividade e pela tendência do respondente a autodesignar-se inovador, característica desejável e valorizada (FEICK; PRICE, 1987).

O método longitudinal, inicialmente adotado por Rogers em 1962, tem alguns pontos fracos. Um deles é relacionado a problemas de memória dos respondentes, à medida que é utilizado de forma retrospectiva. Em função de ser restrito a uma única categoria de produto, este método também carece de validação interna e externa (KAPFERER; LAURENT, 1980). Midgley e Dowling (1978) reforçam a crítica a este método argumentando que determinado consumidor pode ser inovador em um dado momento para uma categoria de produto e não ser inovador em outro momento ou mesmo não adotar futuras inovações nessa categoria.

O método transversal, defendido por Dubois e Marchetti (1993), é menos dependente de situações particulares de consumo e oferece um poder maior de generalização. Segundo Midgley e Dowling (1978), esse método tem diversas vantagens. Entre elas, o fato de considerar mais a fundo o caráter abstrato do construto que caracteriza o inovador, a maior confiabilidade das medidas, tendo em vista a pesquisa de várias categorias de produtos, além da vantagem de ser mais fácil de aplicar.

Midgley e Dowling (1978), também ressaltam que um consumidor pode ser um adotante inicial de uma inovação sem necessariamente ser um inovador nato, pois, há uma série de variáveis intervenientes atuando no processo de adoção. Entre essas variáveis intervenientes, estão o interesse na categoria de produto, a experiência de comunicação da inovação, a qual pode ser favorável ou não favorável, rápida ou tardia, além de efeitos situacionais, os quais envolvem, por exemplo, recursos financeiros e a necessidade latente pelos benefícios da inovação. Midgley e Dowling (1978) propõem

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

ainda que para definir uma pessoa como inovadora deve-se utilizar dois critérios: o grau de receptividade a novas ideias e o grau com que o processo de decisão de compra do consumidor depende da influência de outros membros do sistema social.

Após adotar determinada inovação, é importante considerar que os consumidores podem ter diversos graus de adoção. Para Marchetti, Prado e Pires (1998) pode-se estabelecer o grau de utilização de cada indivíduo quanto ao uso dos serviços inovadores oferecidos considerando-se a variedade dos serviços e a frequência de uso.

5 METODOLOGIA

Esse trabalho de pesquisa tem caráter explicativo. Segundo Gil (2002, p.44) pesquisas explicativas “são aquelas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de fenômenos”.

O objetivo central desse trabalho é distinguir entre um grupo de consumidores brasileiros os inovadores e os não-inovadores de acordo com seu perfil socioeconômico, com base em renda familiar e posse de itens. Como objetivo secundário, pretende-se prever com base nas variáveis estudadas, a probabilidade de um indivíduo pertencer a um grupo ou ao outro.

A partir do objetivo principal, foram definidas as seguintes hipóteses de pesquisa:

H1: Quanto maior a renda familiar, maior a tendência a inovar.

H2: Quanto maior a posse de itens, maior a tendência a inovar.

Como delineamento dessa pesquisa, utilizou-se pesquisa documental com base de dados secundários, através de registros estatísticos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Para Gil (2002, p. 66), “a pesquisa documental vale-se e materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. O banco de dados utilizado é denominado de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – Microdados (2004).

Os dados extraídos desse banco como variáveis independentes para análise nesse estudo foram: renda familiar, posse de telefone celular, posse de microcomputador em casa e utilização da Internet. A utilização da variável independente renda deve-se ao fato da mesma ser considerada por diversos autores, conforme apresentado no referencial teórico, como uma provável influenciadora do comportamento inovador de consumo. Também foram escolhidos como variáveis independentes alguns itens de posse considerados pela pesquisadora como inovadores. Conforme referencial teórico apresentado, a posse de itens inovadores é utilizada pelo método transversal na identificação de consumidores inovadores. O critério para escolha dos itens celular, computador e Internet foi sua introdução mais recente e penetração ainda baixa no Brasil. Esses itens são considerados como inovações descontínuas, conforme referencial teórico.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Escolheu-se, por conveniência, utilizar para análise os dados referentes ao mercado dos três estados do sul do Brasil, que são Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As análises dos dados foram realizadas através do software estatístico SAS Enterprise Guide 3.0, utilizando-se a Análise Descritiva dos Dados, a Análise Multivariada de Dados denominada Análise de Correlação Canônica e a Análise de Correlação. Segundo Hair (2005, p.362), a Análise de Correlação Canônica “é um modelo estatístico multivariado que facilita o estudo de inter-relações entre conjuntos de múltiplas variáveis dependentes e múltiplas variáveis independentes”, sendo, segundo este autor, a única técnica disponível para examinar a relação quando existem múltiplas variáveis dependentes.

Nesse estudo, considera-se, portanto, como variável dependente ser ou não inovador e, como variáveis independentes, a renda familiar e conjunto de posse de itens. A posse de itens apresenta-se no banco de dados como uma variável dicotômica, ou seja, possuir ou não um determinado item, sendo essas variáveis classificadas como não métricas, já a renda familiar é classificada como uma variável métrica, dado que seu formato apresenta-se através de números absolutos. A presença de variáveis métricas e não métricas não interferem no processo de análise de dados já que a Análise de Correlação Canônica está entre as poucas técnicas estatísticas que permitem a utilização desses dois tipos de variáveis tanto para variáveis dependentes quanto variáveis independentes. A equação correspondente a Análise de Correlação Canônica pode ser visualizada na Figura 1.

Figura 1 – Representação da equação da Análise de Correlação Canônica

Análise de Correlação Canônica

$$Y_1 + Y_2 + Y_3 + \dots + Y_n = X_1 + X_2 + X_3 + \dots + X_n$$

(métricas, não-métricas) (métricas, não-métricas)

As principais suposições para aplicação da Análise de Correlação Canônica fazem referência ao tamanho da amostra, no mínimo 10 observações por variável, linearidade entre variáveis, homocedasticidade das variâncias e existência de multicolinearidade. Para aplicação da análise, serão considerados como válidos as suposições necessárias, dado a natureza dicotômica de suas variáveis e o intuito acadêmico do estudo.

Em relação aos estágios de aplicação, Hair (2005) divide a aplicação da Análise

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

de Correlação Canônica em 6 estágios que fazem referência ao problema de pesquisa (objetivos e seleção de variáveis), as questões sobre o projeto de pesquisa (amostra e observações), as suposições necessárias para aplicação da análise, a estimação e seleção das funções canônicas, a interpretação das funções canônicas e suas variáveis e, para finalizar, a validação dos resultados. A seguir são apresentadas as características descritivas do banco de dados estudado e os resultados das análises estatísticas.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados desse estudo serão apresentados em relação a aplicação das três técnicas estatísticas de análise, a Análise Descritiva dos Dados, a Análise de Correlação Canônica e a Análise de Correlação. Os resultados dessas análises são apresentados a seguir.

6.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS

A Análise Descritiva dos Dados foi aplicada com o objetivo de descrever o comportamento da base de dados em relação às variáveis analisadas nesse estudo. Os itens avaliados nesse processo, são a posse de itens como celular, freezer, geladeira, internet, microcomputador, máquina de lavar roupa, rádio, telefone fixo e TV a cores, além da variável renda domiciliar. Conforme já colocado, a fonte de dados é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – Microdados (2004), realizada pelo IBGE.

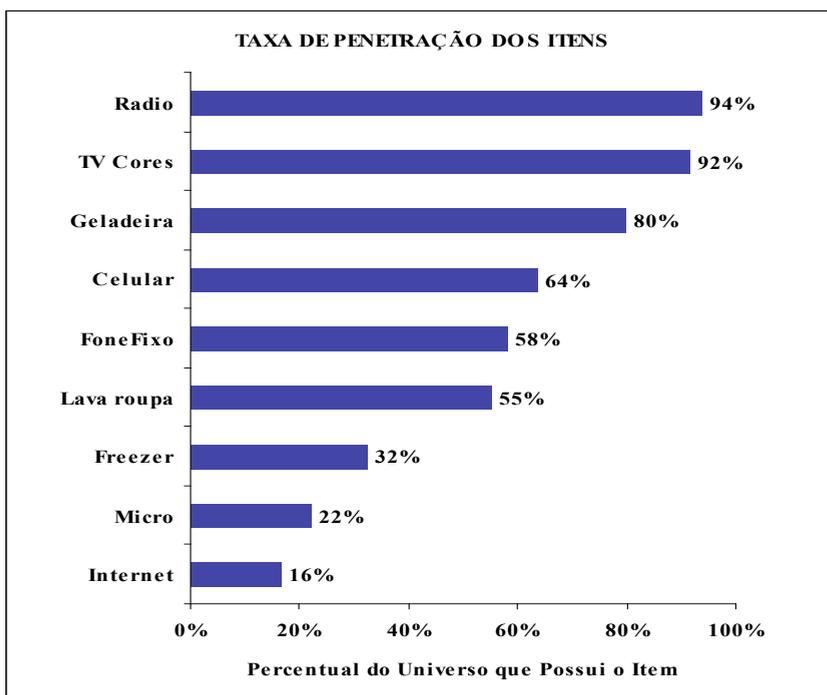
Inicialmente, procurou-se determinar a participação de cada um dos Estados da região Sul na PNAD 2004 realizada pelo IBGE. O estado do Rio Grande do Sul é o que apresenta a maior a participação entre os domicílios participantes. O Paraná é o estado com a segunda maior participação. Observa-se que a distribuição dos domicílios segue a representação da população e do PIB desses estados dentro da região Sul do Brasil. Os números para cada um dos estados estão no Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos estados da região Sul do Brasil

Estados	Resultados	Amostra PNAD	População 2005	PIB 2003 (R\$ 1.000)	PIB per Capita
Paraná	Número Absoluto	5.978	10.261.856	98.999.740	9.891
	Percentual	32%	38%	34%	-
Santa Catarina	Número Absoluto	2.989	5.866.568	62.213.541	10.949
	Percentual	16%	22%	22%	-
Rio Grande do Sul	Número Absoluto	9.796	10.845.087	128.039.611	12.071
	Percentual	52%	40%	44%	-
Região Sul		18.763	26.973.511	289.252.892	10.970

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Sobre a posse dos itens observa-se que rádio, TV em cores e geladeira são os itens mais presentes nos domicílios situados na região sul do Brasil. Esses itens são observados em mais de 80% dos domicílios participantes da PNAD 2004. A seguir, destacam-se os itens telefone celular, telefone fixo e máquina de lavar roupa, com taxa de penetração entre 64% e 55%. Já os itens freezer, microcomputador e internet são os que apresentam as menores taxas de penetração, sendo observados em 32%, 22% e 16% respectivamente. O desempenho de todos os itens está representado no gráfico a seguir:



Em relação aos estados que compõem a região Sul, os itens geladeira, telefone celular, máquina de lavar roupa e freezer, apresentam percentuais de posse diferentes entre os três estados. Em Santa Catarina, destacam-se os itens: geladeira, máquina de lavar roupa e freezer. No Rio Grande do Sul, os itens que aparecem em maior proporção são: telefone celular e máquina de lavar roupa. Já no Paraná, os itens apresentam-se em proporção igual ou menor que os demais estados. No Quadro 2, são apresentados os resultados para cada um dos estados da região Sul do Brasil.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Quadro 2 – Posse dos itens para cada um dos estados da região Sul do Brasil

Item	Região Sul	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
Rádio	94%	92%	94%	95%
TV Cores	92%	90%	94%	92%
Geladeira	80%	77%	82%	80%
Telefone Celular	64%	53%	57%	72%
Telefone Fixo	58%	60%	59%	57%
Lava Roupa	55%	47%	59%	59%
Freezer	32%	21%	46%	35%
Micro	22%	22%	22%	22%
Internet	16%	17%	16%	16%

Quando a renda do domicílio, observa-se que em Santa Catarina há uma proporção menor de domicílios com renda domiciliar menor que 600 reais. Entre os estados, os percentuais praticamente não se diferem quando consideradas as faixas de 600 a 1200 reais, sendo observado, no estado do Paraná a menor proporção de domicílios com renda acima de 1200 reais. Os resultados do desempenho da variável renda domiciliar estão expostos no Quadro 3.

Quadro 3 – Renda domiciliar para cada um dos estados da região Sul do Brasil

Faixa de Renda	Região Sul	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
< 300 reais	8%	9%	5%	8%
300 - 600 reais	18%	20%	15%	17%
600 - 900 reais	17%	18%	17%	16%
900 - 1.200 reais	13%	13%	14%	13%
1.200 - 1.500 reais	9%	8%	11%	10%
1.500 - 1.800 reais	7%	6%	9%	7%
1.800 - 2.400 reais	9%	8%	11%	9%
2.400 - 3.000 reais	5%	4%	5%	5%
3.000 - 3.600 reais	4%	3%	4%	4%
3.600 - 4.200 reais	2%	2%	3%	2%
> = 4.200 reais	8%	8%	7%	9%

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

bora duas das três funções estabelecidas tenham sido classificadas como significativas, tanto na análise individual – através das probabilidades expostas no Quadro 4, quanto na análise simultânea – através das probabilidades expostas no Quadro 5, os resultados mostram que apesar de significantes essas funções apresentam um baixo poder de explicação, sendo responsável por cerca de 23% da variância total. A medida utilizada para verificação da explicação da variância é o R² Canônico, que tem a mesma representação do R² utilizado em análises de regressão múltipla (HAIR, 2005).

Quadro 4 – Funções e correlações canônicas

Função Canônica	Correlação Canônica	Correlação Canônica Ajustada	Erro Padrão Aproximado	R2 Canônico	Estatística F	Probabilidade
1	0,4756	0,4753	0,0056	0,2262	53.849	<,0001
2	0,2054	0,2047	0,0070	0,0422	37.508	<,0001
3	0,0124	0,0038	0,0073	0,0002	18.755	0,7203

Quadro 5 – Testes multivariados de significância

Testes Multivariados de Significância			
Estatística	Valor	Estatística F	Probabilidade
Wilks' Lambda	0,7410	282,14	<,0001
Pillai's Trace	0,2686	263,45	<,0001
Hotelling-Lawley Trace	0,3366	300,54	<,0001
Roy's Greatest Root	0,2924	783,33	<,0001

O próximo passo para aplicação da Análise de Correlação Canônica é a aplicação da análise de redundância. Os resultados desta análise, expostos nos Quadros 6 e 7, mostram que o modelo proposto possui um baixo poder de explicação das variâncias, tanto para as variáveis dependentes, quando independentes. Essa análise reforça que apesar de significantes, as funções estabelecidas na análise apresentam pouca significância na prática, principalmente, no que diz respeito às variáveis independentes.

Quadro 6 – Análise de redundância para o grupo de variáveis dependentes.

Função Canônica	Por sua própria variável estatística Canônica		R2 Canônico	Pela variável estatística canônica oposta (redundância)	
	Percentual	Percentual Acumulado		Percentual	Percentual acumulado
1	0,6585	0,6585	0,2262	0,1490	0,1490
2	0,2810	0,9395	0,0422	0,0119	0,1608

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Quadro 7 – Análise de redundância para o grupo de variáveis dependentes.

Função Canônica	Por sua própria variável estatística canônica		R2 Canônico	Pela variável estatística canônica oposta (redundância)	
	Percentual	Percentual Acumulado		Percentual	Percentual acumulado
1	0,2205	0,2205	0,2262	0,0499	0,0499
2	0,1111	0,3316	0,0422	0,0047	0,0546

A aplicação da Análise de Correlação Canônica, dentro do modelo proposto, mostrou que apesar de significantes, os resultados apresentados apresentam baixa relevância na prática. Dessa forma, o cálculo dos pesos canônicos que determina a contribuição relativa para cada variável estatística canônica e das raízes canônicas, que estima a variância compartilhada entre as variáveis estatísticas canônicas, deixa de ter significado prático, dado o baixo poder de explicação do modelo calculado. Do mesmo modo, a validação dos resultados não será realizada devido à falta de significância prática dos resultados.

6.2.1 ANÁLISE DE CORRELAÇÃO.

Como alternativa, a Análise de Correlação Canônica, procurou-se realizar uma análise de correlação simples, transformando as variáveis não métricas, em variáveis métricas através da soma de posse dos itens. Para variável resposta, foram somados as posses dos itens microcomputador, internet e telefone celular, tendo como resposta escala de 4 pontos, de 0 a 3, sendo 0 para nenhum item, 1 para um item, 2 para 2 itens e 3 para 3 itens. Já as variáveis independentes foram divididas em 2 grupos, conforme as hipóteses do estudo.

Para a primeira hipótese, “quanto maior a renda familiar, maior a tendência a inovar,” foi utilizada como variável independente a renda domiciliar, que já está no formato métrico. Já para a segunda hipótese “quanto maior a posse de itens, maior a tendência a inovar”, foi utilizado como variável independente a soma da posse dos seis itens utilizados na análise, o que resultou em uma escala de 0 a 6, onde 0 corresponde a posse de nenhum destes itens e 6 a posse de todos os itens. Os resultados da Análise de Correlação, utilizando o coeficiente de Pearson, são apresentados no Quadro 8.

Quadro 8 – Análise de correlação

Variáveis	Coefficiente	Variável Dependente	Renda Domiciliar	Posse de Itens
Variável Dependente	Pearson	1,000	0,073	0,376
	Significância	-	0,000	0,000

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Variáveis	Coefficiente	Variável Dependente	Renda Domiciliar	Posse de Itens
Renda Domiciliar	Pearson n	0,073	1,000	0,037
	Significância	0,000	-	0000
Posse de Itens	Pearson	0,376	0,037	1,000
	Significância	0,000	0,000	-

Da mesma forma que na Análise de Correlação Canônica, os resultados encontrados para Análise de Correlação são significantes, mas representam uma fraca correlação entre as variáveis independentes e a variável dependente, principalmente, no que diz respeito a primeira hipótese sobre a renda familiar.

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Os resultados apresentados pela Análise de Correlação Canônica mostram que existe uma fraca inter-relação entre o grupo de variáveis dependentes e o grupo de variáveis independentes. Esse resultado é reforçado através da Análise de Correlação que mostrou existir uma fraca correlação entre as variáveis testadas.

Por meio desses resultados, a conclusão é de que para o modelo proposto, que utiliza os dados de posse de itens e renda domiciliar, as hipóteses desse estudo não são comprovadas.

Mesmo assim, esse trabalho possibilitou a aplicação de uma técnica pouco utilizada na área de estatística que é a Análise de Correlação Canônica, aplicada a um padrão de variáveis também pouco usual.

Apesar da não comprovação das hipóteses propostas, sugere-se uma maior exploração do tema inovação e das variáveis que influenciam este comportamento, devido não apenas a relevância acadêmica, mas também a prática desse tema. Estudos com outros tipos de variáveis ou até mesmo diferentes combinações da que foi testada nesse estudo, poderão apresentar resultados com significância prática para esse tema.

REFERÊNCIAS

DUBOIS, B. ; MARCHETTI, R. Le comportement innovateur des foyers dans l'achat des produits durables : le cas de biens électroniques au Brésil. **Recherche et Applications en Marketing**, vol. VIII, No 1, 1993.

ENGEL, J. F., BLACKWELL, R. D. ; MINIARD, P. W. **Consumer Behavior**. 8.ed. Orlando. The Dryden Press : 1995.

FEICK, L. F.; PRICE, L. L. The Market Maven: A Diffuser of Marketplace Information. **Journal of Marketing**, Vol. 51, 83-97, 1987.

GATIGNON, H. ; ROBERTSON, T. S. Innovative Decision Processes. In : Robertson

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

e Kassarian, (Orgs.), **Handbook of Consumer Behavior**. Prentice-Hall, New Jersey, p. 316-348, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

HAIR, J. F; et al. **Análise Multivariada de Dados**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HIRSCHMAN, E. Technology and Symbolism as Sources for the Generation of Innovations. In : Andrew A. Mitchell. **Advances in Consumer Research**, vol 9. St. Louis, 537-541. 1981.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Microdados. 2004.

KAPFERER, J.N.; LAURENT, G. Peut-on Identifier les Innovateurs? Une Application des modèles log-linéaires au marketing des Biens de Grande Consommation. **Revue Française de Marketing**, Cahier 83, N° 4, 21-39, 1980.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. **Princípios de Marketing**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Prentice Hall, 1993.

MARCHETTI, R. Z. La famille innovatrice: une analyse du comportement innovateur de la famille brésilienne dans l'achat des produits électroniques. 1991. **Tese de doutorado** – Ecole des Hautes Etudes Commerciales.

MARCHETTI, R.; PRADO, P. H. M.; PIRES, P. J. Análise de Correspondentes Múltiplos aplicada à ordenação de dados qualitativos. **Enanpad**. Anais. 1998.

MIDIADADOS 2005. São Paulo: **Jornal Meio e Mensagem**, 2005.

MIDGLEY, D. F.; DOWLING, G.R. Innovativeness: The Concept and Its Measurement; a questionable assumption. **Journal of Consumer Research**. Gainessville:Vol. 4 Iss 4. pg 229, 14p., mar, 1978

ROBERTSON, T. S. **Inovativness Behavior and Communication**. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1971.

ROGERS, E. M. The Diffusion of Innovation. **Journal of Consumer Research**, v.2. p.290-301, 1983.

ROGERS, E. M. **The Diffusion of Innovation**. New York : The Free Press, 1995.

SCHIFFMAN, L. G. ; KANUK, L. L. **Comportamento do Consumidor**. 6.ed. Rio de Janeiro. Editora LTC : 1997.

SHETH, J. N.; MITTAL, B.; NEWMAN, B. I. Customer behavior. **Consumer behavior and beyond**. Orlando: The Dryden Press, 1999.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

SOLOMON, M. R. **Comportamento do consumidor**: comprando, possuindo e sendo. 5. ed. Porto Alegre. Bookman: 2002.

TAYLOR, J. W. A Striking Characteristics of Innovators. **Journal of Marketing Research**, vol 14, 104-107, 1977.

IDENTIFICATION OF INNOVATIVE BRAZILIAN CONSUMERS: APPLICATION OF CORRELATION ANALYSIS OF TRADITIONAL MULTIVARIATE

ABSTRACT

This research contributes to the expansion of knowledge about the influence of socio-economic factors on the innovative behavior of Brazilian consumers. The aim of this paper is to distinguish between a group of consumers with innovative and non-innovative, according to their socio-economic profile based on family income and ownership of items. As a secondary objective, we intend to predict based on the variables studied, the probability of an individual belonging to one group or another. Data were obtained through secondary sources and the data was analyzed using statistical techniques of descriptive analysis, canonical correlation analysis and correlation analysis. Among the main results that although not confirmed the hypotheses, this study opens the possibility for new configurations of variables that may contribute to explain the innovative behavior of consumers.

Keywords: Innovation; Adoption of Innovations; Consumer Behaviour; Multivariate Data Analysis; Multiple Discriminant Analysis.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

ANEXO I – CRITÉRIO BRASIL DE CLASSIFICAÇÃO SÓCIO ECONÔMICA

CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL SISTEMA DE PONTOS

Posse de Itens

	Não tem	T E M			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	0
Primário completo / Ginásial incompleto	1
Ginásial completo / Colegial incompleto	2
Colegial completo / Superior incompleto	3
Superior completo	5

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	PONTOS	TOTAL BRASIL (%)
A1	30-34	1
A2	25-29	5
B1	21-24	9
B2	17-20	14
C	11-16	36
D	6-10	31
E	0-5	4

PROCEDIMENTO NA COLETA DOS ITENS

É importante e necessário que o critério seja aplicado de forma uniforme e precisa. Para tanto, é fundamental atender integralmente as definições e procedimentos citados a seguir.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

Para aparelhos domésticos em geral devemos:

Considerar os seguintes casos:

- Bem alugado em caráter permanente
- Bem emprestado de outro domicílio há mais de 6 meses
- Bem quebrado há menos de 6 meses

Não considerar os seguintes casos

- Bem emprestado para outrodomicílio há mais de 6 meses
- Bem quebrado há mais de 6 meses
- Bem alugado em caráter eventual
- Bem de propriedade de empregados ou pensionistas

Televisores

Considerar apenas os televisores em cores. Televisores de uso de empregados domésticos (declaração espontânea) só devem ser considerados caso tenha(m) sido adquirido(s) pela família empregadora.

Rádio

Considerar qualquer tipo de rádio no domicílio, mesmo que esteja incorporado a outro equipamento de som ou televisor. Rádios tipo walkman, conjunto 3 em 1 ou microsystems devem ser considerados, desde que possam sintonizar as emissoras de rádio convencionais. Não pode ser considerado o rádio de automóvel.

Banheiro

O que define o banheiro é a existência de vaso sanitário. Considerar todos os banheiros e lavabos com vaso sanitário, incluindo os de empregada, os localizados fora de casa e os da(s) suite(s). Para ser considerado, o banheiro tem que ser privativo do domicílio. Banheiros coletivos (que servem a mais de uma habitação) não devem ser considerados.

Automóvel

Não considerar táxis, vans ou pick-ups usados para fretes, ou qualquer veículo usado para atividades profissionais. Veículos de uso misto (lazer e profissional) não devem ser considerados.

Empregada doméstica

Considerar apenas os empregados mensalistas, isto é, aqueles que trabalham pelo menos 5 dias por semana, durmam ou não no emprego. Não esquecer de incluir babás, motoristas, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, considerando sempre os mensalistas.

Aspirador de Pó

Considerar mesmo que seja portátil e também máquina de limpar a vapor (Vaporetto).

Máquina de Lavar

Perguntar sobre máquina de lavar roupa, mas quando mencionado espontaneamente o tanquinho deve ser considerado.

Videocassete e/ou DVD

Verificar presença de qualquer tipo de vídeo cassete ou aparelho de DVD.

Geladeira e Freezer

No quadro de pontuação há duas linhas independentes para assinalar a posse de geladeira e freezer respectivamente. A pontuação entretanto, não é totalmente independente, pois uma geladeira duplex (de duas portas), vale tantos pontos quanto uma geladeira simples (uma porta) mais um freezer.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------

As possibilidades são:

Não possui geladeira nem freezer	0 ponto
Possui geladeira simples (não duplex) e não possui freezer	2 pontos
Possui geladeira de duas portas e não possui freezer	3 pontos
Possui geladeira de duas portas e freezer	3 pontos
Possui freezer mas não geladeira (caso raro mas aceitável)	1 ponto

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 30 de janeiro de 2013

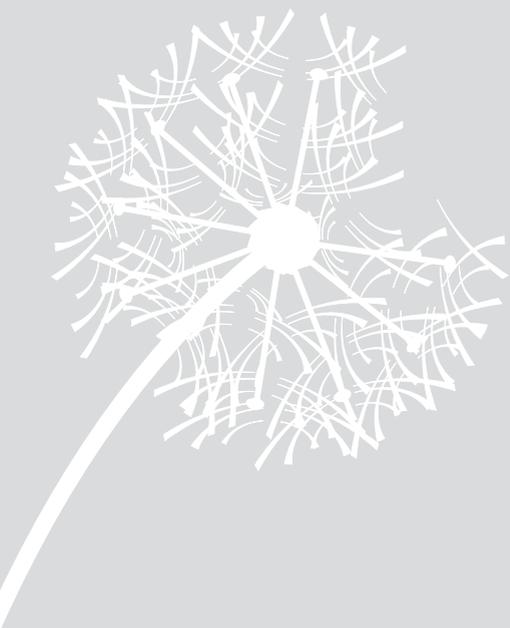
Aceito em: 30 de fevereiro de 2013

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

RODRIGUES, Ana Flavia Barbosa de Bello *et al.* *Identificação de Consumidores Inovadores Brasileiros: Aplicação da Análise de Correlação Tradicional e Multivariada*. Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 57-78, jul./dez. 2013.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	57 - 78	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	---------	----------------



CIÊNCIAS HUMANAS



A MALA E O PORTA-RETRATO: RELATO DE UM CASO DE PACIENTE PSICÓTICO ATENDIDO EM OFICINA TERAPÊUTICA EXPRESSIVA.

Haroldo Tuyoshi Sato *
Handressa Martins Berger **
Janaína Blansky **
Vitor Hugo da Cruz **
Caroline Durli **
Alana Rocha Loures Goetten **
Bruna Caroline Muller **
Gabrielly Silvia Cury de Oliveira ***
Maria Cristiane de Matos Pereira ***
Fernanda Ravarena **
Patricia Batista dos Santos **
Ana Paula Tamioso **
Amanda Terra **

RESUMO

Este artigo apresenta o trabalho realizado por acadêmicos do Curso de Psicologia, em Estágio Básico Supervisionado, Práticas Integrativas III da Faculdade Campo Real, realizado em Ala Psiquiátrica de Hospital Geral de uma cidade do interior do Estado do Paraná. O Estágio teve como proposta básica a realização de Oficinas Terapêuticas Expressivas, objetivando a produção de sentidos vitais para os pacientes psiquiátricos. As linguagens artísticas utilizadas nas Oficinas Terapêuticas Expressivas com pacientes psiquiátricos foram as de Pintura a Guache, Modelagem com Argila, Pintura a Guache da Modelagem e Arranjo Floral – Ikebana. De maneira geral, as Oficinas foram um espaço de elaboração de conteúdos inconscientes, como propõe Jung, dada a liberdade do paciente em confeccionar suas produções. O Professor Orientador do Estágio e vários estagiários acompanharam a produção de um paciente hebefrênico, cronicamente internado na Ala Psiquiátrica por sua família. Esse paciente participou de cinco Oficinas de Pintura a Guache, no qual se pode estudar comparativamente a evolução de suas produções, partindo do geométrico e abstrato, para o figurativo. Essa evolução, segundo Nise da Silveira, mostra que o paciente passou de um estado de rejeição à realidade e introversão extrema, para outro, em que este apresentou uma consciência mais integrada e uma confiança no mundo externo. Essa evolução do paciente deveu-se à liberdade de elaboração, através da pintura livre, como também do vínculo transferencial positivo que este estabeleceu com o Orientador do Estágio e os estagiários.

Palavras-chave: Estágio de Psicologia; Oficina Terapêutica Expressiva, Esquizofrenia Hebefrênica; Elaboração de conteúdos inconscientes; Nise da Silveira; Vínculo transferencial positivo.

* Dr. em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, Prof. Orientador do Estágio Básico Supervisionado – Práticas Integrativas III da Faculdade Campo Real.

** Estagiários do Estágio Básico Supervisionado – Práticas Integrativas III da Faculdade Campo Real.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

INTRODUÇÃO

Este artigo diz respeito a uma Oficina terapêutica realizada em ala psiquiátrica, mantida pelo SUS, em Hospital Geral de município do interior do Paraná. Essa Oficina Terapêutica está incluída nas intervenções propostas a partir do Estágio Básico Supervisionado, Práticas Integrativas III, do Curso de Psicologia da Faculdade Campo Real, que propõe um estágio interventivo em Saúde Mental.

A ala psiquiátrica desse Hospital referencia as urgências e emergências de vários municípios do interior do Paraná, pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Possui 36 leitos de internação em sua ala masculina e igual número em relação à feminina. No total, dois médicos psiquiatras, dois psicólogos, uma assistente social, uma enfermeira, uma recreacionista e vários técnicos de enfermagem prestam assistência aos pacientes, tanto psicóticos, quanto alcoolistas ou drogaditos.

Em contato com a equipe do hospital, foi proposta a aplicação de Oficinas Terapêuticas como meio de que o estágio fosse significativo para os alunos, para os pacientes e à equipe do hospital. Essa concepção, de acordo com Palma (2004, p. 2), vai de encontro à teoria do Interacionismo Simbólico, proposta pelo filósofo americano George Hebert Mead:

O Interacionismo Simbólico de George Herbert Mead (1863-1931), que é considerado o arquiteto do Interacionismo Simbólico, concebe a sociedade humana fundamentada na base do consenso, de sentidos compartilhados na forma de compreensões e expectativas comuns. A interação é elemento constituinte das formas de comportamento, e a natureza dos objetos do mundo social é simbólica. O ser humano é sujeito e agente, pois interpreta e simboliza.

Isto é, a proposta do estágio foi a de procurar um consenso: que ele fosse significativo e pedagógico para os alunos, além de significativo e terapêutico de forma direta para os pacientes e indireta para a equipe do hospital, que seria beneficiada com a melhora dos pacientes, tendo facilitado o manejo destes.

Essa forma de trabalhar vai de encontro, também, da **“Carta Aberta aos professores (e alunos) da disciplina Psicopatologia” (NÚCLEO DE ESTUDOS PELA SUPERÇÃO DOS MANICÔMIOS/BAHIA, REDE NACIONAL INTERNÚCLEOS DA LUTA ANTIMANICOMIAL, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA E CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005)**, que é frontalmente contra o ensino tradicional da disciplina de Psicopatologia. Este era realizado, até então, na maioria das aulas práticas ou estágios, envolvendo a disciplina Psicopatologia, através da apresentação do enfermo:

Cumprе assinalar que a condenável prática de apresentação do enfermo está a priori baseada numa relação desrespeitosa com a dignidade dos sujeitos. Nesta circunstância, estes são expostos à mera curiosidade acadêmica, numa desigual e assimétrica relação de poder social, sem considerar os seus direitos à intimidade e à privacidade, servindo

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

a interesses que não lhe beneficiam pessoalmente de qualquer modo, já que tais apresentações não se inserem em nenhuma de suas necessidades terapêuticas.

A apresentação de doente, originária do Ensino de Psicopatologia para médicos psiquiatras, consiste na escolha, pelo professor da disciplina, de um doente mental que é trazido por aquele, para que os alunos o observem durante um inquérito verbal conduzido tanto pelo docente quanto pelos discentes. Ao final da apresentação, o professor da disciplina identifica os sintomas e realiza o diagnóstico do paciente. Essa forma de ensinar psicopatologia parte de uma lógica cientificista de total separação sujeito-objeto, na qual o paciente torna-se um mero objeto da curiosidade científica do professor e dos estudantes, sem obter nenhum retorno terapêutico destes (CARDOSO, 2004).

De forma contrária, a aplicação da Oficina Terapêutica a pacientes psiquiátricos tem sido um procedimento terapêutico reconhecido, inclusive, pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2004, p. 20), sendo utilizado, frequentemente, em Centros de Atenção Psicossocial:

As oficinas terapêuticas são uma das principais formas de tratamento oferecido nos CAPS. Os CAPS têm, frequentemente, mais de um tipo de oficina terapêutica. Essas oficinas são atividades realizadas em grupo com a presença e orientação de um ou mais profissionais, monitores e/ou estagiários. Elas realizam vários tipos de atividades que podem ser definidas através do interesse dos usuários, das possibilidades dos técnicos do serviço, das necessidades, tendo em vista a maior integração social e familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas, o exercício coletivo da cidadania.

O Ministério da Saúde coloca que há dois tipos básicos de oficinas terapêuticas: as expressivas e as de geração de renda. As primeiras estão relacionadas, basicamente, com a expressão de sentimentos e problemas por parte do paciente, enquanto que as segundas estão voltadas à atividade produtiva que gere renda e, dessa forma, contribua para a sua ressocialização. A atividade proposta por nós na ala psiquiátrica do Hospital Geral visa, então, a primeira modalidade, caracterizada por (BRASIL, 2004, p. 20):

De um modo geral, as oficinas terapêuticas podem ser:

- Oficinas expressivas: espaços de expressão plástica (pintura, argila, desenho etc.), expressão corporal (dança, ginástica e técnicas teatrais), expressão verbal (poesia, contos, leitura e redação de textos, de peças teatrais e de letras de música), expressão musical (atividades musicais), fotografia, teatro.

Nossa proposta de trabalho girou em torno de oficinas expressivas plásticas, utilizando, basicamente, pintura com guache, modelagem e pintura de argila, além de arranjo floral com flores vivas - Ikebana. O trabalho com oficinas terapêuticas expressivas, no sentido de oferecer um espaço no qual o paciente possa colocar os conteúdos do inconsciente de forma livre, pode ser efetivamente terapêutico, como diz Jung (1986, p. 249):

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

Nos pacientes esquizofrênicos em que o tratamento é realizado com certo êxito podem ocorrer complicações emocionais que levam a uma recaída psicótica ou a uma psicose aguda, caso os sintomas indicadores de perigo, sobretudo os sonhos destrutivos, não forem reconhecidos a tempo. O tratamento ou a interrupção desses processos nem sempre requerem medidas drásticas. Pode-se levar a mente do paciente, através de medidas terapêuticas comuns, a uma distância segura de seu inconsciente, por exemplo, induzindo-o a representar sua situação psíquica num desenho ou num quadro. Com isso, o caos que nos parece impossível compreender e formular é visualizado e objetivado, podendo então ser observado à distância, analisado e interpretado pela consciência. O resultado desse método parece residir no fato de a impressão originariamente caótica e amedrontadora ser substituída pela imagem que dela se faz. O “tremendum” é “desencantado” pela imagem, tornando-se banal e familiar. Quando o paciente se vê ameaçado pelos afetos da experiência originária, as imagens por ele projetadas servirão para aplacar o terror.

Jung (1958) coloca que a expressão livre, utilizando, neste caso, a pintura, pode fazer com que os conteúdos inconscientes sejam projetados sobre o papel ou sobre a tela, diminuindo a angústia que a pessoa acometida de sintomatologia psicótica sente. Os conteúdos inconscientes, projetados, podem ser então elaborados e despotencializados pela consciência, de forma não doentia. Isso, segundo o psicólogo suíço, pode evitar crises psicóticas.

Nise da Silveira (2006, p. 17) e seus colaboradores, seguindo as proposições de Jung, aplicaram este método de trabalho por várias décadas, na Seção de Terapêutica Ocupacional³ e Reabilitação (STOR) do Hospital Psiquiátrico Federal Pedro II e na Casa das Palmeiras, hospital-dia filantrópico criado e mantido por ela. A equipe de Silveira, nessa última instituição, aplicava as oficinas terapêuticas, inclusive, as de pintura, com o objetivo de evitar crises psicóticas conseguiu que pacientes com mais de quatorze internações psiquiátricas não fossem mais internados (MELO, 2001), comprovando a eficácia da proposta terapêutica junguiana. Silveira (1992, p. 17), assim se manifesta sobre a possibilidade dos pacientes crônicos do Hospital Pedro II, que frequentavam o STOR pintarem:

Dentre as várias atividades ocupacionais, verificamos que a pintura e a modelagem permitiam mais fácil acesso ao mundo interno do esquizofrênico. E esse é nosso principal objetivo, não só como uma questão teórica, mas também como necessidade para o tratamento, uma vez que teríamos de encontrar a atividade adequada à condição psíquica que se encontra o indivíduo.

Em termos do trabalho com o paciente psicótico, entendemos com a autora citada, que a possibilidade dele expressar suas emoções com linguagens mais primitivas, que antecedem o verbal, e que por sua vez mobilizam angústias inconscientes, é de vital importância. Por esse motivo, decorre a utilização da pintura, da modelagem e de outras expressões plásticas, como a Ikebana⁴ (SILVEIRA, 1986; SATO, 2001,

3 *** Ex-estagiários do Estágio Básico Supervisionado – Práticas Integrativas III da Faculdade Campo Real

4 Nise da Silveira (2006) nomeou seu trabalho inicialmente como Terapêutica Ocupacional e, posteriormente, como Emoção de Lidar. Porém, sempre reivindicou para o método um valor psicoterapêutico (Silveira, 1982).

2007) como forma de expressão emocional, dentro da proposta da oficina terapêutica que desenvolvemos no Hospital. Coloca Silveira (2006, p. 16-17):

A comunicação com o esquizofrênico, nos casos graves, terá um mínimo de probabilidades de êxito, se for iniciada no nível verbal de nossas ordinárias relações interpessoais. Isso só ocorrerá quando o processo de cura estiver bem adiantado. Será preciso partir do nível *não-verbal*. É aí que se insere com maior oportunidade a terapêutica ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências não verbalizáveis, por aquele que se acha mergulhado na profundidade do inconsciente, isto é, no mundo arcaico de pensamentos, emoções e impulsos, fora do alcance das elaborações da razão e da palavra. (os grifos são da autora)

Além da possibilidade de comunicação com o esquizofrênico, Silveira (2006, p. 17) coloca que a pintura e a modelagem oferecem a possibilidade de reordenação da consciência e sua vinculação com a realidade, a partir da despotencialização das angústias inconscientes, objetivos terapêuticos que perseguimos em nossa oficina:

Além disso, já havíamos verificado, desde 1948, que a pintura e a modelagem tinham em si mesmas qualidades terapêuticas, pois davam forma a emoções tumultuosas, despotencializando-as e objetivavam forças curativas que se moviam em direção à consciência, isto é, à realidade.

A autora também se preocupou com a aplicação das atividades terapêuticas em grupo. Nesse caso, ela designava um monitor⁵, para o acompanhamento destas. De acordo com Silveira (2006, p. p. 16), esse monitor deve ter como atitude básica a cordialidade:

Era um método que deveria, como condição preliminar, desenvolver-se num ambiente cordial, centrado na personalidade de um monitor sensível, que funcionaria como uma espécie de catalisador. Nesse clima, sem quaisquer coações, através de atividades diversas verbais e não-verbais, os sintomas encontravam oportunidade para exprimir-se livremente. O tumulto emocional tomava forma, despotencializava-se.

Nesse sentido, Silveira coloca a questão da atitude transferencial⁶, a partir de uma ótica junguiana, ou contratransferencial⁷, segundo a psicanálise, do terapeuta frente ao paciente. Autores como Ribeiro, Tatchibana e Aiello-Vaisberg (2008, p. 142-143) postulam que:

Poderíamos fazer uma comparação entre a capacidade de preocupar-se com o paciente, na clínica, com a capacidade de cuidar de um bebê, na esfera da maternidade, analogia esta que o próprio Winnicott (1956/1993) realizou em diversos momentos de sua obra, tanto que comumente usava o termo 'analista suficientemente bom' em

5 Neste caso, utilizamos como forma de trabalho a Ikebana no estilo do filósofo e esteta Mokiti Okada (Japão, 1882-1955). Este propõe um estilo de Ikebana livre, no qual o praticante escolhe a flor que mais gostar e o arranja da forma que melhor aprover (SATO, 2001)

6 Nise da Silveira trabalhou com funcionários públicos, muitos sem qualificação, que eram treinados para serem coordenadores de atividades de terapêutica ocupacional.

7 Para Jung (1946), a transferência é algo natural, e parte tanto do paciente para o terapeuta, assim como do terapeuta para o paciente, consistindo em um jogo de projeções inconscientes mútuas.

alusão ao seu conceito de “mãe suficientemente boa”. Da mesma maneira que a mãe deve ser capaz de entregar-se aos cuidados de seu bebê, suspendendo temporariamente seus investimentos pessoais em outras esferas de sua vida, o psicólogo deve ser capaz de dedicar-se aos cuidados de seu paciente, devoção esta que nem sempre é simples de acontecer, seja no caso das mães ou no dos psicólogos, uma vez que implica uma certa maturidade emocional.

De acordo com as autoras, a atitude contratransferencial do terapeuta deve ser a de deixar seus investimentos pessoais em certas esferas de vida e dedicar-se aos cuidados do seu paciente, o que resultaria num “analista suficientemente bom”. Essa postura terapêutica foi, muitas vezes, aplicada por Silveira (1982, p. 69-70), por exemplo, no contexto do tratamento de seu paciente Fernando Diniz⁸, que havia entrado em estado de regressão emocional após a morte de sua mãe:

Mas impressionava-me em Fernando a fixa crispação de angústia de sua face. Tentei então a experiência de colocar uma monitora com a função exclusiva de permanecer ao seu lado no atelier. A monitora não intervinha, não opinava sobre as pinturas. Apenas ficava ali, silenciosa, numa atitude de interesse e simpatia por qualquer coisa que ele fizesse, mesmo suas espessas garatujas.

Nesse sentido, Silveira orientou sua monitora no sentido de ser uma mãe suficientemente boa, no sentido de não colocar seu julgamento, de não exercer sua crítica sobre o paciente. Nesse sentido, Winnicott (1960, p. 150) coloca que o paciente Borderline, que está na fronteira da psicose e neurose, necessita de um relacionamento de tipo primitivo, quase fusional, para que possa regredir, emocionalmente, em segurança e, a partir daí, restabelecer-se, saindo do estado de caos emocional:

O paciente borderline atravessa gradativamente as barreiras que denominei de técnica do analista e atitude profissional e força um relacionamento direto do tipo primitivo, chegando até o limite de fusão. Isto é realizado de modo gradual e ordenado, e recuperação é correspondentemente ordenada, em uma doença na qual a característica é o caos.

De acordo com o que Winnicott postula, Fernando Diniz, aos poucos, através do vínculo estabelecido pela monitora, recuperou-se do caos emocional em que se encontrava, expresso pelas suas garatujas. Assim também será o caso que discutiremos aqui, acompanhado durante a oficina terapêutica desenvolvida no estágio descrito acima.

2 A PARTICIPAÇÃO DO PACIENTE OSMAR LUÍS NA OFICINA TERAPÊUTICA

Osmar Luís⁹ é um paciente que, constantemente, estava internado na ala psiquiátrica do hospital. Segundo o relato de um dos alunos, que fazia estágio em uma

8 Para a psicanálise inglesa e, principalmente, para Winnicott (1960) e autores dessa escola, a contratransferência poderá ter uso terapêutico, devendo ser manejada em prol do paciente.

9 Fernando Diniz era paciente do Hospital Pedro II.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

unidade de saúde mental da cidade onde o paciente residia, ele era uma pessoa que tinha um apoio familiar muito restrito: apenas um irmão seu, já de idade, cuidava dele. Segundo o relato do aluno, o irmão, porém, não possuía condições emocionais de cuidar de Osmar e, por este motivo, ele era frequentemente internado.

Osmar apresentava pensamento delirante e desagregado, discurso desconexo, taquifasia, mussitação, comportamento inadequado, humor pueril, típicos da esquizofrenia hebefrênica¹⁰. Por esse motivo, muitas vezes era hostilizado por seus companheiros de ala psiquiátrica, pois era inconveniente, importunando seus colegas dia e noite, apresentando comportamentos que eles eram incapazes de compreender.

Apesar da desagregação de sua personalidade, causada pela hebefrenia, Osmar demonstrou, durante a Oficina, a necessidade de apresentar seu drama interior, através de várias pinturas¹¹, que podem ser estudadas em sequência, segundo Silveira (2006, p. 18): *“Pinturas de um mesmo autor, tal como os sonhos, se examinadas em séries, revelam a repetição de motivos e a existência de uma continuidade do fluxo de imagens do inconsciente. (...)”*.

Dessa maneira, estudaremos as pinturas a guache de Osmar Luís em séries temáticas, que vão se sucedendo na produção dele, no período de cerca de um ano, em que ele participou de várias oficinas terapêuticas, com diferentes grupos de estagiários, mas sempre acompanhado do Professor Orientador do Estágio¹².

Nas duas primeiras participações em Oficinas Terapêuticas, uma no primeiro semestre de 2012¹³, e outra no começo do segundo semestre de 2012, o paciente desenhou algumas figuras geométricas, motivos que são recorrentes em suas produções.

Na primeira produção (anexo 1), encheu a folha de tinta azul clara, dizendo que é o céu. Na segunda produção (anexo 2), na mesma oficina, pintou a folha com faixas coloridas: roxo, preto, vermelho e verde oliva. Disse que estas são as cores do Posto Texaco. Apresentou, nessas duas produções, certa oposição entre o céu, aspecto celeste, divino, e o aspecto terrestre, ctônico, infernal, o petróleo que se tira do subsolo. Essa oposição é apresentada de forma geométrica, tendendo ao abstrato. Silveira (1982, p. 17) coloca a questão do abstrato na produção artística, apontando a tendência psicológica subjacente:

A condição prévia para que a tendência a abstrair entre em atividade seria a situação na qual exista a projeção inconsciente de forte carga de libido do sujeito para os objetos. Assim potencializados, os objetos tornam-se assustadoramente inquietantes, autônomos, capazes do poder de influenciar o homem. Para a defesa contra a ação mágica que os objetos exercem em tais circunstâncias, entra instintivamente em jogo a função

10 Pseudônimo do paciente

11 A esquizofrenia hebefrênica caracteriza-se pela presença de delírios e alucinações fugazes e fragmentárias, pensamento desorganizado que se reflete num linguajar incoerente, aparentemente sem sentido. O afeto é pueril, superficial e inadequado. Nesse tipo de patologia, nota-se presença de maneirismos, com comportamentos inadequados, sem valor pragmático (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1993).

12 As pinturas foram realizadas com tinta guache, com pincel, em papel A4.

13 Esta foi uma exigência do Hospital frente à Faculdade, de que sempre o Professor Orientador do Estágio estivesse com os estagiários, durante a realização do mesmo.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

de abstrair. A abstração, segundo Jung, consiste na produção de um movimento de refluxo, de introversão da libido que está aderida aos objetos, tendo por consequência a despotencialização destes objetos.

Podemos dizer que tanto o Céu quanto o Inferno se apresentam como objetos, no qual se projeta a libido de Osmar. Esses objetos são potencializados e tornados mágicos pela maciça projeção de libido, típica do psicótico. Haveria a necessidade, então, de despotencialização desses objetos potencialmente perigosos, e estes são geometrizadas por esse motivo.

No semestre seguinte, em outra oficina terapêutica¹⁴, o paciente esboçou várias faixas coloridas, dizendo apenas que desenhou faixas (anexo 3) e que mora na cidade com seu irmão. Novamente o tema abstrato se impõe, desta vez de forma mais radical, pois, não há referência nenhuma a aspecto naturalístico.

Quando um novo grupo de estagiários¹⁵ foi aplicar a Oficina de Pintura a Guache à ala feminina, auxiliando o Professor Orientador, souberam que um dos pacientes internados da ala masculina havia se desentendido com Osmar e ameaçara matá-lo. Sem alternativa, a equipe da ala psiquiátrica resolvera isolar Osmar, provisoriamente, na sala destinada às atividades de Terapêutica Ocupacional, antes de liberá-lo aos familiares¹⁶. Essa sala era, justamente, a utilizada pelo Professor e os estagiários para realizar as atividades terapêuticas. Como o Professor conhecia o paciente, contou a equipe da ala psiquiátrica do Hospital propondo que este participasse da Oficina Terapêutica, juntamente, com os grupos femininos, enquanto esperava que seus familiares lhe buscassem. A equipe terapêutica aceitou a proposta, como também Osmar.

Ele começou a participar da oficina pintando o que ele chamou de TV (anexo 4), mas que parece como uma cabeça de robô com dois olhos, atrás de uma viseira de cor vermelha, cor que simboliza, muitas vezes, a agressividade e o ódio. A julgar pelo momento que passara, pode-se deduzir que talvez Osmar apresente o que sente como olhar furioso do outro paciente em relação a si.

No segundo desenho dessa Oficina (anexo 5), ele pintou o que diz ser um coração com uma maçã dentro. É interessante que o coração é apresentado de forma deformada, ele mesmo parecendo uma maçã, ao mesmo tempo em que lembra na parte superior, a curva do referido órgão. Dentro do órgão transparente, a maçã aparece no centro deste. De acordo com Langer (1986), a maçã é um típico símbolo do seio materno, o que faz pensar que Osmar Luís contrapõe a rudeza do olhar do paciente que o odeia ao coração bondoso e amoroso da mãe¹⁷. Ao mesmo tempo, olhando por outro ponto de vista, o coração parece o rosto de uma pessoa ou palhaço triste, os olhos sendo traçados em marrom, em contraponto ao vermelho que constituiria o

14 Nessa participaram como coterapeutas as estagiárias Janaína Blanski, Alana da Rocha Loures Goetten, Gabrielly Silvia Cury de Oliveira e Maria Cristiane de Matos Pereira.

15 Nessa a Oficina participaram como coterapeutas os estagiários Vitor Hugo da Cruz, Bruna Caroline Muller e Ana Paula Filipim Tamioso.

16 Deste grupo fizeram parte as estagiárias Handressa Martins Berger e Fernanda Ravarena.

17 O médico psiquiatra responsável pela internação de Osmar Luís já lhe havia avaliado e dado alta.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

rosto como um todo. Provavelmente, as duas significações são verdadeiras, mostrando sua tristeza e o desejo de ter uma mãe bondosa, que o salve daquela.

No terceiro desenho (anexo 6), realizado durante a primeira Oficina, ele pintou uma casa. Ele entregou este desenho a uma das pacientes do grupo. Porém, ao invés de pintar um quadrilátero com um telhado triangular apontado para cima, faz o contrário, apontando o triângulo contra o quadrilátero. O telhado, como as partes significativas das duas outras pinturas, está em vermelho. Novamente, o desenho parece mais um personagem humano ou robô que olha furiosamente para ele, dessa vez, sem estarem nítidos seus olhos. Uma barra marrom está sob o telhado-cabeça¹⁸, representando o princípio ctônico e infernal, talvez a perseguição que Osmar sente contra sua pessoa.

O primeiro grupo é encerrado e durante o tempo em que o segundo grupo vai entrar, ele fez outra pintura (anexo 7), na qual configura um coração que diz ser o coração de Cristo flechado por várias setas. Logo após, afirma, contudo, que Cristo não está morto, que é uma lenda que isso tenha acontecido, talvez simbolizando que apesar de ter sido ameaçado e atacado simbolicamente pelo outro paciente, ele continuava vivo.

Quando o segundo grupo entra para participar da segunda Oficina, Osmar faz uma série de pinturas de forma rápida, dessa vez, sem que se pudesse determinar exatamente a ordem das pinturas.

Entre essas pinturas, ele desenha um coração com bordas negras, interior bege com outro coração menor dentro (anexo 8). Inquirido sobre o que isso significava, ele diz de Deus e de Cristo, talvez relacionando o fato de, na religião cristã, Cristo ser filho de Deus. Nesse sentido, provavelmente, o paciente representou o coração menor – simbolizando Cristo - dentro do coração maior – Deus. Nesse sentido, surge um aspecto transferencial para a figura do Professor Orientador do Estágio, Osmar colocando-o na posição do Pai, enquanto se coloca na posição do Filho.

Ele pintou três motivos que podem ser colocados em sequência: primeiro ele desenhou o que ele chamou de dois losangos (anexo 9), apresentando novamente um desenho com tema geométrico, já presente em outros desenhos. Ele se assemelha ao desenho da TV, mas sem a representação típica de um rosto.

No segundo, ele pintou um retângulo verde com espécie de alça, com dois retângulos no meio. Ao ser perguntando o que este desenho representa, Osmar disse que era uma mala. Perguntamos, então, para onde ele iria viajar e ele disse que para o Japão. Lembrando que o Professor Orientador é de origem oriental, japonesa, isso mostra, claramente, a transferência que Osmar estabelece com este, semelhante à de Fernando Diniz, em relação àquela monitora que Silveira (1982, p. 72) orientara para ter uma postura amável e cordial em relação às suas pinturas:

¹⁸ Lembrando que o leite, ou o seio, é geralmente tomado pelo bebê como a primeira expressão de amor da mãe.

Toda a série da japonesa caracteriza-se pela delicadeza do desenho e leveza das cores, em contraste com a maneira habitual de Fernando pintar – pinceladas espessas e cores fortes. Esta temática parecia estranha. Mas logo se esclareceu quando Fernando disse à monitora que ela parecia uma japonesa. E, de fato, olhos levemente rasgados, Aparecida tem um distantes semelhanças com o tipo japonês, logo apreendidas por Fernando. Distantes, mas suficientes para ajudá-lo a transportar ao outro lado do mundo, o Japão, a inacessível mulher amada que estava tão perto.

Em sequência a essa pintura, ele pintou um retângulo, com um rosto dentro, à semelhança de um retrato ou espelho (anexo 10). Osmar, dessa vez, fala diretamente que o rosto é do Professor Orientador do Estágio, a quem chama pelo nome. Novamente, ele simboliza, através da pintura, sua relação transferencial para com o terapeuta, reconhecido por Osmar como aquele que olha para ele.

Em outra pintura (anexo 11), o paciente realizou uma composição que apresenta uma curiosa utilização de elementos abstratos – formas geométricas - com outras figurativas e letras. Ele disse que o círculo poderia representar um cinzeiro, uma bola ou uma bala, e que havia a letra Y. Apesar de Osmar ter atribuído esses significados ao desenho, podemos pensar no círculo como um rosto com dois olhos, que se dirigem à letra Y, que por outro lado, parece apresentar uma representação esquemática da figura humana. Nesse sentido, podemos pensar em uma relação do terapeuta, que possui o rosto arredondado dos orientais, olhando o paciente, representado no Y.

Em outra pintura, o paciente cobriu o papel de tinta amarela com uma pequena parte em marrom (anexo 12), dizendo que essa cor era a preferida dos sogros. Novamente, temos a questão da oposição céu-terra, o amarelo sendo a cor solar, o marrom a cor da terra. Porém, nesse desenho o céu é predominante e a ele se agrega uma qualidade paternal, cor preferida dos sogros¹⁹. O tema da oposição céu-terra ressurge, dessa vez, porém, mediado por instâncias paternas, o que faz a balança pender em direção aos aspectos celestes ou solares.

Para complementar essa pintura, Osmar pintou outro, no qual representa o disco solar, com o círculo vermelho e os raios solares em amarelo (anexo 13) que ele disse ser o Sol. Jung aponta que o Sol, tradicionalmente, tem sido a representação de Deus ou do pai, novamente remetendo a aspectos paternos do terapeuta. Por outro lado, o círculo, ou mandala, representa a tentativa de integração de sua própria psique, por parte de Osmar. O sol também tem, culturalmente, o significado de consciência, o que significa que, provavelmente, naquele momento, ele estaria com a consciência mais integrada.

Uma última pintura dessa oficina representa uma construção que ele chamou de torre da Igreja de sua cidade (anexo 14). Nessa, ele consegue fazer uma torre de forma mais realista, com dois quadriláteros encimados por um triângulo na posição natural de uma construção.

Nesse dia, ele recebeu a acolhida dos terapeutas, no caso o Professor Orien-

19 Cabe ressaltar que no teste psicológico HTP o telhado representa a cabeça, o pensamento. Nesse caso, o telhado invertido pode, também, representar o pensamento confuso e invertido.

tador do Estágio e das estagiárias de Psicologia. Ele acabou produzindo uma série de pinturas, no qual ele parte de pinturas com conteúdo que apontam para a geometrização e a introversão e parte depois para outras, em que começa a apresentar uma aproximação ao mundo real, com empatia às figuras deste, principalmente a do terapeuta principal, o Professor Orientador do Estágio. Como coloca Silveira (1982, p. 18):

A tendência a empatizar funciona se o indivíduo nada vê nos objetos que o hostilizem. Ele encarna o cosmos sem temores e deseja uma relação íntima com os objetos do mundo externo. Alcançará esta relação por meio da empatia, isto é, transferindo conteúdos de sua psique para os objetos, animando-os e atraindo-os para si.

Cerca de quinze dias depois, Osmar participa de uma quarta oficina, em que acabou por produzir outras pinturas. Nessa, ele desenha o Posto Texaco (anexo 15), tentando fazer uma representação mais próxima da realidade do que as cores do Posto Texaco, realizado nas primeiras oficinas, confirmando o movimento de aproximação à realidade. O paciente pintou uma casa (anexo 16), dessa vez mais próxima à realidade, dizendo ser sua, além de desenhar retângulos, que ele chama de porta-retratos (anexo 17), no qual ele diz que colocaria a foto do Professor Orientador neste. Nesse dia, ele faz pinturas nas quais escreve frases²⁰, como “Meu pai”, “Feliz dias das mães”, “Oi Osmar”. No dizer “Meu pai”, temos apresentada a relação do paciente com o terapeuta principal, e na frase “Feliz dia das mães” representada a relação com as coterapeutas.

CONCLUSÃO

Acompanhar terapeuticamente um paciente psicótico e analisar sua produção plástica é uma tarefa difícil e trabalhosa. Porém, ela é rica em ensinamentos que podemos tirar dela. No caso de Osmar, constatamos que o paciente evoluiu de uma atitude de introversão, de rejeição do mundo externo, de dificuldade de lidar com os conteúdos do inconsciente, para outra em que, através da possibilidade de criação livre na Oficina Terapêutica, ele pôde projetar seus fantasmas interiores e elaborá-los em certa medida, configurando uma evolução terapêutica bastante interessante. A introversão extremada, típica do paciente psicótico, cede espaço para uma atitude de maior confiança para com as pessoas e para com o ambiente.

Essa evolução foi potencializada através da atitude cordial e devotada do terapeuta principal, no caso o Professor Orientador do Estágio e os coterapeutas, no caso os estagiários de Psicologia que acompanharam o Professor. Se a transferência maior do paciente foi estabelecida com o terapeuta principal, podemos dizer que ela ocorreu, dessa forma, devido ao fato deste passar mais tempo com Osmar. Os coterapeutas permaneciam, no máximo, quatro sessões junto com o paciente, depois rodiziavam e atendiam a pacientes em outras instituições, o que tornou a possibilidade do paciente

²⁰ Não houve nenhuma informação concreta de que um dia o paciente fora casado, o que aponta para um pensamento delirante de Osmar.

estabelecer uma transferência profunda para com eles, mas remota.

Vemos que a transferência do paciente pelo terapeuta principal foi bastante intensa, o terapeuta tendo um papel de catalisador frente ao paciente, como diz Silveira (1982, p. 68-69):

Costumo dizer que o monitor, num atelier ou oficina, funciona como uma espécie de catalisador. A química fala-nos de substâncias cuja presença acelera a velocidade das reações: enzimas, platina coloidal, paládium. Admite-se mesmo que reatores e catalisadores formem um complexo crítico ou um quase-composto. Em oposição ao agente catalisador está o agente inibidor, que impede a reação, por exemplo, a acetanilide. Entre o pessoal que tem contato com o doente: médicos, enfermeiros, monitores de terapêutica ocupacional, há também os catalisadores e os inibidores. Sem dúvida o mesmo indivíduo poderá funcionar como catalisador para uma pessoa e inibidor para outra.

Para que o terapeuta principal pudesse exercer este papel catalisador frente ao paciente, porém, necessitou do apoio dos estagiários que compartilharam com ele da tarefa terapêutica, tendo-se formado, apesar da rotatividade dos estagiários, verdadeiras equipes terapêuticas. Como coloca Silveira (2006, p. 21):

Damos grande ênfase às relações interpessoais entre corpo técnico e cliente, sem as marcadas distinções discriminatórias que os separam. Distinguir médicos, psicólogos, estagiários, clientes torna-se tarefa ingrata. A autoridade da equipe técnica estabelece-se de maneira natural, pela atitude serena de compreensão face à problemática do cliente, pela evidência do desejo de ajudá-lo e por um profundo respeito à pessoa de cada indivíduo.

Isso ocorreu porque os estagiários tinham sido preparados anteriormente, durante as aulas preparatórias ao estágio, com leituras sobre autores como a própria Silveira, Jung, Fiorini e outros, além de orientações fornecidas pelo Professor Orientador do Estágio, sempre no sentido da convivência cordial, respeitosa e de ajuda para com os pacientes da ala psiquiátrica. Nesse sentido, sempre tivemos dos estagiários esta atitude que em muito contribuiu para a consecução de nossa tarefa.

Ao desenvolvermos nossa atuação na ala psiquiátrica do Hospital Geral, tivemos *feedback* da equipe do mesmo, que nos afirmou que o trabalho com os pacientes os deixou menos ansiosos de maneira geral. A equipe sempre nos colocou que o trabalho com eles ajudava em termos da evolução emocional dos pacientes.

Quanto aos alunos, estes encararam a experiência do estágio como muito significativa de maneira geral, pois, fora a primeira que estes tiveram com pacientes psiquiátricos, podendo atuar de maneira coterapêutica desde o início.

Quanto ao Professor Orientador do estágio, foi interessante poder articular a experiência de estágio, no qual os três envolvidos, pacientes, equipe, estagiários, puderam compartilhar momentos significativos e no qual todos saíram beneficiados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CARDOSO, L. M. A. *Ensino-aprendizagem de psicopatologia: um projeto coletivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

JUNG, C. G. (1958). A esquizofrenia. In: _____. *Obras Completas de C. G. Jung*. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. (1946). A Psicologia da transferência. In: _____. *Obras Completas de C. G. Jung*. Vol. XVI-2. Petrópolis: Vozes, 1987.

LANGER, M. *Maternidade e sexo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MELO, W. *Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Imago; DF: CFP, 2001.

NÚCLEO DE ESTUDOS PELA SUPERAÇÃO DOS MANICÔMIOS/BAHIA, REDE NACIONAL INTERNÚCLEOS DA LUTA ANTIMANICOMIAL, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA E CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Carta Aberta aos professores (e alunos) da disciplina Psicopatologia. POL Notícias. Brasília, 10-10-2005. Disponível em <<http://www.pol.org.br/noticias/materia.cfm?id=451&materia=729>> Acesso em 5 de nov. de 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PALMA, G. M. O interacionismo nas investigações linguísticas: características e procedimentos. In A PESQUISA QUALITATIVA EM DEBATE... *Anais/ II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS*. - - São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2004. Disponível em <http://www.sepq.org.br/IIsepeq/anais/pdf/mr1/mr1_4.pdf> Acesso em 4 de nov. 2012.

RIBEIRO, D. P. S. A, TACHIBANA, M., AIELLO-VAISBERG, T. M. J. A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia – Revista do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil: Canoas-RS, n° 28, p.135-145, jul./dez. 2008.*

SATO, H. T. *Enquadres clínicos diferenciados na Reforma Psiquiátrica*. 2007, 258 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SATO, H. T. *Práticas psicanalíticas em instituição: oficina de arranjos florais*. 2001, 122 f. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVEIRA, N. (coord.) *Casa das Palmeiras: a emoção de lidar: uma experiência em psiquiatria*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

_____. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 2006.

WINNICOTT, D. W. Contratransferência (1960). In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

THE SUITCASE AND THE PICTURE FRAME: REPORT OF A CASE OF A PSYCHOTIC PATIENT ATTENDED IN EXPRESSIVE THERAPEUTIC WORKSHOP

ABSTRACT

This paper presents the work done by students of Psychology Course of the Campo Real College, in apprenticeship realized in the Psychiatric Ward in a General Hospital of a city in the State of Paraná, Brazil. The basic proposal of the Apprenticeship was to offer to the patients Expressive Therapeutic Workshops aiming at the production of vital senses for psychiatric patients. The artistic languages used in the Expressive Therapeutic Workshops with the psychiatric patients were Gouache Painting, Modeling with Clay, Painting of the Modeling and Flower Arrangement – Ikebana. In general, the Workshops were a space for elaboration of the unconscious contents, as proposed by Jung, given the freedom for the patient to prepare their productions. The Advisor Teacher of the Apprenticeship and the probationers followed then the production of a hebephrenic patient, chronically hospitalized in this Psychiatric Ward by his family. This patient participated of five Workshops of Gouache Painting, in which can be studied his productions and its evolution, starting from the geometric and abstract to the figurative. This development, according Nise da Silveira, shows that the patient went from a stage of rejection of the reality and extreme introversion, to one where he presented a more integrated awareness and confidence in the outside world. This evolution of the patient was due to the good conditions of psychic elaboration, through free painting, but also by the establishment of a positive transference between him, the Advisor Professor and the probationers.

Keywords: Psychology Apprenticeship, Expressive Therapeutic Workshop, Hebephrenic schizophrenia, Elaboration of unconscious contents, Nise da Silveira, Positive transference.

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 18 de dezembro de 2012

Aceito em: 30 de janeiro de 2013

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

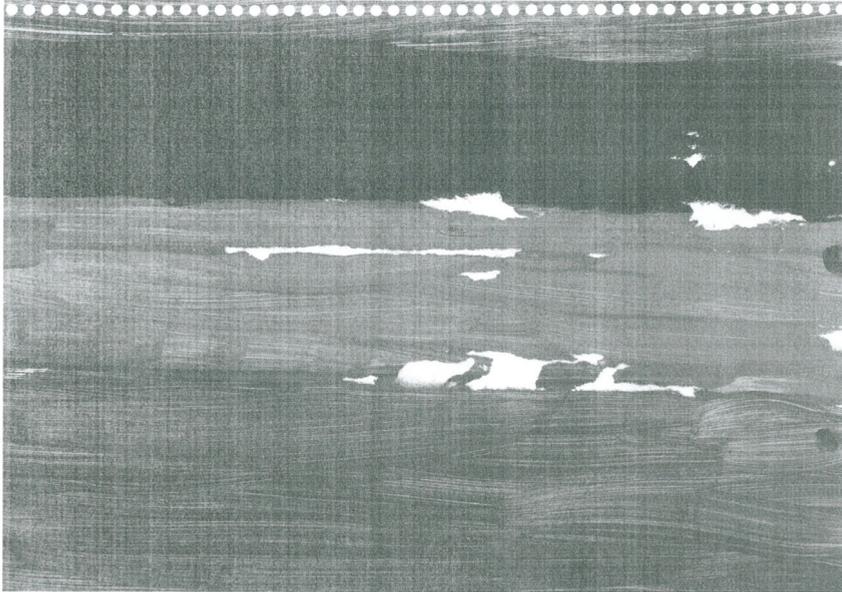
Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

SATO, Haroldo Tuyoshi *et al.* *A Mala e o Porta-retrato: Relato de um Caso de Paciente Psicótico Atendido em Oficina Terapêutica Expressiva*. Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 81-104, jul./dez. 2013.

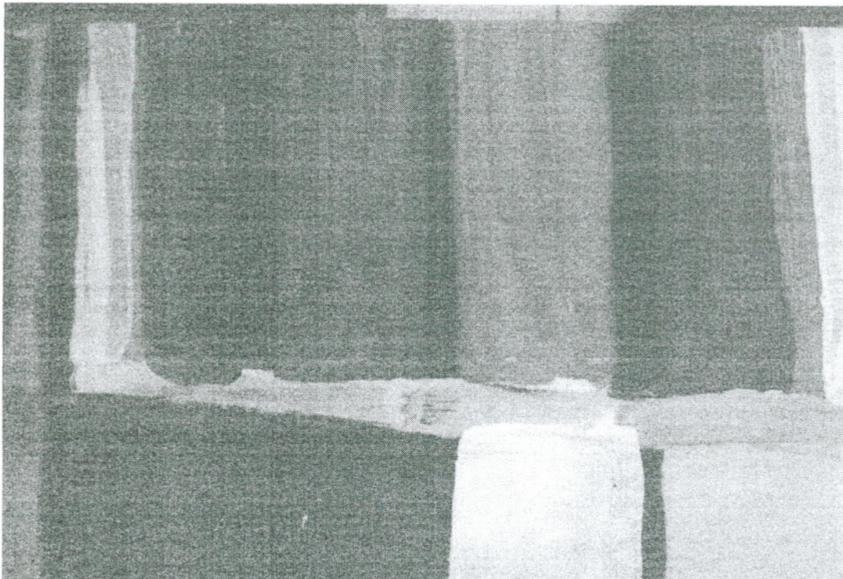
Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

ANEXOS

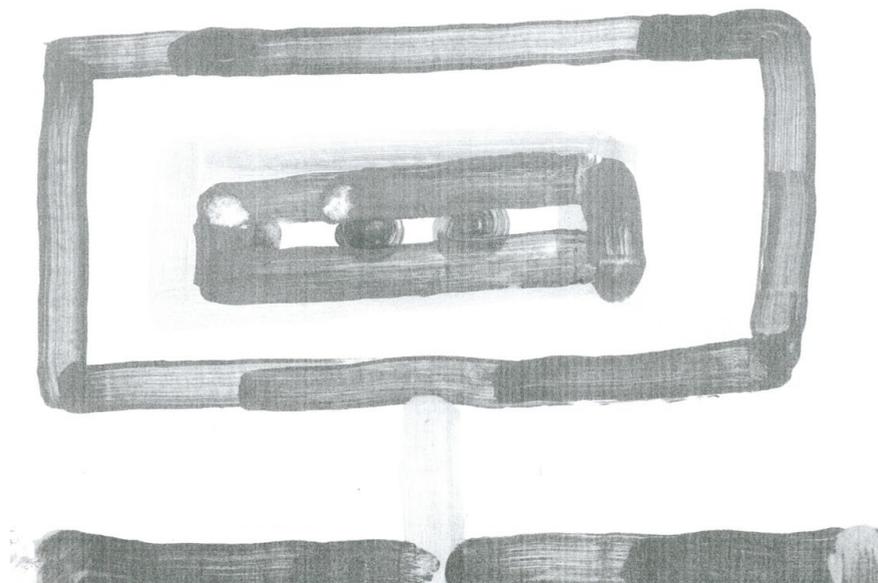
ANEXO 1



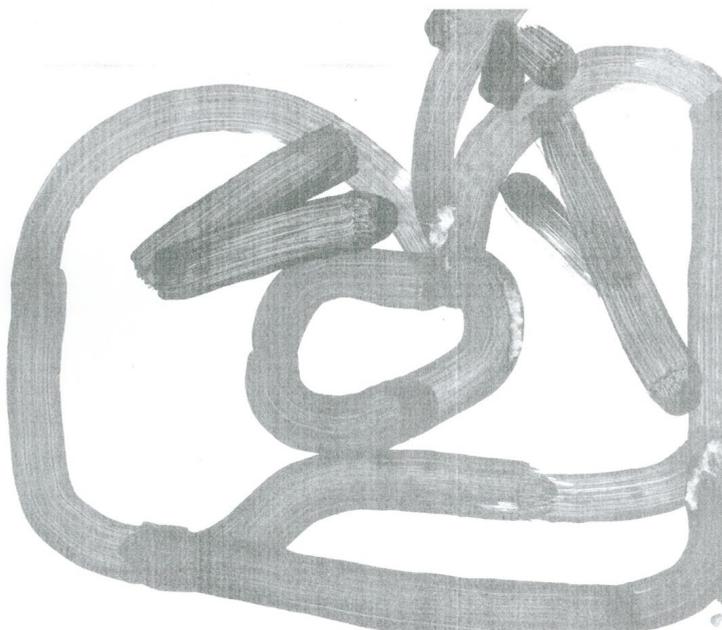
ANEXO 2



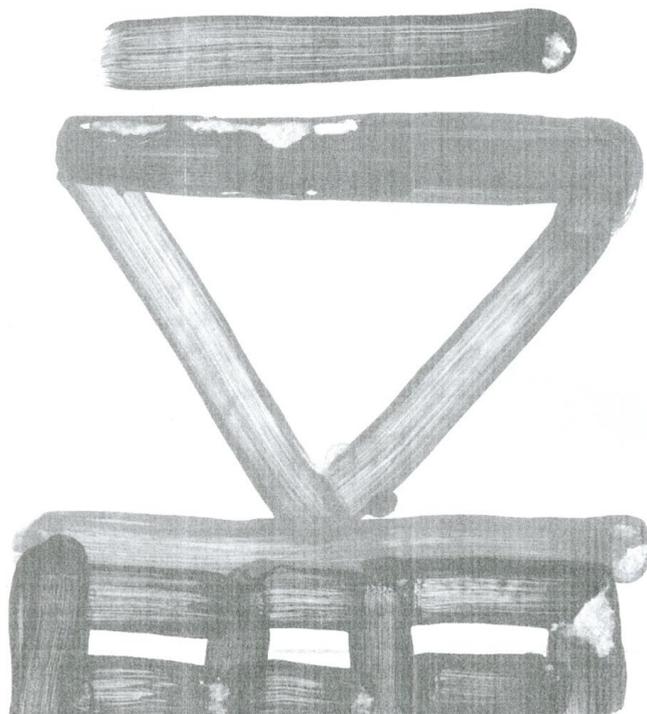
ANEXO 3



ANEXO 4



ANEXO 5



ANEXO 6

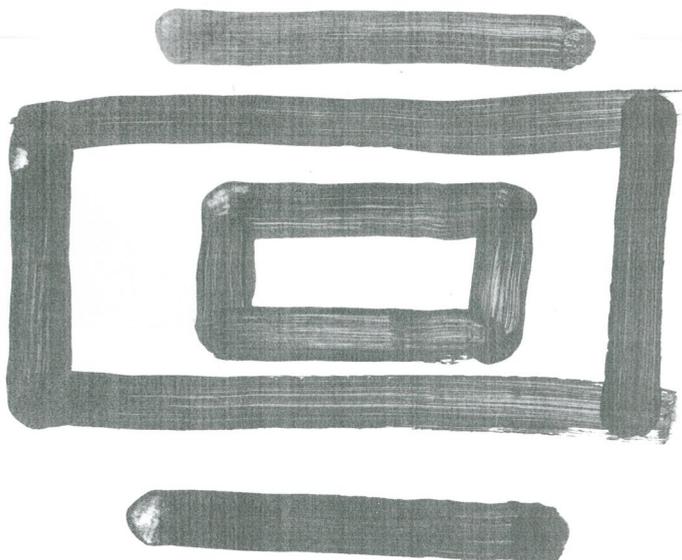


Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

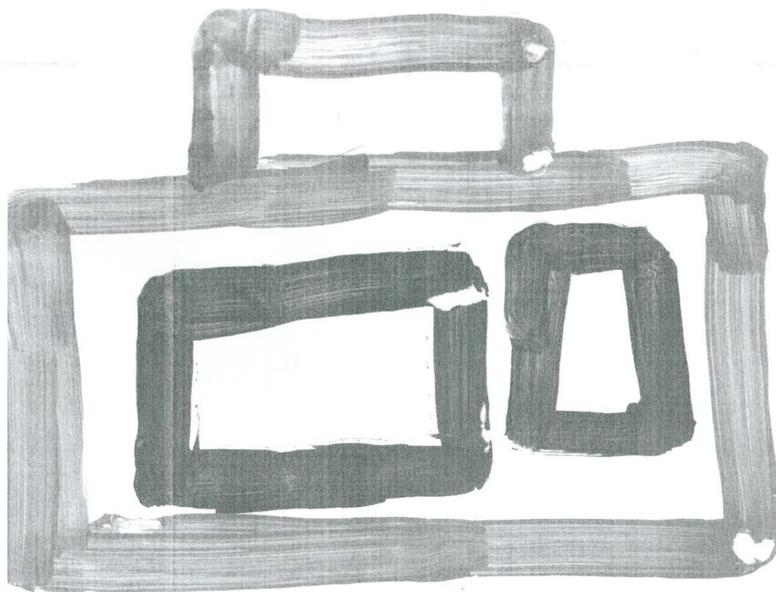
ANEXO 7



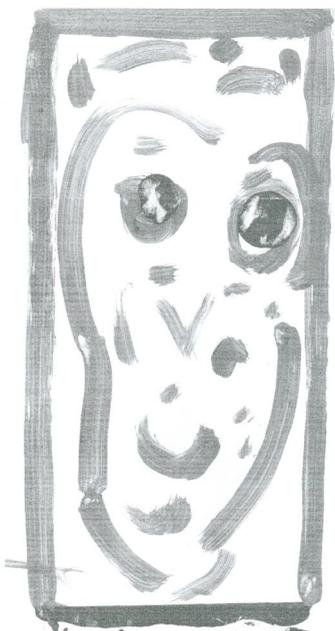
ANEXO 8



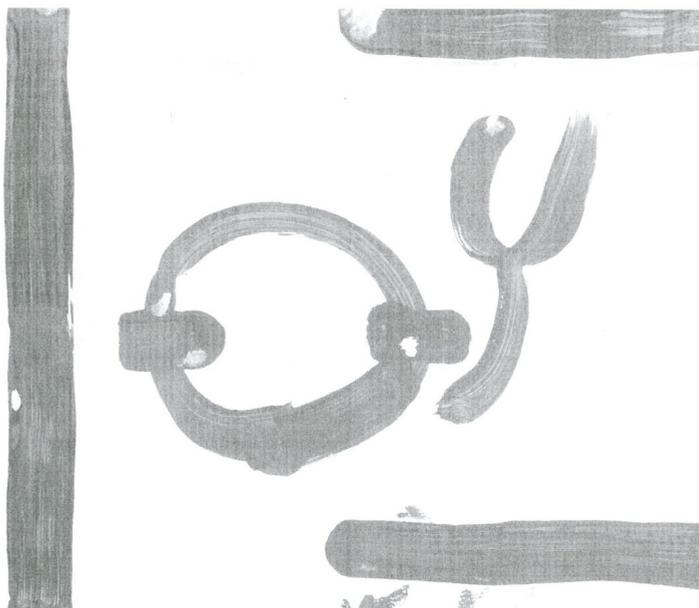
ANEXO 9



ANEXO 10



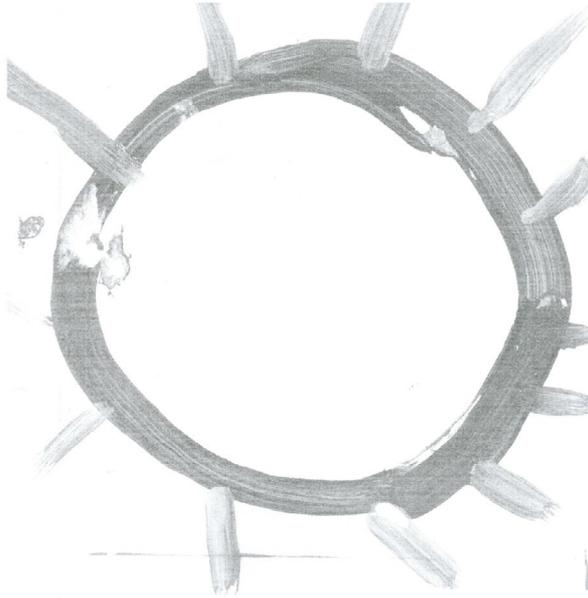
ANEXO 11



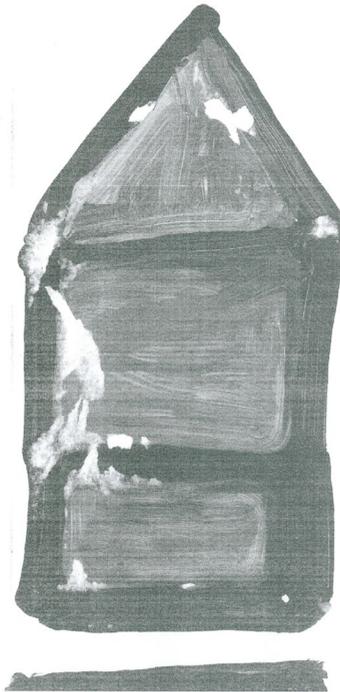
ANEXO 12



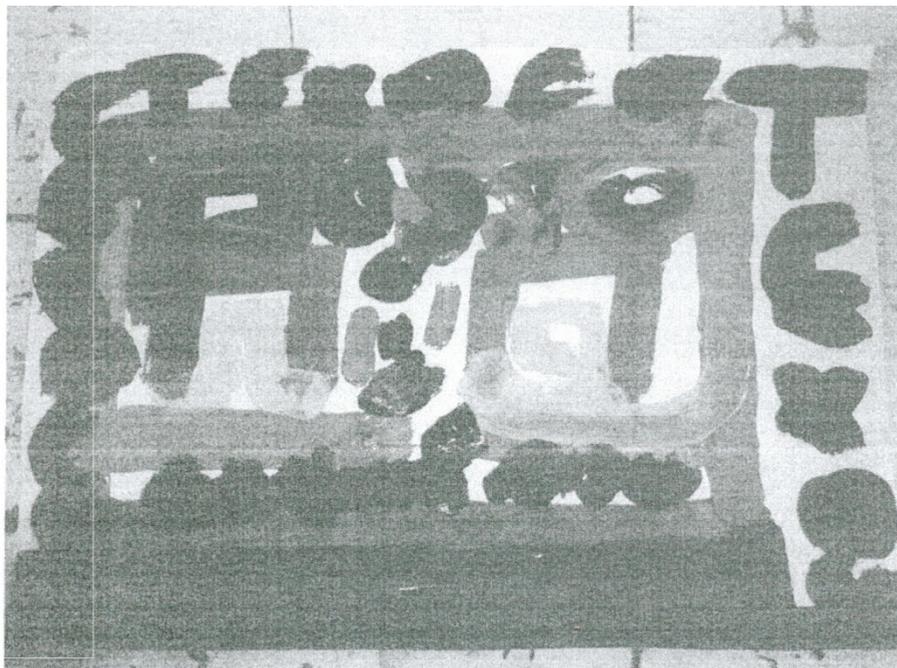
ANEXO 13



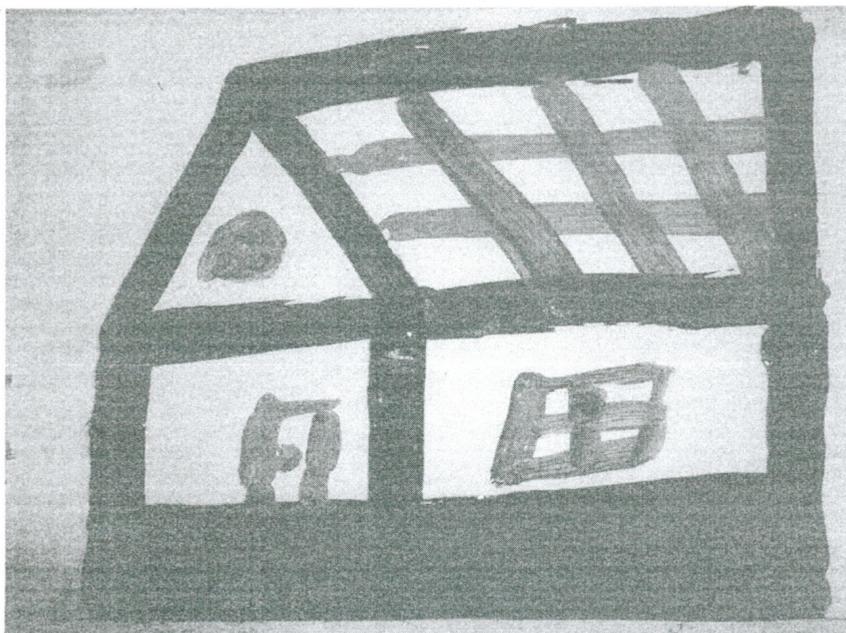
ANEXO 14



ANEXO 15

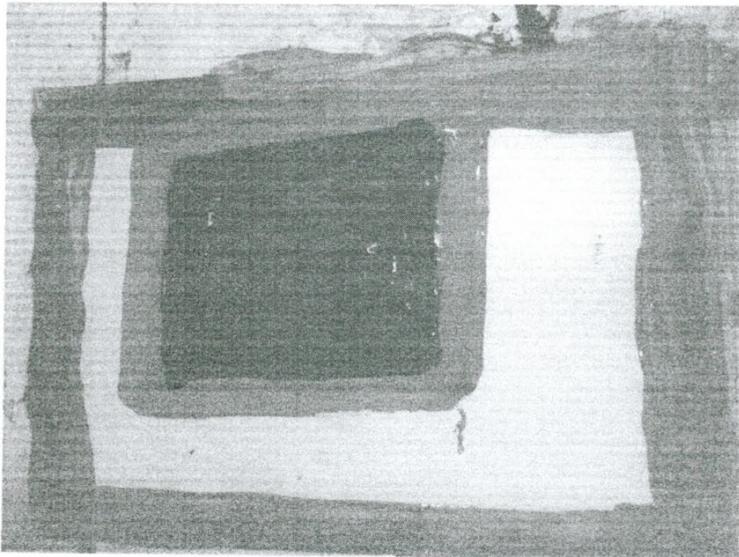
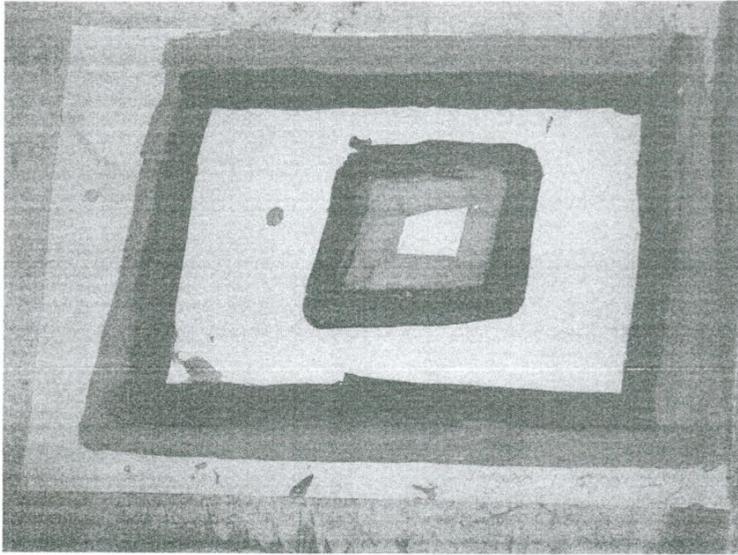


ANEXO 16



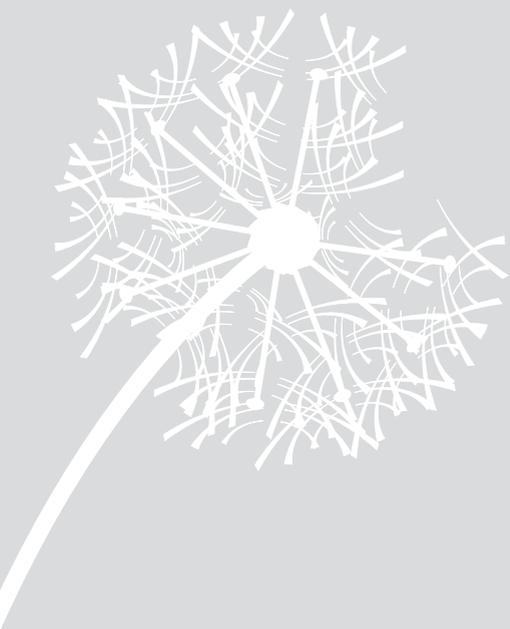
Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------

ANEXO 17



Na oficina na qual no dia anterior ele fora ameaçado de morte, Osmar tinha feito pinturas com frases, porém, estas eram ininteligíveis, bem ao estilo de um paciente hebefrênico.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	81 - 104	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	----------	----------------



LINGUÍSTICA,
LETRAS E ARTES



ATUAÇÃO DOCENTE: NA TEORIA E NA PRÁTICA

Zuleica Aparecida Cabral *

RESUMO

É inegável que vivemos em um mundo com avanços tecnológicos cada vez mais significativos que necessitam de discussão e compreensão por parte de professores. Nesse norte, o presente trabalho é um recorte de uma pesquisa maior em andamento e objetiva introduzir estudos e discussões sobre a ação reflexiva acerca das práticas de letramentos/letramentos digitais na prática em sala de aula. Os dados selecionados foram gerados com base em uma pesquisa qualitativa, sob a ótica da pesquisa-ação Barbier (2007); Thiollent (2007) e Flick (2010), que se dá por meio de grupos de discussão realizados no Laboratório de estudo de texto – LET/UEPG, os quais resultam em relatos autobiográficos escritos em blogs criados pelos professores participantes. Tais dados estão sendo registrados no Arquivo de textos autobiográficos – ATA/UEPG (Protocolo (FUP) n.º 18985). Os aportes teóricos que abarcam esse diálogo pautam-se em Moran (2007); Schon (2000) e Pimenta (2006). Os resultados das discussões encaminham-se para posteriores projetos específicos a serem desenvolvidos na escola a partir das diretrizes apontadas pelos participantes com o intuito de que sirvam como instrumento de ensino/aprendizagem. Isso tudo na perspectiva que possam efetivar práticas dinâmicas e que auxiliem os professores no trabalho diário. Nesse processo, constrói-se um ensino reflexivo sobre o uso do digital conforme Schön (2000), baseado no processo de reflexão na ação.

Palavras-chave: Linguagem. Prática docente. Ação reflexiva. Práticas de letramentos digitais.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o recorte de uma pesquisa maior em andamento, intitulada “Reconfigurações Tecnológicas na escola: as práticas de letramentos/letramentos digitais na visão dos professores”. Nesse norte, os dados aqui expostos fazem parte da terceira etapa da pesquisa, que visava a encontros para discussão com os participantes da investigação, após a inserção de linguagem digital em sua prática de sala de aula. Os participantes dessa investigação são dois professores de uma escola particular, em funcionamento no interior no Paraná.

Os grupos de discussão tinham como questionamento principal “como os professores se sentem utilizando tecnologias digitais como prática social em sala de aula?”. Por meio das discussões houve a possibilidade de uma reflexão crítica mais detida acerca dos obstáculos e facilidades do trabalho com as tecnologias de informação e comunicação. Os participantes puderam apresentar seus pontos mais relevantes na discussão, os quais os professores categorizaram como pontos positivos e negativos.

A seguir apresentam-se as escolhas teóricas que abalizaram a análise com vistas a refletir sobre os letramentos/letramentos digitais em uma sociedade tecnologicada, com mudanças socioculturais, talvez nunca vistas anteriormente, devido à velocidade de informações. E todo esse processo também faz parte do universo escolar, uma vez que se tornou um desafio ensinar em tempos de alta tecnologia e inúmeras informações, às quais os alunos, em sua grande maioria, têm acesso via internet.

2 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

O mundo vive em acelerado desenvolvimento devido aos avanços da tecnologia dentre outros fatores e a escola faz parte desse desafio. Dessa forma, uma das funções dela é contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania incorporando novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. Diante desse quadro de mudanças, faz-se necessário e urgente um aprendizado diferenciado, sobre como usar e aproveitar no ambiente escolar tanta tecnologia disponível. Entretanto, para evitar o uso ingênuo dessas tecnologias, é fundamental conhecer novas formas de aprender, de ensinar e, ao mesmo tempo, produzir, comunicar bem como representar conhecimentos, facilitados por tais recursos, a fim de favorecer a democracia e a integração social. Pereira (2007) assinala que:

Precisamos dominar a tecnologia da informação; estou me referindo aos computadores, softwares, internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla ou usar o mouse. Precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos informação, sejamos capazes de extrair conhecimento. (PEREIRA, 2007, p. 17)

Alguns anos atrás, ouviam-se rumores de que o computador substituiria o pro-

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

fessor e que questões relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem seriam resolvidas por meio da tecnologia. Quando as primeiras salas de informática começaram a surgir nas escolas, utilizá-las só era possível, com acompanhamento do professor de informática. Desse modo, os conteúdos trabalhados na informática dificilmente faziam ligação com as disciplinas curriculares da escola.

No entanto, o alarme e o medo inicial cederam espaço para pesquisas no campo da tecnologia e, por conseguinte, as tecnologias digitais, mesmo que de modo tímido, vêm se firmando no ambiente escolar. No Estado do Paraná, existe o projeto “Paraná Digital”, o qual apresenta a inclusão sociodigital nas escolas da Rede pública de Educação Básica, a partir de 2003. O projeto configura uma realidade por meio da ampliação da rede de inovações tecnológicas, o qual se efetiva em um trabalho que segue a política Educacional do estado, objetivando a melhoria na qualidade de educação para todos. O projeto

teve como meta atingir mais de 2100 estabelecimentos de ensino, localizados nos 399 municípios do Paraná, atendendo um universo de 1,5 milhão de estudantes matriculados no ensino público estadual, cerca de 51 mil professores, funcionários do SEED e 32 Núcleos Regionais de Educação (NREs), visando o acesso ao Portal Educacional Dia a dia Educação e sua difusão. (Paraná Digital, 2010, p. 11)

Além da meta de conectar Escolas da Rede Estadual ao portal, o projeto investiu pesadamente na expansão da conectividade em todo o Paraná e na obtenção de inovações tecnológicas. Esperava-se que diante do investimento e da expansão tecnológica, os professores do quadro se incorporassem ao processo de produção do Paraná Digital e que os laboratórios de informática fossem incorporados no ambiente escolar, como mais um espaço pedagógico. Convém ainda destacar, que o projeto tinha como um dos objetivos estratégicos em relação aos conteúdos e ao material didático, a continuidade e o fortalecimento da política pública de inclusão digital, segundo a filosofia do *software* livre.

Segundo Libânio (2000), a escola tem um papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade moderna. Isso mostra o papel relevante da escola frente ao compromisso de conscientizar cidadãos para o uso de novas tecnologias, a fim de que utilizem de modo crítico e criativo os aparatos tecnológicos e não apenas como meros consumidores passivos.

Discutir como a tecnologia digital é complementar à prática pedagógica, e como os resultados de sua utilização podem possibilitar melhorias na qualidade do processo de ensino e aprendizagem, parece ser uma das bases para repensar o novo perfil do educador. Esse professor reconstruído na era tecnológica deveria estar letrado digitalmente, isto é, apropriar-se de tecnologias digitais proporcionando o diálogo entre diferentes linguagens, para assim transformar a maneira de expressar o pensamento, bem como, de se comunicar, dando-lhe novos significados e funções.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

Moran (2007) destaca que se alunos forem excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual, do acesso à informação variada e disponível *on-line*, a educação não fica completa, nas palavras do referido autor, “Escolas não conectadas são escolas incompletas”. Nesse sentido, é por meio da linguagem que a inserção das tecnologias se dá, e essa linguagem é uma prática social presente no cotidiano das instituições e de cada pessoa na sociedade. Conforme afirma Marcuschi (2004),

a linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas que são adaptáveis às mais diversas mudanças de comportamento além de responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. As inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua, em particular, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo [...] (MARCUSCHI 2004, p. 7).

Ao trazer a realidade do aluno para sala de aula, espera-se que haja maior interesse e participação, portanto, acredita-se que tal interesse será alcançado utilizando as tecnologias digitais. Segundo Carvalho (2008, p.26), “o professor deve se aproximar das mídias para poder alcançar os seus alunos, uma vez que é no fruto dessa interação que se enriquecem os ambientes de aprendizagem, tornando-os mais atrativos e fazendo do aprender algo agradável”. Soma-se a esse fato a fartura de informações na rede, contribuindo notadamente para que o sujeito desenvolva rapidamente, a competência de autoaprendizagem. O acesso à informação é a primeira condição para a aprendizagem e nessa discussão pode-se perceber a internet pródiga em dados. Moran (2007) assevera que

pela primeira vez na história, percebemos que a educação não acontece só durante um período determinado de tempo, maior ou menor (educação básica, superior), mas ao longo da vida de todos os cidadãos e em todos os espaços. A educação não acontece só no espaço oficial, na escola e na universidade. Todas as organizações e instituições aprendem cada vez com mais intensidade e ininterruptamente. Essa percepção da urgência da aprendizagem de todos os tempos todo é nova (MORAN, 2007, p. 15).

Os jovens, na sociedade atual, aparentam ter muito mais habilidades com as tecnologias em relação aos professores, no entanto, é perceptível que esses alunos não possuem maturidade para discernir entre o que é bom ou ruim, diante de tanta informação disponível nos meios tecnológicos. Para tanto, torna-se emergente adotar uma nova postura sobre o ato de ensinar uma vez que, o papel do professor é trazer ao aluno informações e conhecimento construído sócio-historicamente. Todavia, não basta apenas repassá-los mecanicamente aos alunos, já que o papel da escola é permitir a apropriação crítica, criativa, que tenha significado e seja duradoura fazendo sentido para o mesmo.

Nesse aspecto, cabe ressaltar a essência da atividade de ensino como um processo de mediação. O professor, nesse contexto, assume o papel de mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento, que estão disponíveis na sociedade. A integração entre tecnologias linguagem e educação tem papel preponderante na formação de in-

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

divíduos mais bem qualificados para o convívio e atuação na sociedade, conscientes de seus compromissos com as transformações de seu contexto, a valorização humana e a expressão da criatividade.

Muito embora haja percalços a serem superados, com a inserção da linguagem digital em sala de aula, o professor pode oferecer ao aluno inúmeras outras possibilidades de discussão, análise, reflexão, interpretação, leitura uma vez que há maior facilidade em trocar ideias. Além disso, oportuniza ao educando estar imerso na cultura da aldeia global¹ e do mundo interconectado, utilizando as ferramentas da *web 2.0* como: *e-mails, blogs*, fórum de discussão, *google docs* dentre tantos outros, acerca das temáticas abordadas em sala de aula em tempo real².

Paulo Freire (2011) já discutia na obra “Pedagogia da Autonomia”, a necessidade de ser e de saber do educando, além de enfatizar a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para escola, uma vez que é um sujeito social e histórico, e assim o sendo, há a necessidade de formar cidadãos críticos e não treinar os alunos nas suas destrezas. Moran (2004) concorda com Freire ao afirmar que é importante educar para a autonomia, para que cada indivíduo encontre seu próprio ritmo de aprendizagem, de modo que se eduque para a cooperação, para aprender em grupo, intercambiar ideias, participar de projetos e realizar pesquisas em conjunto.

Nessa perspectiva, com a utilização do computador no processo de ensino/aprendizagem, o aluno passa de mero sujeito passivo, expectador da aula para um sujeito ativo, ora protagonista, ora coadjuvante do aprendizado. Do mesmo modo, o professor passa de mero transmissor do conhecimento para mediador, construtor do conhecimento juntamente com os estudantes. Cabe ressaltar, nas palavras de Moran (2004, p. 3) que “a internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do aprender da roda de estudo em grupo da leitura, do estudo em campo com experiências reais”. Isso porque nada opera sozinho, a tecnologia não garante a aprendizagem e não opera mudança na Educação, porque depende de um conjunto de fatores.

Não significa, entretanto, que não haja realidades diferentes em cada contexto escolar, também há barreiras culturais que impendem mudanças, além da falta de formação para equipes pedagógicas para orientar e instigar o uso pedagógico de tecnologias. Sem contar, ainda, com as dificuldades individuais de uso de equipamentos

1 O termo “aldeia global” é muito utilizado como referência à globalização, a uma nova visão de mundo e às comunidades conectadas entre si, através de avançadas tecnologias de comunicação e transporte. O termo foi criado na década de 60, pelo professor de Comunicações da Universidade de Toronto, Herbert Marshall McLuhan. Em seus estudos, McLuhan considera que a informação trocada de forma virtual e eletrônica permite superar distâncias geográficas e permitir trabalhos remotos entre pessoas, empresas e governos. A aldeia global e seu potencial comunicativo desfragmentam espacialmente as sociedades, o que permite que um acontecimento ocorrido numa região do planeta afete a opinião pública em outro continente distante. [http://www.portaldomarketing.com.br / Artigos/VisoesdaaldeiaglobaldeMacluhannofuturoproximo.html](http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/VisoesdaaldeiaglobaldeMacluhannofuturoproximo.html)

2 Em agosto de 2012 a revista Exame.com exibiu uma reportagem com as 10 tecnologias que revolucionarão a educação. O texto está disponível em: http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/10-tecnologias-que-revolucionarao-a-educacao?goback=.gde_2517812_member_143564224&page=1

e das TICs em relação à Educação, a falta de articulação efetiva entre os setores educacionais, bem como a falta de manutenção de equipamentos e pronto atendimento às demandas de problemas a serem resolvidos nos laboratórios.

Sendo assim, o computador sozinho não garante a aprendizagem eficiente, ele serve apenas como uma ferramenta que auxilia na aprendizagem, facilitando o trabalho do professor. Haja vista que quem controla a máquina é o professor, portanto, o computador está para servir ao processo de aprendizagem e não o contrário. O uso dessa tecnologia ressalta o tipo de educador que faz uso dele, otimizando o tempo em sala de aula como também a produção, provocando o crescimento e o aprofundamento de novos saberes deste profissional.

Como se depreende, a tecnologia presente na educação pode reforçar o que o educador elabora para suas aulas. Por meio do acesso à internet, tanto professor como aluno pode ter acesso aos inúmeros tipos de linguagens e tantos outros benefícios proporcionados pelo uso da rede mundial de computadores. Cabe ao professor selecionar³ o que é adequado e pode ser utilizado no “seu” fazer docente para enriquecer a prática diária, levando em consideração a realidade da sala de aula que se apresenta. Para tanto, é de ser relevado o fato de que os profissionais da educação saibam e conheçam como utilizar o computador, de modo apropriado para auxiliar na educação dessa geração ligada às Tecnologias de Comunicação e Informação.

Neste trabalho, tenciona-se dialogar com professores acerca de suas experiências em sala de aula e em outros espaços que integrem tecnologias e linguagens, enfocando a contribuição de seus conhecimentos que experienciam um olhar integrador entre linguagem, tecnologia, educação, propósitos, nos quais se envolvem os alunos, motivo maior para tais compreensões e usos. Para tanto, é relevante identificar as contribuições da linguagem digital, bem como das tecnologias de acordo com suas propriedades intrínsecas, a fim de redimensionar a prática docente a partir da inserção dela nas práticas sociais, inserção por sinal irreversível e, assim, dilatar o olhar para englobar diferentes sistemas de conhecimento e de significados, modos diferentes de sentir, pensar, compreender, agir, interpretar e conceber o mundo, a vida e a si mesmo.

Há que se reencontrar outros sentidos interativos e integradores da educação, que levem a repensar sobre a necessidade dos professores tomarem consciência de que o uso de tecnologias poderia permitir o redimensionamento dos espaços de ensinar e aprender. E desse modo, entrever a produção do conhecimento, as novas práticas da

3 Segundo reportagem “Como fazer uma boa busca na internet” da Revista Nova Escola on line, de abril de 2005, uma das sinalizações de pesquisa é: Assinatura Observando o endereço da página, é possível ter uma ideia da credibilidade do conteúdo. As extensões .gov (governamentais), .org (instituições sem fins lucrativos) e .edu (universidades, fora do Brasil) são mais indicadas. A extensão.com, que é a mais comum, abriga de tudo - muita bobagem, mas também sites de jornais e revistas. “É importante observar ainda quem é o responsável pela página. Para conhecê-lo, procure o link quem somos”, afirma o jornalista Marcelo Soares, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-fazer-boa-busca-internet-423567.shtml>

escola, a necessidade da formação continuada, com vistas a atender as mudanças da sociedade atual, (re)construindo desse modo o valor do saber. Por mais que

vivemos o paradoxo de manter algo em que já não acreditamos completamente, mas não nos atrevemos a incorporar plenamente novas propostas pedagógicas e gerenciais, mais adequadas à sociedade da informação e do conhecimento, para onde estamos caminhando rapidamente. (MORAN, 2007, p. 16)

Feitas essas considerações, acredita-se que a escola tem, entre muitas, a função de educar para que os cidadãos se tornem críticos e conscientes em suas escolhas. Para isso é necessário que escola e professores se conscientizem da importância de entender a linguagem como prática social, não excluindo o trabalho com as tecnologias digitais de sua prática diária, pois é reconstruindo e ressignificando os saberes que educadores irão construir junto com os educandos o conhecimento necessário para suas vidas. Como Moran (2007) preleciona, estamos diante de uma tarefa imensa, histórica e que levará décadas, uma vez que a proposta de implementar e avaliar as novas formas de organização de ensino/aprendizagem em todos os níveis é bastante complexa.

3 LETRAMENTO DIGITAL NA PRÁTICA DOCENTE

Partindo do pressuposto de que a inserção no processo de tecnologias digitais é imutável ante um mundo globalizado em expansão, tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua, sustenta Freitas (2010). A revolução tecnológica abriu espaço para fortes discussões de como o poder da internet se tornou veículo de globalização. Letramento digital, então, segundo Coscarelli e Ribeiro (2011, p. 9) “é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. E, assim, compreende-se que letramento digital é muito mais que aprender a digitar em um computador.

Diante disso, o mais recente desafio pedagógico que se instaura entre os educadores é letrar digitalmente docentes em atuação e usar o universo digital com uma nova geração de estudantes, que estão crescendo e vivenciando as novas tecnologias de informação e comunicação. Xavier (2002, p. 1) assevera que “ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos tais formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital”. E segue afirmando que

[...] um conjunto de informações e habilidades mentais devem ser trabalhados com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais (XAVIER, 2002, p.1).

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

Em vista disso, compreende-se letramento digital, neste trabalho, como uma nova prática de inserção das tecnologias digitais em sala de aula, a fim de que tais tecnologias estejam presentes na escola, propiciando aos alunos outras fontes de informações diversas. E, de acordo com cada realidade sociocultural, talvez facilitando e simplificando o trabalho cotidiano do professor, com o intuito de inovar na apresentação dos conteúdos de forma mais dinâmica, interativa e próxima das diversas práticas sociais.

É preciso que professores também se apropriem dessa linguagem para assim explorá-la juntamente a seus alunos as várias possibilidades do novo ambiente de aprendizagem. Não é mais possível ficar fora desse contexto, do mundo virtual que os alunos dominam, por isso cabe ao professor direcionar as aulas, aproveitando o que a internet pode oferecer de melhor.

Diante da nossa sociedade digital, o professor necessita, em sala de aula, muito mais que dispor de um laboratório de informática, computadores ligados à internet e cursos básicos de informática educativa. Faz-se necessário que os professores insiram o computador e a internet em suas práticas de docência, transformando-a de maneira a contribuir com a inserção dos alunos nesse universo cibernético, de modo produtivo, de uso eficiente e não vazio, ou seja, usar as ferramentas digitais de forma coerente com a realidade em que se vive, atrelando a aprendizagem às práticas sociais. Freitas (2010) assevera que

Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental. (FREITAS, 2010, P. 340)

Nesse sentido, compreende-se que, no mundo globalizado e tecnológico, é papel da escola desenvolver novas formas de ensinar e aprender, aliando a prática docente, há muito tempo sedimentada, às novas tecnologias. Pode-se perceber que hoje se está diante de novos saberes, onde o sujeito hoje fragmentado e disperso circula por inúmeros lugares e, por conseguinte, em lugares que também dispõem de um saber. Sobre isso, Freitas (2010) ressalta que

[...] a escola está deixando de ser o único lugar da legitimação do saber, o que se constitui em um enorme desafio para o sistema educativo. Diante desse desafio, muitas vezes os docentes adotam uma posição defensiva e às vezes até negativa, no que se refere às mídias e às tecnologias digitais, como se pudessem deter seu impacto e afirmar o lugar da escola e o seu como detentores do saber (FREITAS, 2010, p. 341).

Sendo assim, percebe-se a necessidade de aproximação dos docentes ao mundo

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

digital, não o afastamento, buscando, então, uma compreensão do universo tecnológico e como se passa, dispondo-se a trabalhar com as novas tecnologias na prática docente, para dessa forma, compreender o letramento digital como uma possibilidade de modernização do ensino. No entanto, aliar as novas tecnologias à sala de aula parece estar distante de ser uma realidade, já que professores parecem desconectados do universo digital ao passo que os alunos já vão à escola, munidos de informação, devido as suas navegações na internet, o que lhes permite virem abertos à discussão com colegas e professores. No entanto, nem sempre encontra respaldo na discussão em sala de aula, uma vez que o acesso do aluno nem sempre é o mesmo que o do professor. Nesse aspecto, Xavier (2008) assinala que o docente deveria utilizar o potencial pedagógico das novas tecnologias computacionais a fim de aumentar a capacidade de aprendizagem dos alunos.

Destaca-se, então, que o professor já não é visto mais como fonte principal de conhecimento, no entanto ele passa a ser um orientador nessas discussões. Em virtude disso, se ratifica a importância de o professor conhecer, saber usar e aliar as tecnologias digitais às aulas, pois além de se mostrar inteirado do universo cibernético, passa a ter um aliado rico de informações que é a internet. Por isso, esse professor deveria estar sempre aberto e atento a possíveis mudanças, no paradigma educacional frente à sociedade informacional.

4 O PROFESSOR E A REFLEXÃO CRÍTICA

Compreender o fazer humano não é tarefa fácil, principalmente, em uma instituição como a escola que detém o poder e tem a responsabilidade de passar conhecimento.

É neste sentido que o conhecimento nos toca no mais íntimo de nosso ser, apesar de ser algo que não depende desta intimidade pessoal, mas da relação intrínseca com as coisas. Somos modificados pelos sonhos que temos quando somos capazes de redimensioná-los diante de novas situações. As feridas se abrem na ausência dos sonhos, na ausência da utopia; as cicatrizes são as marcas desta ausência. Nada substitui o sonho senão a nossa capacidade de sonhar, e nada termina esta capacidade revolucionária, a não ser a desistência própria. Numa época de crise como a nossa, o caminho da busca de um tempo possível que não está presente é uma necessidade impulsionadora de nossa afirmação enquanto humanidade em construção. O conhecimento é real porque toca a possibilidade de uma proximidade daquilo que está distante. Os limites do conhecimento são limites de nossas habilidades criativas, não da infinidade da realidade. Por isso, ele é busca permanente que possibilita, ao longo de toda trajetória, o descorrimo de nosso próprio ser no horizonte do mundo (GHEDIN, 2006, p. 141).

Sendo assim, o ato reflexivo é uma atividade que requer mudança, uma ação efetiva no interior da sociedade, se não for desse modo, pode tornar-se apenas uma atividade alienante. Nesse sentido, Ghedin (2006) afirma que se a reflexão não se tornar uma ação política que transforme a própria prática, ela passa a não ter sentido no horizonte da educação. O ato de conhecer passa a ser uma habilidade que se instaura

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

no processo dinâmico que é a prática diária, a experiência adquirida e a percepção de que as mudanças acontecem, já que construir conhecimento é um processo.

Estabelecer sentido para o fazer emana à medida que se constrói os horizontes e os objetivos de um fazer. Para isso, é preciso desvendar a intimidade do eu-professor, por meio de perguntas e respostas que se faz para “nós”, sujeitos em busca de conhecimento, na tentativa de compreensão do mundo, e, por conseguinte, em busca de se autoconhecer.

Nesse norte, pode-se dizer que não há conhecimento acabado, assim como não há o professor absoluto, a vida completa. Tudo passa a ser um processo de (re)construção e de autoconstrução. O professor reflexivo é aquele que olha o que faz, reflete sobre os sentidos e significados da sua ação, da sua prática diária, valendo-se disso, também como um conhecer a si mesmo, compreender seu próprio eu. Assim sendo, o professor reflexivo poderá comprometer-se com um fazer engajado, preocupado com a transformação da sociedade, imbuído da responsabilidade de auxiliar na construção de cidadãos críticos e conscientes de quem são e para que são, e assim, formar mentes reflexivas que estejam abertas para inovação e não para a alienação diante do mundo.

Educar, diante deste horizonte, é ter a coragem de romper consigo mesmo para poder instaurar uma nova compreensão da ação e dela imprimir uma nova ação reflexiva, tornando possível a ampliação do poder de autodeterminação. Somente desta maneira poderemos possibilitar a construção da cidadania responsável, tornando possível a democracia participativa e a negação da democracia deliberativa. (GHEDIN, 2006, p. 148)

Professores precisam estar preparados para lidar com situações de conflito, seja em sala de aula, seja consigo mesmo, aprender a lidar com as situações de incertezas, de singularidade e caos. Afinal, a sala de aula não é o lugar onde tudo se finda, nada está pronto e os sujeitos envolvidos não são homogêneos. É também na sala de aula que acontece o diálogo para a construção do conhecimento, e como conhecer não tem manual pré-estabelecido com normas e regras a se seguir, necessita-se avançar e retroceder, distinguir os enganos, reconhecer as limitações como professor e reconhecer as limitações dos alunos. “As pessoas que têm pontos de vista conflitantes prestam atenção a fatos diferentes e têm compreensões diferentes dos fatos que observam” (SCHÖN, 2000, p. 16). Nesse sentido, é como tatear no escuro o caminho a seguir, com comprometimento e cuidado para que a construção desse conhecimento esteja alicerçada em bases sólidas.

Schön (2000) destaca que o professor leve em conta o conhecimento prévio do aluno, no processo da sua própria aprendizagem enquanto ela ocorre. Para tanto, o mesmo autor defende três ideias sobre a reflexão: a primeira versa sobre o “conhecimento da ação”, que diz respeito ao saber escolar que é mobilizado na prática profissional, seria então, o conhecimento que permite a ação.

Num segundo momento, destaca a “reflexão na ação”, a qual faz considerações sobre as reflexões do profissional, ou seja, o modo como este transita em sua prática.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

Um pensamento crítico que pode levar o profissional a elaborar novas estratégias de atuação. Afinal, Schön (2000) já afirmava que é impossível aprender sem ficar confuso. Para tanto, faz-se necessário compreender como professor, que essa confusão para aprender acontece com o aluno para que haja apropriação do conhecimento. O professor reflexivo precisa valorizar esses conflitos tanto dos alunos como os seus próprios, levando em consideração que essas desordens são pontos positivos para a compreensão do conhecimento.

Por último, o autor destaca a “reflexão sobre a reflexão na ação”. Olhar de modo retrospectivo e refletir na reflexão da ação e adotar novos sentidos. Enquanto profissionais da Educação, é mister refletir sobre as ações tomadas e, a partir delas, propor outros rumos para o trabalho. Essas reflexões somente terão validade se a mudança se efetivar no trabalho em sala de aula.

Todavia a necessidade de uma nova proposta, lembra Pimenta (2006),

fundamenta-se no fato de que um profissional assim formado não consegue dar respostas às situações que emergem no dia a dia profissional, porque estes ultrapassam os conhecimentos elaborados da ciência, e as repostas técnicas que esta poderia oferecer ainda não estão formuladas (PIMENTA, 2006, p. 19).

Para John Dewey citado por Schön (2000), o professor ciente da sua ação prática, sem refletir sobre ela, condena os alunos a uma visão unilateral e ausente da crítica na prática social. Refletir sobre a prática docente seria abrir espaço para realidades outras, seja das mais viáveis às mais distantes.

5 ANÁLISE DO GRUPO DE DISCUSSÃO

5.1 PARTICIPANTE 1

Para o participante 1, a tecnologia é um ramo do saber, nesse sentido existe a necessidade de pesquisar, tentar usar, compreender, extrair conhecimentos de uma gama imensa de TICs presentes no dia-a-dia. No entanto, esse não é um trabalho simples, como se nota nas palavras do professor “*Participar da pesquisa foi um grande desafio, pois meu conhecimento sobre a linguagem digital era e ainda é mínima, mas pelo menos bateu a curiosidade e a tentativa da busca por um pouco mais de conhecimento, as leituras que fiz neste período ajudaram a descobrir muitas tecnologias que não sabia existir*”. O participante enfatiza que foi um desafio inserir-se no universo digital, apesar disso o trabalho o ajudou a descobrir tecnologias que desconhecia. Fica evidente que as inquietações iniciais cederam espaço para muitas outras, o que considero pertinente, uma vez que, a pesquisa gerou o interesse de o professor querer pesquisar mais.

Dentro do universo da sala de aula, esse processo de inserção de linguagem digital instaurou reflexões relevantes segundo o participante 1, o que é possível observar nos seguinte excerto: “*Quanto ao trabalho em si acho muito interessante pois a possibilidade*

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

de ter acesso visual e textos referente ao assunto da aula tem uma grande valia, dentro da minha área de atuação que é a biologia, fala-se muito mas também é necessário o contato visual do assunto. Uma aula de biologia fica mais proveitosa se o aluno tiver a possibilidade de tocar ou visualizar o conteúdo ou parte dele pelo menos. Seria mais fácil e eficiente se todos os alunos tivessem acesso livre ao uso dos recursos que a internet oferece, mas também os professores tem que buscar conhecer essa possibilidade de uso didático, fazer o caminho com mão única não vai gerar resultados bons.”

Quando o participante enfatiza que o trabalho a ser desenvolvido apenas pelo professor ou, quem sabe, apenas pelo aluno pode não gerar bons resultados, percebe-se a reflexão na ação, proposta por Schön (2000). É um processo que exige mudanças não apenas por parte do professor, mas também da Instituição enquanto escola como ambiente de construção do conhecimento, ações efetivas no interior da sociedade. Deve ser relevado que fazemos parte de um sistema que funciona em conjunto.

Ghedin (2006) aponta sobre os limites do conhecimento que são limites de “nossas habilidades criativas”. Portanto, como o professor apontou, a busca pelas possibilidades didáticas depende de o professor romper com os limites do ser professor, para o descortínio de horizontes inovadores atrelados às TICs em sala de aula.

É importante destacar que o participante compreende que esse é um trabalho coletivo, o qual requer um diálogo maior entre todas as esferas do sistema chamado Educação. “*Mas essa busca deve ser tanto a Escola como instituição provedora dos recursos, quanto do Professor e alunos como disseminadores e usuários desses recursos, estiverem sintonizados falando e utilizando-os com pleno conhecimento e responsabilidade seria um grande avanço na educação*”. Nesse vértice, Ghedin (2006) afirma que romper consigo mesmo e imprimir uma nova compreensão da ação é um modo de “possibilitar a construção a cidadania responsável” e participativa.

Foi possível observar também que o participante 1 refletiu criticamente acerca do trabalho, consciente com linguagem digital, sem excessos e muito menos sem objetivos pré-estabelecidos. Por que conforme Braga (2005) aponta, depende de nós como pesquisadores e professores saber ponderar sobre os usos positivos e negativos com as tecnologias. E isso é claramente exposto pelo participante quando afirma: “*Acredito que dentro de tudo o que podemos ter como recurso pedagógico tem que considerar até onde e quanto usar esse recurso, acho importante utilizar, mas também temos que tomar cuidado com os excessos que podem ser prejudiciais, o uso incorreto sem conhecimento pode fazer tanto mal quanto bem. Por isso que, na minha opinião, os professores e a escola devem receber primeiro instruções de uso mas também ter o conhecimento ampliado a respeito do uso da linguagem digital na sala de aula, uma aula em que não se tem conhecimento do que se está fazendo é ou pode tornar-se mais prejudicial do que interessante*”.

O professor reflexivo, segundo Schön (2000), precisa saber valorizar os conflitos, primeiramente os seus, para então poder colaborar com os conflitos em sala de aula. Nesse sentido, o professor afirmou que o primeiro conflito são os recursos e capacitações que precisam acontecer. Depois, passa a ser trabalho de pesquisa do pro-

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

fessor e de reflexão sobre as possibilidades de trabalho, a fim de se ter resultados profícuos. De acordo com Pimenta (2006), as respostas técnicas talvez ainda não estejam formuladas, sendo assim, “respostas” não seria um termo apropriado, e sim “construções” de um processo que requer atenção, reflexão e mudanças singulares e coletivas.

É no diálogo entre professor e aluno que se inicia a prática reflexiva, segundo Schön (2000). As palavras e ações do professor, a colaboração e a integração dos alunos com o trabalho em linguagem digital, de acordo com o participante 1, apontam para prática reflexiva do professor sobre a receptividade das tecnologias pelos alunos. Isso é notado nos seguintes fragmentos: *“Com relação à receptividade dos alunos, acho que a grande maioria gostou muito da possibilidade do uso do computador como meio de ensino. Se bem que, na primeira tentativa do uso, observei que alguns alunos ficaram um pouco desconfiados, mas nas tentativas seguintes a grande maioria se adaptou bem com a ideia e até acabava ajudando quando eu sentia dificuldades em encontrar atalhos e etc. A maioria das vezes que usamos o computador, percebi a facilidade que esta geração tem em lidar com as novas tecnologias, enquanto nós ficamos com medo de apertar um botão e por tudo a perder, eles lidam muito bem mexem e descobrindo a função e a utilidade de cada tecla”*.

Mais um ponto a se relevar nesse excerto é que toda a reflexão leva em consideração o saber do aluno. Isso é percebido quando o professor assume suas dificuldades com o uso das tecnologias e aceita que os alunos o auxiliem. Schön (2000) destaca que o trabalho comunicativo do diálogo, no processo de ensino e aprendizagem depende da vontade do professor e dos alunos cederem e reconhecerem seus papéis. Professor e aluno dialogam de modo a manter o controle sobre o trabalho, potencializando a construção conjunta de conhecimento. Essa mudança de postura em relação ao aprendizado, na visão do professor, se faz necessária como se observa em suas palavras. *“Como é fácil nós professores ficarmos em uma atitude de comodidade achando que o que eu sei é suficiente para ensinar, mas descobri que se for mais fundo nessa história está na hora de aprender como trabalhar com essa nova geração de alunos que estamos recebendo, que tem acesso a todas as formas de tecnologia e sabe usá-la.”*

É certo que o participante 1 assumiu o desafio e refletiu sobre o processo de inserção de linguagem digital em todo seu abarcamento. Porém, convém destacar que esse trabalho requer apoio de todo um sistema localizado e globalizado. Pimenta (2006) enfatiza que a prática reflexiva não é estanque e unilateral, uma vez que existe um contexto escolar que detém a estruturação do sistema. De um lado as finalidades da escola são de preparar para a vida, por outro lado, segundo a autora, o trabalho docente e a vida da escola se estruturam e negam esta finalidade. Nesse paradoxo, os professores resistem às pressões sociais e institucionais e atribuem as suas perspectivas aos problemas internos da sala de aula. O grande desafio, de acordo com Pimenta (2006), são os “processos contínuos de descoberta e de transformações das diferenças de nossas práticas cotidianas”.

5.2 PARTICIPANTE 2

O processo reflexivo instaurado no grupo de discussão parece ter sido alcançado também com o participante 2, de acordo com suas palavras “*A ideia e possibilidade de inserir computadores portáteis às aulas ampliou o horizonte de ambos os lados: docentes e discentes*”. Como o professor afirma já ser usuário do computador e de suas vantagens há longos anos, caso a prática digital e o conhecimento a respeito dela viesse para a sala de aula, certamente ampliaria os horizontes do aprendizado. Como Libânio (2006) coloca, é o trabalho do professor que ajuda o aluno a desenvolver na atividade intelectual e qual é o sentido desse trabalho para o aluno.

O participante 2 destaca que houve resistência dos alunos em relação ao trabalho, conforme suas palavras: “*Houve dificuldade de convencer os alunos que poderiam levar seus computadores portáteis para a escola. Depois de convencidos, alguns começaram a levar. Estes alunos convivem com computadores e passam diversas horas ao dia usufruindo das maravilhas que o mundo digital e a internet disponibilizam a eles.*” A relutância por parte dos alunos pode estar atrelada ao grupo social de que faz parte a escola e o professor. Por mais que o professor utilize as tecnologias digitais em seu cotidiano, conforme afirmou o participante 2, para os alunos pareceu “surpresa”. Além de destacar que a instituição escolar não disponibiliza nenhum artefato tecnológico ou qualquer contato com o digital para o trabalho na escola, caso contrário os alunos seriam talvez mais receptivos. Paiva e Soares (2010) apontam que a apropriação da identidade pelo indivíduo está situada num espaço em que ele está inserido. O participante enfatiza que os alunos estão inseridos no universo digital, mas essa inserção não acontece na sala de aula, na escola. Sendo assim, as práticas sociais parecem existir de maneiras desencontradas.

Extraír conhecimento por meio do uso das Tecnologias digitais é um desafio que pode ser vencido, como se observa nas palavras do participante 2: “*As produções de roteiro para rádio ganharam nova velocidade. Ficaram mais ágeis. A gama de assuntos foi ampliada, saindo do conhecimento pessoal e indo em direção às informações disponíveis na rede, com discussão permanente acerca de sua veracidade*”. Usar as TICs em sala de aula, sempre dialogando com os alunos, discutindo a legitimidade das informações pareceu uma maneira bastante relevante de evitar o uso ingênuo dessas tecnologias, de forma a potencializar o processo de ensino e aprendizagem, levando os alunos a perceberem as TICs como mais uma linguagem pertinente a ser utilizada para a construção do conhecimento. De acordo com Mesquita (2008), esse é um novo cenário que obriga o contexto educacional a reconhecer sua importância e reflexão para contribuição para uma abordagem construcionista e inovadora.

Xavier (2008) afirma que “toda tecnologia é um produto social” e se constitui e se institui por decisão dos agentes sociais. Governo, escola, docentes, alunos, pais são agentes sociais instituídos de poder na sociedade. Desse modo, os avanços tecnológicos em seu abarcamento social e cultural podem adentrar o contexto escolar, a fim de apresentar vantagens por meio de uma experimentação criativa. Pode-se notar

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

que essa experimentação é positiva quando o professor diz: “Com o passar dos meses os alunos começaram a associar aulas e computadores. As aulas parecem ser mais atraentes e os temas escolhidos, pesquisados e redigidos através de informações e ideias da internet são mais consistentes e criativos. Estão mais próximos de textos profissionais em algumas situações”. É notável que o trabalho bem direcionado parece bastante positivo. No entanto, para vencer os desafios, professor e aluno estavam em discussão e a reflexão do participante sobre sua ação rendeu-lhe um trabalho proveitoso com seus alunos, usando o computador como fonte de conhecimento para outro “tipo” de linguagem, conforme ressalta Silveira (2003). As práticas de letramento digital foram mais proposta de trabalho, sempre apresentado com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e capaz de se comunicar abertamente.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao propor grupos de discussão para refletir acerca da inserção de linguagem digital em sala de aula, pelo foco da pesquisa qualitativa, a fim de introduzir estudos e discussões sobre a ação reflexiva da prática docente, acredita-se que ainda estamos distantes de termos considerações finais. Destaca-se a necessidade premente de mais aprofundamento teórico, discussões sobre as práticas de letramentos/letramentos digitais, desenvolver trabalhos dentro do universo digital, investigar as considerações de outros professores em atuação. Além disso, o trabalho apresentado é um recorte de uma pesquisa maior em andamento.

Muito embora ainda existam muitos percalços a serem superados para a utilização das tecnologias digitais em sala de aula, a linguagem digital parece fornecer mais subsídios para a prática docente em tempo real, conforme se verificou com a participante 2. Isso está de acordo com o que Paulo Freire já preconizava com a Pedagogia da Autonomia, tendo como objetivo que os alunos discutissem e buscassem informações para a construção do conhecimento, tendo o professor como mediador nesse processo.

Vale lembrar que o uso das tecnologias em sala de aula não supera e não resolve todos os problemas do complexo contexto escolar, haja vista um conjunto de fatores a serem considerados. No entanto, nesse processo de uso de tecnologias na prática docente, quem controla a máquina é o professor, com intuito de potencializar a aprendizagem, buscando um conhecimento mais aprofundado fornecido pelas TICs. Desse modo, amenizaria um pouco das tantas limitações em relação à inclusão do digital em sala de aula uma vez que o processo de inserção digital é irreversível em uma sociedade tecnologicada.

Ser letrado digitalmente significa aprender um novo tipo de discurso, como sustenta Freitas (2010) e é ratificado na experiência do participante 1. Além disso, os participantes compreenderam que é um desafio o uso das TICs na prática de sala de aula e que isso pressupõe mudanças nas práticas letradas. O diálogo entre professor

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

e aluno precisa ser reconhecido como prática em suas limitações e compreensão, de modo que assim, não se estabeleçam apenas regras a serem seguidas e sim, quem sabe, retrocessos e avanços para tatear os caminhos rumo à construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Denise Bértoli. *Hipertexto: questões de produção e leitura*. Estudos Linguísticos XXXIV, p. 756-761, 2005

CARVALHO, Ana Amélia A. *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores*. Editor Ministério da Educação, Direção geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Diretora Geral da DGIDC- Joana Brocardo, 2008.

COSCARELLI, Carla & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Maria Tereza. *Letramento digital e formação de professores*. V. 26, n.03, p. 335-352, 2010.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa. 3. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito*. 4ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2006. P 129-150

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2000

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito*. 4ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2006. p 53-80

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MESQUITA, Maria Suely de Andrade. *Letramento digital e educação à distância*. 2008. Disponível em: <http://gehate.uepb.edu.br/trabalhos2008/mai/6.pdf> Acesso em 14 fev. 2012.

MORAN, José Manuel. *A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. Campinas – São Paulo: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 15ª ed., SP: Papirus, 2009, p.22-24

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

PAIVA, Geórgia Maria Feitosa; SOARES, Maria Elias. Preconceito e identidade linguística: crenças de estudantes de um curso de educação a distância. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010. P. 137-147.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade de informação. In: COSCARELLI, Carla & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito*. 4ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito*. 4ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2006. p 17-52

SILVEIRA, Luciana Martha. *O computador como ferramenta e como linguagem na intervenção artística*. Educação e Tecnologia, Curitiba, n. 6, p.111-116, 01 maio 2003. Disponível em: <http://www.ppgte.cefetpr.br/revista/vol6/artigos/art07vol06.pdf> acesso em 13 de março de 2012

SCHÔN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Tradução. Roberto Cataldo Costa – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. *Letramento digital em ensino*. 2002. Disponível em: <http://www.ufpe/nehete/atigo.htm>. Acesso em: 02 fev. 2012

XAVIER, Antônio Carlos. Identidade docente na era do letramento digital: aspectos técnicos, éticos e estéticos. *Anais eletrônicos 2º simpósio de Hipertexto e tecnologias na Educação*: Universidade Federal de Pernambuco: 1ª Edição, 2008.

SITES PESQUISADOS

Paraná Digital: acesso dia 31 de julho de 2012
http://www.gestaoescolar.diadia.pr.gov/arquivos/file/pdf/parana_digital.pdf

Revista Exame: Acesso agosto de 2012
http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/10-tecnologias-que-revolucionarao-a-educacao?goback=.gde_2517812_member_143564224&page=1

Revista Nova Escola: acesso em agosto de 2012
<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-fazer-boa-busca-internet-423567.shtml>

TEACHING PRACTICE: THE THEORY AND PRACTICE

ABSTRACT

It is undeniable that we live in a world with increasingly technological advances that require significant discussion and understanding on the part of teachers. In the north, this work is a major part of a research in progress and aims to introduce studies and discussions on the practice of reflexive action about practices digital literacies in the classroom. The selected data were generated based on a qualitative study from the perspective of action research BARBIER (2007); THILLEN (2007) and FLICK (2010) and takes place by means of focus groups conducted in the laboratory study text - LET / UEPG which result in autobiographical writings in blogs created by the participating teachers. These data are being recorded in the Archives of autobiographical texts - ATA / UEPG (Protocol (FUP) n. ° n ° 18 985). The theoretical frameworks that embrace this dialogue are guided in OTONNI (1998), Schön (2000) and Pepper (2006). The results of these discussions are heading for further specific projects to be developed within the school based on the guidelines outlined by the participants with the aim of serving as a teaching / learning practices that can carry dynamic and to assist teachers in their daily work. In this process, construct a reflective teaching as Schön (2000), based on the process of reflection in action.

Keywords: Language. Teaching practice. Reflective action. Practical digital literacies.

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 01 de novembro de 2012

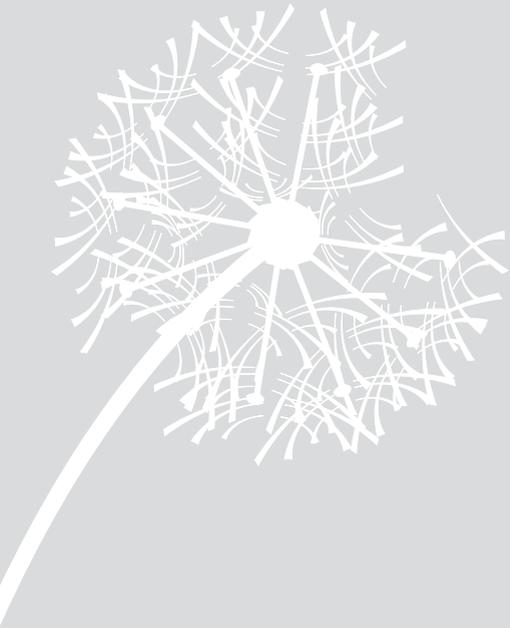
Aceito em: 30 de novembro de 2012

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

CABRAL, Zuleica Aparecida. *Atuação Docente: na Teoria e na Prática*. Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 107-124, jul./dez. 2013.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	107 - 124	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------



ARTIGOS DE GRADUANDOS



BULLYING ESCOLAR: UM ESTUDO ACERCA DOS PERSONAGENS E DAS POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS DE COMBATE POR PARTE DOS DIVERSOS SEGMENTOS ENVOLVIDOS

Renata Tomacheski*
Angela Cristina da Silva**

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de trazer à discussão o conceito de *Bullying* em sua essência e, a partir da compreensão do real significado do termo, identificar quem são os sujeitos envolvidos em tal prática, além de discutir sobre o papel de cada segmento da sociedade, que está diretamente ligada às práticas de *Bullying*, no sentido de minimizar tal prática no ambiente escolar. O *Bullying* é uma forma de violência intencional e repetitiva, que acontece sem que haja uma justificativa para isso. As vítimas, em geral, são aqueles alunos pouco adaptados socialmente, ou que possuem alguma característica que o diferencia grandemente dos demais. O trabalho se justifica pelo fato de que, embora o *Bullying* ainda seja visto por muitas pessoas como algo normal, que não passa de brincadeira de criança, as marcas que ele deixa nas crianças são bastante intensas e, na maioria das vezes, se estendem até a vida adulta do sujeito. Por essa razão, esse tema deve ser tratado com grande seriedade, tanto pela equipe escolar, quanto pelas famílias das crianças. A metodologia empregada para o desenvolvimento do artigo é a pesquisa bibliográfica, consultando renomados autores que tratam do assunto, além de diversas publicações recentes em meios científicos, como sites e revistas.

Palavras-chave: *Bullying*. Consequências Psicológicas. Prevenção. Intervenção.

1 INTRODUÇÃO

A violência nas escolas é um assunto que tem causado preocupação em profissionais de diferentes áreas de atuação, que não somente professores e gestores escolares. Nas últimas décadas, um tipo de violência em especial vem se tornando alvo de inúmeras pesquisas e estudos por parte de professores, médicos, psicólogos, entre outros profissionais. Trata-se do *Bullying*. O termo deriva do inglês, *bully*, e quer dizer “valentão”, assim, o termo refere-se a um conjunto de comportamentos que tem como objetivo a intimidação e a coerção, causando sofrimento na vítima.

O *Bullying* é um fenômeno que causa grandes prejuízos ao ambiente escolar, uma vez que o torna um ambiente inócuo e ameaçador para todos os envolvidos. Além disso, pode causar transtornos psicológicos e sequelas que se perpetuam ao longo da vida adulta do sujeito.

A escola fornece mais do que o conteúdo da sala de aula, mas também a possibilidade de desenvolver habilidades sociais que contribuem para o seu pleno desenvolvimento na fase adulta (JUNIOR; LOURENÇO, 2008, p. 5). De acordo com Junior e Lourenço (2008, p. 5), o desenvolvimento dessas habilidades se dá principalmente por meio da interação entre os sujeitos, no convívio escolar diário, considerando que passam grande parte do tempo na escola. Logo “distúrbios nessa relação podem interferir negativamente no processo de desenvolvimento, gerando problemas que podem aparecer durante o período escolar, ou depois, já na idade adulta” (JUNIOR; LOURENÇO, 2008, p. 54).

A partir do reconhecimento da gravidade das consequências do *Bullying* para aqueles que com ele sofrem e da dificuldade encontrada, tanto por professores quanto por familiares, bem como pela sociedade como um todo em identificar e lidar com tal fenômeno, o presente trabalho visa a trazer à luz a discussão de alguns conceitos importantes acerca do fenômeno, além de dados de pesquisas anteriormente realizadas, a fim de contribuir para o entendimento e a reflexão sobre o fenômeno, haja vista que, o termo é muitas vezes empregado erroneamente, devido ao fato de o real significado do mesmo não ser compreendido. Além disso, buscar-se-á identificar quem são os personagens de tal prática e, a partir disso, discutir o papel da escola, da família e da sociedade no sentido de evitar tal fenômeno no ambiente escolar.

O trabalho foi desenvolvido com base na pesquisa bibliográfica, tratando-se do levantamento da bibliografia publicada a respeito do tema em diversos meios livros, artigos científicos publicados em revistas, meios eletrônicos, etc., a fim de proporcionar subsídios para uma reflexão profunda acerca do tema, analisando o que há de científico sobre este e buscando novas significações a partir da combinação de informações advindas de diferentes fontes.

2 O QUE É *BULLYING*

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

O termo *Bullying* é uma palavra de origem inglesa, que não possui tradução direta para o português. Na língua inglesa, a palavra *bully* significa amedrontar, intimidar, ameaçar. No Brasil, tal expressão é empregada para referenciar o sujeito que usa da força física ou das relações de poder para oprimir, violentar, intimidar suas vítimas. Já a palavra *Bullying* é utilizada com referência às atitudes de violência física ou psicológica praticadas entre alunos nas escolas (SILVA, 2010, p. 19). Segundo Silva (2010, p. 21), tais atitudes são praticadas por um ou mais agressores e não apresentam motivação ou justificativa. Assim, os mais fortes utilizam, de forma quase natural, os mais fracos como objetos de prazer e diversão.

O fenômeno *Bullying* ganhou maior atenção a partir da década de 70, através dos estudos realizados por Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes, sendo ele o primeiro a relacionar o termo ao fenômeno (DE MAURO, 2010, p. 08). Tal fenômeno recebe, ainda, diferentes nomenclaturas. Alguns pesquisadores do assunto o denominam como “violência moral”, “vitimização” ou “maus tratos entre pares” (DE MAURO, 2010, p. 08). Apesar de ser considerado um fenômeno novo e só recentemente (cerca de quatro décadas atrás) tornar-se alvo de estudos mais profundos, o *Bullying* é um fenômeno bastante antigo (FANTE, 2005, p. 44).

Ainda no que diz respeito à definição dessa problemática, Lopes e Saavedra (2003) concebem o *Bullying* como:

[...] Todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima. (LOPES; SAAVEDRA, 2003, p.52).

Embora haja diferentes definições para o fenômeno do *Bullying*, existem algumas características comuns apontadas por Cleary (2003):

São comportamentos danosos e deliberados, geralmente repetitivos durante um determinado período de tempo, para os agredidos é difícil de se defender, para os que agredem é difícil aprender novos comportamentos socialmente aceitos e as pessoas que fazem *Bullying* tem um poder impróprio e o aplicam às vítimas. (CLEARY, 2003 *apud* JUNIOR E LOURENÇO, 2008, p.54).

Sob o olhar da Psicologia, o *Bullying* reflete um conflito nas relações interpessoais do sujeito, ou seja, uma dificuldade no relacionamento com o outro, tal dificuldade tem origem no próprio sujeito, na chamada relação intrapessoal ou na relação ‘consigo mesmo’ (TOGNETTA, & VINHA, 2010, p. 04). Desse modo, o *Bullying* é algo que se dá antes mesmo de as relações interpessoais efetivarem-se e está relacionado a um problema na constituição interna da identidade do sujeito. Isso quer dizer que se refere muito mais às representações que o sujeito tem de si mesmo do que aos fatores de constituição externos (TOGNETTA, 2005, p. 10).

A partir de estudos de relatos acerca do tema feitos por agressores, vítimas,

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

professores e autoridades escolares, Junior e Lourenço (2008, p. 60) perceberam que “a questão do poder permeia o fenômeno *Bullying*.” Os autores utilizam a violência e a intimidação como forma de exercer o poder sobre os outros, e assim estabelecer uma relação de controle.

As causas de tais comportamentos estão bastante relacionadas à forma como os indivíduos agressores são educados. Normalmente, os responsáveis “optam por educá-los de forma mais agressiva, variando entre palmadas até surras mais violentas” (DE MAURO, 2010, p. 04), e a partir dessa relação de poder apreendida em casa, a criança passa a reproduzir tais padrões em relação aos colegas, e até mesmo aos professores, no ambiente escolar de um modo geral.

Para Araújo e Silva L. R (2011, p. 04), “a brincadeira só é brincadeira quando todos se divertem e não quando um chora e o outro ri”. Brincadeiras saudáveis não provocam nenhum tipo de constrangimento e nem a infelicidade de ninguém, portanto, quando as brincadeiras passam dos limites, causando algum tipo de desconforto em alguém, sem que os demais se preocupem em evitar tal situação, pode se tratar de um caso de *Bullying*.

De acordo com Einsen & Engler (*apud* CHALITA, 2008, p. 84) outra distinção importante a ser feita é entre o *Bullying* e a provocação. A provocação normalmente ocorre entre sujeitos pares, ou seja, do mesmo tamanho físico, força e popularidade, além disso, ocorre esporadicamente e não tem a intenção de prejudicar o outro, ocorre em um contexto de amizade.

A distinção entre a provocação, bem como a identificação precoce do *Bullying* é de fundamental importância. As crianças normalmente não relatam o que estão passando, não falam sobre seu sofrimento por diversos motivos. Tais motivos podem ser: medo de sofrer represálias, vergonha (Conselho Nacional de Justiça - CNJ, 2010), temor das retaliações, porque não acreditam que alguém possa ou queira ajudá-lo, temor das possíveis críticas (LOPES, 2005 p. 167) e porque acredita que, se contar, poderá ser ainda mais estigmatizado, como muitas vezes acontece, com o papel de “coitadinha” (JUNIOR; LOURENÇO, 2008, p.61).

A partir dessas considerações, é possível compreender que uma parceria entre escola e família é a melhor forma de buscar meios de lidar com o *Bullying*. A interação entre ambos permite que seja criado um ambiente de acolhimento, que proporcione afeto, compreensão e segurança frente a angústia e ao medo presente nas crianças envolvidas no *Bullying* (CHALITA, 2008, p. 84).

3 OS PERSONAGENS DO BULLYING

3.1 QUEM SÃO OS AGREDIDOS?

Alguns aspectos como, por exemplo, os fatores da personalidade, de autoestima, dificuldades nas relações sociais, vitimização na escola ou fora dela, violência

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

na comunidade, disfuncionalidade na família, contexto escolar, violência na mídia e percepção do problema, podem se configurar como fatores de risco, que corroboram para o surgimento e potencializam os comportamentos de *Bullying* nas escolas. (BANDEIRA; HUTZ; 2010 p.133),

Ainda em relação a tal perfil, em resposta à pergunta: “*Existe um perfil entre as vítimas de Bullying?*”, Fante e Pedra (2008) destacam os seguintes aspectos:

A maioria dos alvos de *Bullying* são aqueles alunos considerados pela turma como diferentes ou “esquisitos”. São tímidos, retraídos, passivos, submissos, ansiosos, temerosos, com dificuldade de defesa, de expressão e de relacionamento. Além desses, as diferenças de raça, religião, opção sexual, desenvolvimento acadêmico, sotaque, maneira de ser e de se vestir parecem perfilar o retrato das vítimas (FANTE; PEDRA, 2008 p. 14).

As vítimas normalmente apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídas ou tímidas, por isso passam a maior parte do tempo sozinhas. Não são populares, nem tem *status* ou habilidades suficientes para reagir às agressões (FANTE; PEDRA; 2008 p. 20). Além disso, possuem um aspecto físico mais frágil, ou algum traço ou característica que os torna diferente dos demais: muito magro ou gordo, muito alto, muito baixo, usa óculos, tem o cabelo diferente, etc. Apesar disso, é importante ressaltar que o fato de a criança apresentar tais características não significa, necessariamente, que ela será vítima de atitudes de *Bullying* (FANTE; PEDRA, 2008, p.20).

Fante e Pedra (2010, p.19) citam, ainda, mais dois tipos de vítimas de *Bullying*, são as vítimas agressoras e as vítimas provocadoras. As vítimas provocadoras são alunos que agem por impulso, provocando os demais e atraindo sobre si comportamentos de agressividade, com os quais não conseguem lidar, e acabam se tornando as vítimas. Muitas vezes, esses alunos “apresentam comportamento irritadiço, provocador, irrequieto, buliçoso, dispersivo, ofensor, intolerante, de costumes irritantes e quase sempre são responsáveis por causar tensões no ambiente em que se encontram” (Olweus, 1998 *apud* FANTE; PEDRA, 2008, p.21).

Diferentemente do outro tipo de alvo, pode vir a responder aos ataques, contudo, de forma inócua. Assim, está propensa a agredir colegas mais frágeis, para encobrir suas limitações e sua humilhação. Tem alto índice de rejeição em meio a seus pares, o que não ocorre com o alvo típico (LIMA; LUCENA, 2009, p.9)

Para Lopes (2005 *apud* LIMA; LUCENA, 2009, p.10), esse é um grupo ao qual se deve prestar uma atenção especial, pois entre eles há uma maior incidência de casos de suicídios e distúrbios psicológicos e psiquiátricos.

As vítimas agressoras, por outro lado, são aqueles alunos que, em algum momento, foram vitimizados e que acabam por reproduzir os comportamentos agressivos dos quais outrora foram vítimas. Em geral, eles integram-se a grupos a fim de hostilizar quem os agrediu, ou escolhem outra vítima, que serve como “bode expiatório” (FANTE; PEDRA, 2008, p.21).

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

3.2 QUEM SÃO OS AGRESSORES

Os agressores são aqueles alunos que agem com violência em relação aos mais fracos, com a intenção de hostilizar e machucar, causando prejuízo, sem que haja uma motivação para isso. Para isso, “se valem da força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos” (FANTE, 2005, p. 20). Os agressores adotam uma postura de prepotência e arrogância, estão sempre às voltas com confusões e desentendimentos. Eles se utilizam das agressões para ganharem popularidade, de modo que, muitas vezes, são alunos com altas capacidades de liderança e persuasão, além de se valerem disso para submeter os outros a seu domínio (FANTE; 2005, p. 20).

Middelton-Moz e Zawadski (2002 *apud* FANTE, 2005, p. 20) afirmam que muitos dos agressores já utilizavam mecanismos de intimidação desde que eram crianças. A ausência de intervenção na infância faz com que tais mecanismos se fortaleçam e se enraízem. A prática de *Bullying* durante as brincadeiras com outros amigos é apenas o início de um padrão de atitudes que se intensifica na escola e que poderá estender-se pela juventude, podendo chegar até à vida adulta.

Cabe ressaltar ainda que os agressores, normalmente, necessitam de plateia para agir. São conhecidos como valentões e, para imporem sua autoridade e manterem o status agredem, humilham e hostilizam suas vítimas, sentindo-se realizados com o feito (CHALITA, 2008 p. 86).

De acordo com Lopes,

O autor de *Bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros (LOPES, 2005, p.167).

Importante salientar que, em geral, o *bully* mantém um grupo em torno de si, que o auxilia em suas agressões ou é indicado para agredir o alvo. Os assistentes ou seguidores do *bully* são inseguros, ansiosos e dificilmente tomam a iniciativa da agressão, mas se subordinam à liderança do agressor para se proteger, evitando, assim de se tornar “a próxima vítima”, ou pelo simples prazer de pertencer ao grupo dominante (LOPES, 2005 p.167). Tal atitude é explicada por Aberastury e Knobel (1981, p. 36), para quem o sujeito recorre à uniformidade como comportamento defensivo, buscando no grupo segurança e estima pessoal.

3.3 QUEM SÃO OS ESPECTADORES?

O espectador é “[...] a pessoa que assiste às agressões está presente, mas não agride e não é agredido” (DE MAURO, 2010, p.4). Desse modo, a maioria dos alunos de uma escola se enquadra nesse grupo, embora não participem ativamente do

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

Bullying. Ainda assim, os espectadores também sofrem as conseqüências, pois vivenciam as situações de constrangimento, dor e medo experimentadas pelas vítimas (FANTE; PEDRA, 2008, p. 21). No entanto, como uma forma de proteção, os alunos que fazem parte desse grupo aprendem a conviver com a situação, ou simplesmente, a evitá-la (CHALITA, 2008, p. 89).

Os comportamentos dos espectadores em relação às agressões presenciadas podem variar, conforme Fante e Pedra (2008) esclarecem:

Muitos espectadores repudiam as ações dos agressores, mas nada fazem para intervir. Outros os apoiam e incentivam dando risadas, consentindo com as agressões. Outros fingem se divertir com o sofrimento das vítimas, como estratégia de defesa. Esse comportamento é adotado como forma de proteção, pois temem tornarem-se as próximas vítimas (FANTE; PEDRA, 2008, p. 21).

Por medo de se tornar alvo de atitudes de *Bullying*, muitos espectadores apresentam comportamentos de inibição, retraimento, deixam de participar ativamente das aulas, não fazem perguntas aos professores, faltam às aulas, entre outras atitudes defensivas. E, com o passar do tempo, tais atitudes podem prejudicá-lo em seu desenvolvimento acadêmico, bem como na interação social e nas relações afetivas.

Há aqueles espectadores que consideram as atitudes violentas como se fossem normais, enquanto que outros não concordam, mas preferem se calar a tomar partido das vítimas, pois julgam que assim estariam correndo o risco de se tornarem alvos da violência também (CHALITA, 2008, p. 89). A maioria dos espectadores fica paralisada ante a violência. Ou seja, eles ficam indiferentes ao sofrimento do outro, isso acontece em decorrência de diversos fatores, “dentre eles o sistema de normas socio-culturais, que norteiam as crenças e as opiniões das pessoas e sua atitude nas situações de emergência” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 38).

De acordo com Chalita (2008, p. 89), “o medo torna covardes muitos deles, os quais, na vida adulta, podem se transformar em cidadãos egoístas, que aceitam e até legitimam as injustiças sociais, desde que não tenham suas vidas atingidas diretamente”. Tal comportamento é facilmente observável nos ambientes em que o *Bullying* acontece, a maioria dos sujeitos preferem se calar e apenas observar, ou fazer de conta que nada está acontecendo, de modo que ficam imunes de qualquer tipo de responsabilidade, seja com o agressor, seja com a vítima.

4 COMO IDENTIFICAR?

Identificar os diversos personagens do *Bullying* é importante, “mas com o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que sejam estigmatizados pela comunidade escolar, o que também seria uma violência” (CHALITA, 2008, p. 85).

Assim, a identificação seria útil ao ambiente escolar, pois possibilitaria compreender os indícios de que uma criança ou adolescente estaria sendo vítima de *Bullying*.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

Apesar de haver tais indícios, é fundamental que se tenha claro que as características apontadas não devem ser tomadas isoladamente, mas de modo que o conjunto seja confrontado com o contexto no qual a criança está inserida. É o contexto, portanto, que pode nos apresentar a possibilidade de que uma criança ou adolescente esteja sendo vítima ou agressora em situações de *Bullying* (TOGNETTA, 2005, p. 7).

Na escola, identificar o *Bullying* é função dos professores, supervisores, funcionários, alunos, enfim, é uma tarefa que cabe a toda a comunidade escolar, inclusive externa. Para que isso seja possível, a escola pode desenvolver pesquisas com os alunos, a fim de saber quais são as suas vivências em relação ao *Bullying*. Fante e Pedra (2008, p. 44) sugerem a utilização de um instrumento que é referencial no mundo todo. Esse referencial é o questionário que foi desenvolvido por Dan Olweus o qual, conforme se salientou na introdução deste trabalho, é o pesquisador pioneiro nas pesquisas acerca do *Bullying*. Os autores sugerem ainda que, além disso, possam existir atividades em que os alunos sejam estimulados a falar sobre a sua vida na escola, mantendo sua identidade preservada, o que ajudaria muitas crianças que silenciam por medo de represálias. A armadura do anonimato possibilitaria um sentimento de segurança para falar sobre sentimentos, emoções e sofrimentos que fazem parte de seu ambiente escolar.

A questão da identificação se demonstra importante, pois, apesar do que foi exposto, ainda é comum que muitas pessoas se refiram ao *Bullying* como algo normal, como uma brincadeira de criança ou ainda como um rito necessário de “passagem para a vida adulta” (EINSEN; ENGLER 2008, p. 81). Aliada à diminuição da importância que alguns podem atribuir ao fenômeno está a sensação de impotência de muitos que, sentindo-se incapazes de intervir em tais relacionamentos, e considerando a complexidade destes, calam-se apoiados na justificativa de acreditarem não possuir ferramentas suficientes para lidar com o problema (JUNIOR; LOURENÇO, 2008 p.61).

5 ENTÃO, O QUE FAZER?

Para tentarmos evitar os sentimentos de impotência e de ignorância diante do fenômeno sobre o qual estamos voltando nossa atenção, precisamos definir quais as ferramentas à mão daqueles que, por fazerem parte do ambiente escolar, vivenciam cotidianamente as consequências do *Bullying*. Chalita (2008), em seu livro *Pedagogia da Amizade*, fala sobre a postura embotada em relação aos acontecimentos que ferem a vida do outro, postura esta que faz com que as pessoas fiquem imóveis diante do sofrimento alheio:

Abriu-se um abismo entre o que se preconiza e o que pratica, entre os valores proclamados e os vividos. Abriu-se uma distância entre os corações humanos. Estreitar este intervalo é esvaziá-lo da inveja, da intolerância, do egoísmo, do desrespeito, da arrogância, da vaidade, e assim permitir que os corações se abram e se aproximem. O antídoto para desinventar esse abismo está nas mãos daqueles que o criaram, e ao alcance daqueles que o alimentam com a omissão, o descaso e o desinteresse (CHALITA, 2008, p. 96).

Como podemos perceber, não apenas a escola, ou a família estão sofrendo uma

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

crise moral e ética, mas a sociedade em geral está perpassada pela sensação de crise de valores em que a preocupação é muito mais em relação a si mesmo, à cultura do corpo, do ter ao invés do ser. Uma cultura egocêntrica, em que o sofrimento alheio já não perturba as pessoas, pois o mais importante sempre será o “eu”, em detrimento de todo o resto (LA TAILE, 2009 *apud* TOGNETT; BOZA, 2010, p. 02).

Em se tratando de *Bullying*, tais comportamentos parecem se acentuar ainda mais. O que se percebe é que as ações de combate a tal violência são delegadas apenas a professores e pais, isentam-se todos os demais, como se não fosse o *Bullying* um problema social, um problema que impacta grandemente toda a dinâmica da comunidade escolar e da sociedade. Embora essas crianças que hoje sofrem com o *Bullying* sejam “problemas” de pais e professores, mas, ao crescerem à sombra da violência, se não tratadas com o devido cuidado, serão os adultos que poderão tornar-se parte dos problemas sociais.

Uma ilustração para essa afirmação pode ser lembrada com o caso que ficou conhecido como “o massacre de Realengo”, situação em que um rapaz de 23 anos, adentrou uma escola, na qual havia estudado, entrou nas salas de aula e começou a atirar nos alunos. Doze crianças foram mortas, dezenas foram feridas, o atirador foi morto pela polícia e centenas de crianças sofreram traumas psicológicos profundos¹.

Cartas e vídeos deixados pelo atirador e encontrados após esse trágico acontecimento, constituem evidências de que ele sofreu *Bullying* na escola e utilizou esse fato como justificativa para a sua ação. O massacre horrorizou toda a sociedade que, consternada, começou a se preocupar com o fato de que o *Bullying* precisa ser combatido. No entanto, passado o calor da situação, o assunto deixa de ser pauta, o fenômeno retoma seu local de silêncio ante as ações da sociedade. Por isso, faz-se mister a construção de alternativas que abarquem todos aqueles que fazem parte da reprodução e prevenção ao *Bullying*.

5.1 O PAPEL DA ESCOLA

Sendo o *Bullying* um fenômeno social que se perpetua, sobretudo, na escola, que é a principal porta de entrada das crianças na sociedade, acentua-se o papel relevante dessa instituição na identificação e no combate ao problema. Afinal, os malefícios que esta prática pode trazer para a vida dos sujeitos são irreversíveis, caso não lhe seja dada a devida importância e o tratamento cabido.

Desse modo, o primeiro e mais importante passo é a prevenção. O ambiente escolar, como um espaço de educação e formação dos sujeitos para a cidadania, deve ser rígido em relação aos aspectos comportamentais que se direcionem para um desvio da conduta social e possam causar prejuízo para outras pessoas e para o próprio aluno que apresenta tais comportamentos. É importante deixar claro que não se trata de um aspecto de “normalidade” ou homogeneidade, mas sim de condutas sociais, de padrões de comportamento que configuram a base para o exercício da cidadania.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

De acordo com a cartilha do Programa de Redução do Comportamento Agresivo Entre Estudantes da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência), embora não exista fórmula para combater o *Bullying*, cada escola deve traçar estratégia própria. A cartilha traz sugestões para que os gestores tentem evitar os comportamentos de *Bullying* na escola.

Dentre tais sugestões, cabe deixar claro, desde os primeiros dias de aula, que os comportamentos de *Bullying* não serão tolerados, de modo que todos os alunos devam se comprometer a não praticá-lo e, caso vejam alguém praticando, avisar a direção da escola. Desse modo, todos se sentirão responsáveis por manter a escola livre do *Bullying*. Outras alternativas são promover debates, apresentar teatros e filmes abordando o tema, de modo que os alunos tenham plena consciência do que é o *Bullying*, mas que também saibam diferenciá-lo com clareza das brincadeiras que são próprias das relações entre crianças, e não passem a tomar tudo como se fosse expressão de *Bullying*. É possível também propor pesquisas sobre o tema, sugerindo que os resultados sejam apresentados entre as turmas, confeccionados cartazes e realizadas assembleias abordando o tema e relacionando com as pesquisas realizadas pelos alunos. Sugere-se ainda que sejam os alunos a criarem as regras de conduta a serem seguidas nas suas classes, fazendo com que cada um se responsabilize pelo cumprimento destas e que se sintam responsáveis pelo bem-estar e pela ordem em toda a escola.

5.2 O PAPEL DA FAMÍLIA

A família, desde os primórdios da sua constituição serve como meio de proteção e de manutenção da vida. As instituições familiares surgiram da necessidade de as pessoas se agruparem a fim de unirem forças para enfrentar tanto os animais, quanto as intempéries do tempo e, dessa forma, construindo relações sociais, saíram da sua condição de animalidade e passaram à constituição da humanidade através dessas relações (CHALITA, 2008, p. 165). Desde então, a família é tida como o lugar do acolhimento, da proteção, o lugar em que nenhum mal pode alcançar e no qual ninguém jamais estará desamparado.

Mas, através das transformações advindas da modernidade, as relações familiares sofreram certa mudança em seus paradigmas, ocasionando um distanciamento entre seus integrantes (FANTE; PEDRA, 2008, p.53). Porém, os filhos ainda esperam encontrar nos pais segurança, apoio, carinho e atenção, conforme pontua Chalita (2008):

Os pais, de alguma forma, contribuem para a descoberta da razão de existir. É numa estrutura familiar sólida que crianças e adolescentes vão suprir suas necessidades de amor, de valorização, de limites e de coerência. Valores que contribuem para o desenvolvimento de habilidades de autodefesa e autoafirmação (CHALITA, 2008, p. 165).

Ainda de acordo com Chalita (2008, p. 165), essa estrutura familiar não está relacionada aos padrões familiares, pode ser uma família constituída por pai, mãe e ir-

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

mãos, mas pode ser também uma família constituída por pais separados, em que a criança mora com apenas um deles, ou pode ser um ambiente familiar em que a criança é criada por outros parentes, como avós, tios etc. Independente dessa estrutura, a família sempre será o alicerce para o desenvolvimento da criança (Chalita, 2008, p.166).

Para isso, em primeiro lugar, os familiares devem reconhecer que são eles os alicerces da formação da personalidade das suas crianças, para, dessa forma, agirem de modo a dar um bom exemplo para estas:

“Quem ama não bate, não desrespeita, mas certamente luta para melhorar o ser amado”. O amor e o limite devem andar juntos no processo de educação familiar, assim o respeito estará sempre presente. Em muitos casos, os aspectos de violência que os jovens acabam perpetuando, ocorre primeiramente dentro de casa, com pais agressivos, que se agridem na frente dos filhos, gerando grandes traumas para vida dos mesmos. O meio no qual a criança está inserido também é um fator influente para o aumento da violência. (SILVA 2010 *apud* ARAÚJO; SILVA, L. R, 2011, p. 13).

Quando o ambiente familiar não oferece boas condições de educação, de aceitação, compreensão e carinho, o *Bullying* pode começar ali mesmo, dentro de casa, no ambiente que, teoricamente, deveria ser de acolhimento. Nesses casos, quando nenhuma atitude é tomada a fim de solucionar o problema, a tendência é que ele se perpetue, e que seja reproduzido no ambiente escolar, pois, segundo López:

Os pais são responsáveis legais e morais pela educação de seus filhos. Como a educação escolar não os exime dessa responsabilidade, a participação dos pais é flagrantemente necessária para que continuem a exercer o seu papel de principais educadores dos filhos (LÓPEZ, 2003, p. 75).

Assim sendo e considerando que a principal responsável pela educação dos filhos é a família, esta deve estar atenta e presente em todos os momentos do cotidiano da criança, seja para ouvir o que ela tem a dizer, seja pra observar e descobrir aquilo que está sendo velado, consciente ou inconscientemente, no comportamento desta criança, mas que traz indícios de que está acontecendo algo de errado com ela.

Caso a família descubra que a criança está envolvida em atitudes de *Bullying*, é necessário ter cautela para lidar com o assunto, e os familiares, tanto quanto as escolas, precisam estar preparados para isso.

5.3 O PAPEL DA SOCIEDADE

Normalmente, quando algo está errado, alguma coisa não está funcionando como deveria, a primeira preocupação das pessoas em geral é encontrar o culpado, e este, na grande maioria das vezes, é identificado no outro e muito dificilmente no “eu” (CATINI, 2004, p. 166).

No caso do *Bullying*, não é diferente. A sociedade, e por sociedade aqui se entenda todas as pessoas, de todas as áreas, seja escola, seja família, seja governo, toda a

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

população em geral, procura encontrar os culpados.

Entretanto, o que se deve ter claro é que o combate ao *Bullying* é responsabilidade de todos. Torna-se essencial que, nessa sociedade, o *Bullying* seja claramente inaceitável, ou seja, que os ambientes sejam seguros. Além de não tolerar, é necessário que todos conheçam e entendam o que é, bem como que busquem compreender por que ele acontece (COUTINHO; DELLE DONNE; BARROS, 2011, p. 08).

Os praticantes de *Bullying* têm um poder que lhes é socialmente concedido, porque aceitamos a sua imposição amedrontadora e sombria; ficamos apáticos diante dos seus comportamentos; julgamos os atos violentos como sendo inaceitáveis, mas fazemos muito pouco diante deles. Quase que diariamente nos deparamos com situações de violência, nos jornais, na televisão, na internet, e fazemos questão de criar um distanciamento, a fim de nos colocarmos em uma postura de vítimas também, como se nada pudéssemos fazer a respeito (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007, p.29).

Esperamos que “encontrem” uma resposta, quando a resposta está na consciência de que não se trata de “encontrarem”, e, sim de “encontrarmos”. Pra encontrar uma solução, precisamos acordar, e depois acordar os outros, que ainda estão dormindo. Precisamos fortalecer a nós mesmos, a nossos vizinhos e a nossos filhos (MIDDELTON – MOZ; ZAWADSKI, 2007, p.29)

Para que o quadro social no qual nos encontramos seja modificado, a mudança precisa ocorrer de uma forma ampla, não apenas junto às crianças, ou às escolas, até por que vive-se em sociedade e nenhuma das partes pode ser mudada por si só. Assim, a mudança tem que acontecer em todas as esferas, de modo que “para transformar o que está posto é preciso mudar a ética, é preciso mudar as ferramentas, e principalmente as escolhas que diariamente ainda temos feito” (CATINI, 2004, p. 167).

Mudando-se valores, mudam-se atitudes. Não há como acabar com a violência, seja ela do tipo que for, mantendo-se os mesmos valores que a tem sustentado. Não há como ser efetivo em ações que apenas “põem remendos em panos velhos”. É preciso que a base seja refeita. Cooperação e paz são opções, assim como competição e violência tem sido até agora (CATINI, 2004, p 168).

A sociedade precisaria, portanto, assumir uma postura de combate e chamar para si a responsabilidade pela educação e pelo bem-estar das crianças. Tudo isso por meio da participação ativa em atividades que tenham como objetivo o esclarecimento, a prevenção e o combate em relação ao *Bullying*.

6. CONCLUSÃO

O *Bullying* é um tipo de violência que assola as escolas e não escolhe classe social, atingindo todas as instituições, sejam elas públicas ou particulares. Embora não seja um fenômeno recente, há poucas décadas somente ele passou a ser tratado como um problema educacional e social. No entanto, não é possível identificar uma única

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

causa para o *Bullying*, embora muitos sejam os fatores envolvidos em sua ocorrência.

A partir da pesquisa realizada para a elaboração deste artigo, compreende-se que grande parte das causas dos comportamentos de *Bullying* nas crianças, está relacionada a questões culturais. Ou seja, o fenômeno ganhou maior intensidade, e causa cada vez mais danos aos envolvidos com ele, em função das mudanças que vem acontecendo no paradigma social e cultural.

Vive-se uma cultura egocêntrica, pautada na valorização do ter e não do ser. É uma cultura imediatista, em que as pessoas já não são capazes de esperar o tempo necessário para ter seus desejos atendidos, precisando satisfazê-los imediatamente, em detrimento do respeito ao seu semelhante.

A sociedade não aceita a diferença, pois o diferente, muitas vezes, causa angústia e medo, e por isso, aquilo que é diferente, é logo tratado de ser afastado, menosprezado, estigmatizado. É o que acontece no *Bullying*. Aquela criança que é, por alguma razão, diferente, é menosprezada, ridicularizada, como forma de autoafirmação do agressor.

Conclui-se, então, que o *Bullying* escolar é um retrato in loco do que acontece na sociedade, fora da escola, em que o diferente é massacrado. Tal massacre manifesta-se pelas variadas formas de violência que deve ser combatida, pois, seja qual for a sua forma, invariavelmente traz prejuízos e sofrimento, tanto para a vítima, como para quem pratica. Em se tratando de *Bullying* escolar, a atenção deve ser redobrada, afinal, além de ser voltada aos pequenos, àqueles que ainda estão constituindo a sua personalidade e se projetando no meio social, é uma forma de violência cruel e devastadora.

Diante do exposto, é possível inferir que o *Bullying* somente poderá ser combatido a partir do momento em que todos, desde a família, a comunidade escolar, até a sociedade em geral, conscientizarem-se de que ele é um reflexo dos problemas sociais, introjetado e repetido pelas crianças, ou seja, tal comportamento somente poderá ser modificado, quando a sociedade rever e modificar os seus conceitos, e os seus comportamentos. E isso só vai acontecer quando todos assumirem a sua parcela de responsabilidade diante do *Bullying*.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ARAÚJO, Carla Patrícia da Silva, SILVA, Luciana Rios da. *Bullying na Escola: Essa Brincadeira Não Tem Graça! V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"*. São Cristóvão - SE. 2011. Disponível em: <http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%2014/PDF/Microsoft%20Word%20-%20BULLYING%20NA%20ESCOLA.pdf>. Acesso em 09 de Setembro de 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA. *Programa De Redução Do Comportamento Agressivo Entre Estudantes*. Disponível em <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>. Acesso em 29 de

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

setembro de 2012.

BARBOSA, Altemir José Gonçalves; LOURENÇO, Lelio Moura; MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da (Org.). *Desenvolvimento psicossocial: temas em educação e saúde*. Campinas, SP: Alínea, 2008.

BARROS, Patrícia Marcondes de. *Bullying*. Nem todo mundo se diverte. Universidade Positivo, Curitiba, PR, 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/expocom/EX25-0447-1.pdf>. Acesso em 02 de Junho de 2012.

CÁTINI, Nilza. *Problematizando o “Bullying” para a realidade brasileira*. PUC – Campinas, 2004.

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia da amizade - Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Editora Gente, 2008.

COUTINHO, Gabriela de Miranda, DELLE DONNE, Christine Ditzel, DE MAURO, Diva. *Bullying – um mal silencioso com consequências devastadoras*. Publicado em 06 de julho de 2010. Disponível em <http://www.fundacaojk.org.br/> Acesso em 7 de Setembro de 2012.

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, Editora Versus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, J. A. *Bullying Escolar: perguntas e respostas*. Artmed: Porto Alegre, 2008.

LOPES, A. A. N & SAAVEDRA, L. H. *Diga Não para o Bullying!* Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

LOPES, A. A. N. *Bullying - Comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em 09 de Setembro de 2012.

Menino solitário, adulto perturbado. In: ISTOÉ, 13 abril de 2011, ano 35, n. 2161.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. *Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TOGNETTA, L.R.P; VINHA, T.P. *Bullying e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução* In: Actas do 8º. Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: Saúde, Sexualidade e gênero. ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal. Anais eletrônicos. (2010). Disponível em www.mp.sp.gov.br. Acesso em 09 de Setembro de 2012.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. *Violência na escola: os sinais de Bullying e o olhar necessário aos sentimentos*. In: Pontes, Aldo; De Lima, V. S.: *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2005.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

SCHOOL BULLYING, KNOW TO COMBAT: A STUDY ABOUT THE CHARACTERS AND POSSIBLE BY FIGHTING STRATEGIES OF BUSINESS SEGMENTS INVOLVED

ABSTRACT

This article aims to bring to discussion the concept of bullying at its core, and from understanding the real meaning of the term, identify who are the subjects involved in this practice, and discuss the role of each segment of society, which is directly linked to the practices of Bullying, in order to minimize this practice in the school environment. Bullying is a form of intentional violence and repetitive, that happens without a reason for that. Victims generally are unsuited those students socially, or have some characteristic that differentiates greatly from the others. The work is justified by the fact that, although bullying is still seen by many people as something normal, which is merely child's play, the marks he leaves on children are quite intense and most often extend to life adult subject. Therefore, this issue should be dealt with very seriously by both the school staff as the families of the children. The methodology used for the development of the article is a literature search, consulting renowned authors dealing with the subject, as well as several recent publications in scientific circles as websites and magazines.

Keywords: Bullying. Psychological Consequences. Prevention. Intervention.

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 30 de novembro de 2012

Aceito em: 13 de janeiro de 2013

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

TOMACHESKI, Renata; SILVA, Angela Cristina da. *Bullying Escolar: um Estudo acerca dos Personagens e das Possíveis Estratégias de Combate por parte dos Diversos Segmentos Envolvidos*. Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 127-142, jul./dez. 2013.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	127 - 142	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

AVALIAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL, DA INGESTÃO ALIMENTAR E DOS PRINCIPAIS RECEIOS DE DIABÉTICOS ACOMPANHADOS EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA CIDADE DE BARRA MANSA, RIO DE JANEIRO.

Bruna Severo da Silva *
Elton Bicalho de Souza **

RESUMO

Nos dias atuais, o *diabetes mellitus* (DM) é configurado como um quadro de epidemia mundial, sendo um grande desafio para os sistemas de saúde de todo o mundo. Consiste em uma síndrome do metabolismo defeituoso de macronutrientes, principalmente dos carboidratos, por ação insuficiente da insulina. O presente estudo teve como objetivo descrever o comportamento de um grupo de diabéticos atendidos pelo NASF na cidade de Barra Mansa, quando receberam o diagnóstico da doença. Trata-se de um estudo transversal, realizado em uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) da cidade de Barra Mansa, interior do Estado do Rio de Janeiro. Foi aplicado aos participantes um questionário com questões referentes às condições sócio-demográficas, além de ter sido realizada a avaliação antropométrica e da dieta dos participantes. As variáveis foram analisadas segundo procedimentos clássicos de média e desvio padrão, com auxílio do programa *Excel for Windows*®. Participaram do estudo 11 pessoas, das quais a maioria relatou ter aceitado com naturalidade o diagnóstico, indo contra os indicativos da literatura. Com relação ao estado nutricional, 63,6% da amostra (n = 7) estava fora do estado nutricional adequado de acordo com a idade do participante. Com relação à alimentação, todos os participantes estavam ingerindo calorias fora das recomendadas, com distribuição inadequada dos macronutrientes. Das dificuldades percebidas, conclui-se que a alimentação é o principal obstáculo para o tratamento do diabetes, e que de fato mudanças na alimentação destas pessoas devem ser realizadas com urgência.

Palavras-chave: Diabetes. Alimentação. NASF.

* Discente de Nutrição do UBM (brunasevero88@hotmail.com)

** Mestre em Nutrição Humana. Docente do UBM (elton_bicalho@ig.com.br)

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, diante da transição nutricional e dos novos hábitos alimentares adquiridos, aliado ao novo estilo de vida ao qual a população vem se submetendo, torna-se cada vez mais comum o surgimento de doenças crônicas, dentre elas o *diabetes mellitus* (DM). Essa doença vem acometendo um número cada vez maior de indivíduos e, quando não tratada de maneira correta, acarreta sérios danos à saúde, gerando perda ou danos à diversas funções do organismo, podendo levar o paciente à morte.

Juntamente ao diagnóstico de DM, surgem reações emocionais, observadas durante o diagnóstico ou o convívio e manejo da doença. Manifestam-se a partir de comportamentos inadequados, prejudicando o controle glicêmico, repercutindo diretamente na saúde, nas relações sociais e, conseqüentemente, na qualidade de vida do diabético. A partir do diagnóstico, é comum o aparecimento de sentimentos de angústia e ansiedade, sendo que alguns portadores de DM encaram, a doença e seu tratamento, como um fardo pesado, gerando dificuldades no desempenho dos papéis de autocuidado devido ao pessimismo do mesmo (SANTOS FILHO, RODRIGUES & SANTOS, 2008).

É de suma importância para um tratamento eficaz do DM que o paciente entenda os danos que a doença pode lhe ocasionar, compreendendo que, para um tratamento eficiente, é necessário disciplina na manutenção do tratamento medicamentoso e uma reeducação alimentar, ou seja, mudanças no seu estilo de vida devem ocorrer. É uma doença que requer alterações as quais devem ser observada o resto da vida de um diabético, tornando necessárias ações educativas para instrução e conscientização do paciente sobre a importância de se conhecer a doença como parte integral do cuidado, propiciando um melhor convívio com a doença.

Nesse sentido, os profissionais de saúde devem conhecer as angústias e as primeiras impressões do diabético ao receber o diagnóstico, pois conhecendo essa realidade, poderão auxiliar os pacientes da melhor maneira possível, quebrando tabus e mitos referentes à doença, melhorando a qualidade da alimentação e, conseqüentemente, a qualidade de vida destas pessoas.

A ocorrência da atuação contínua e persistente da equipe multiprofissional, bem como de familiares e o próprio paciente, pode minimizar o surgimento de complicações provenientes do DM. Dessa forma, possibilita-se que o diabético torne-se protagonista de seu tratamento (GIL et al, 2008). É importante enfatizar as necessidades de apoio e acompanhamento contínuo do paciente, uma vez que este acompanhamento sistemático permite melhorar a qualidade de vida do portador de diabetes (ZANETTI, 2008).

O presente estudo teve como objetivo descrever o comportamento de um grupo de diabéticos atendidos pelo Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) na cidade de Barra Mansa, quando receberam o diagnóstico da doença. Possui relevância na prática clínica, identificando dúvidas e obstáculos encontrados por pacientes diabéticos

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

em relação a esta nova realidade.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional, com abordagem quanti-qualitativa, realizado em uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) da cidade de Barra Mansa, interior do Estado do Rio de Janeiro. O estudo avaliou participantes de um grupo de diabetes acompanhado pelo NASF. Como critério de inclusão, os participantes deveriam ser diabéticos (independente do tipo da doença), consentirem com a participação de forma espontânea, possuir mais de 18 anos de idade e frequentarem o grupo regularmente. Todos os participantes do grupo que atenderam aos critérios de inclusão foram convidados a participarem.

Após consentimento, foi aplicado um questionário aos participantes. Esse instrumento, com questões referentes às condições sócio-demográficas, permitiu realizar o levantamento do perfil da amostra do grupo. A outra parte do questionário foi específica para avaliar como o participante convive com a doença.

O estudo também realizou uma avaliação antropométrica dos participantes, bem como avaliou a dieta de forma qualitativa. Foram aferidos peso (kg) e estatura (m) para posterior cálculo do índice de Massa Corporal (IMC). O IMC foi obtido através da divisão do peso pelo quadrado da estatura aferida. O diagnóstico do estado nutricional através do IMC foi realizado de acordo com parâmetros de recomendação do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional do Ministério da Saúde (BRASIL, 2008), definidos de acordo com a faixa etária do participante.

Para complementar a avaliação antropométrica, foram aferidas as circunferências da cintura, quadril e abdominal. Com os valores das circunferências da cintura e do quadril, foi calculada a razão cintura quadril (RCQ), através da divisão do valor (cm) da cintura pelo valor (cm) do quadril. Essa equação é largamente utilizada na prática clínica, tendo relação direta com o surgimento de doenças cardiovasculares. A circunferência abdominal, realizada com a fita métrica exatamente sob a cicatriz umbilical, é utilizada para mensurar o risco de surgimento de síndrome metabólica. Os valores encontrados foram comparados com os pontos de corte preconizados pela OMS.

A qualidade da dieta dos participantes foi analisada através do recordatório alimentar de 24 horas. Com posse dos registros, os macronutrientes foram quantificados com o auxílio do programa AVANUTRI[®] versão 2.0. Os valores obtidos pela avaliação dos registros foram comparados com os valores recomendados pela *American Diabetes Association*, segundo o qual: carboidratos entre 55–60% do valor energético total consumido (VET total); lipídios 20-30% do VET consumido, e para as proteínas de 10 a 15% do VET. O valor calórico total das refeições também foi comparado com o VET teórico calculado para cada participante, através da equação proposta pela FAO/WHO/UM.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

As variáveis foram analisadas segundo procedimentos clássicos de média e desvio padrão, com auxílio do programa *Excel for Windows*®. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), sendo que os princípios éticos de não maleficência, justiça e autonomia, contidos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, foram respeitados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, participam do acompanhamento do grupo de diabetes da Unidade Básica de Saúde 15 pessoas. Desse total, quatro estavam fora dos critérios de elegibilidade adotados pela pesquisa. Logo, participaram do estudo 11 pessoas, sendo 7 mulheres e 4 homens. A média de idade dos participantes foi de 62,4 anos (+ 9,66), com o participante mais jovem possuindo 47 anos e o mais velho com 83 anos. Ao avaliarmos as variáveis sócio-demográficas, percebemos que a maioria é casada (n = 8), possui baixo grau de escolaridade (n = 9), é aposentado ou pensionista (n = 6) e possui renda familiar de até dois salários mínimos (n = 8). O quadro 1 apresenta as demais variáveis e a distribuição das variáveis sócio-demográficas.

A maior prevalência de mulheres participantes vai ao encontro de vários estudos que afirmam maior utilização dos serviços de saúde por mulheres. Pinheiro *et al* (2002) destacaram significativas diferenças por sexo quanto ao motivo da procura de serviços de saúde, mesmo quando excluídos os partos e os atendimentos de pré-natal.

Com relação à escolaridade e renda dos participantes, Carvalho (2011) afirma que quanto maior o tempo de estudo ou grau de instrução de um indivíduo, maiores são os ganhos reais destas pessoas. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), no Brasil é considerada como pertencentes a “classe D” pessoas com ganhos mensais de R\$ 1.020,00 até R\$ 3.060,00 e, “classe E”, com uma renda de até R\$ 1.020,00. Levando em consideração que, na data da pesquisam o salário mínimo nacional era de R\$ 622,00, os participantes do estudo estão enquadrados nas classes D e E.

QUADRO 1. Variáveis sócio-demográficas das participantes do estudo

Variável	n	%
Estado Civil		
Casada(o)	8	72,7
Divorciada(o)	1	9,1
Viúva(o)	2	18,2
Total	11	100

Variável	n	%
Escolaridade		
Alfabetizado funcional	3	27,3
1º grau incompleto	6	54,5
2º grau incompleto	2	18,2
Total	11	100
Situação trabalhista		
Desempregada	4	36,4
Trabalhando	1	9,1
Aposentado	5	45,4
Pensionista	1	9,1
Total	11	100
Renda mensal aproximada		
Menos de 1 salário	1	9,1
1 salário mínimo	3	27,3
Até 2 salários mínimos	4	36,3
Até 3 salários mínimos	3	27,3
Total	11	100

O tempo de doença também foi investigado pelo presente estudo. De acordo com o levantamento, a pessoa que possui DM há mais tempo, convive com ela há 30 anos, e o que possui a doença há menos tempo está com o diagnóstico há exatos 4 meses. Vale a ressalva de que a pessoa mais velha do estudo (82 anos) está diabética apenas há 1 ano. Todos os 11 participantes do grupo utilizam medicação para controle do diabetes e a origem de tais medicamentos é a Unidade Básica, sendo os de maior utilização a Metformina (n = 5) e a Glibenclamida (n = 4), seguidos de Omeprazol (n = 2), Hidroclorotiazida (n = 1), Insulina Nph (n = 1) e Insulina regular (n = 1).

Apenas um participante relatou possuir condições para comprar a medicação quando a mesma não está disponível na Unidade, evitando a preocupação. Segundo Paiva, Bersusa & Escuder (2006), a maior dificuldade de adesão ao tratamento é a falta de medicamentos na rede pública, o que pode aumentar as taxas de mortalidade e morbidade, bem como a necessidade de internação hospitalar. Pacientes afirmaram receber todo medicamento em uso na USF em que fazem acompanhamento. No estudo dos autores supracitados, 57,8% dos indivíduos afirmaram não receber todo medicamento em uso na Unidade de Saúde, além disso, asseveraram que esperam chegar o medicamento. Sabe-se que é comum a falta de medicamentos, devido à grande deman-

da pelos mesmos. Logo, a maioria dos participantes do presente estudo é claramente dependente da resolubilidade do sistema de saúde local, o que pode comprometer o tratamento da doença.

Com relação às doenças associadas, apenas dois participantes reportaram não possuir nenhuma outra doença. A hipertensão foi a doença associada mais reportada pelos participantes (n = 9), seguido por hipercolesterolemia (n = 2) e hemodisplasia (n = 1). A hipertensão e o diabetes são doenças responsáveis pela maioria das mortes maternas no Brasil, representando as complicações clínicas mais comuns (KATZ, 2002). Segundo Pascoal e Mion Júnior (2012), a prevalência de hipertensão em diabéticos é estimada entre 30% e 80%, dependendo da idade do paciente, do tipo e duração do diabetes. Os autores ainda ressaltam que pacientes diabéticos possuem duas vezes a prevalência de hipertensão comparados a pacientes não diabéticos. O presente estudo encontrou uma prevalência de 81% de hipertensão nos participantes, revelando valores acima dos preconizados.

Dos 11 participantes do presente estudo, apenas 3 informaram que não possuem nenhum familiar com diabetes. Do restante, a maioria afirmou possuírem irmãos ou irmãs (n = 5), pais (n = 4) e um participante revelou possuir um filho com diabetes. Segundo Ortiz & Zanetti (2000), a hereditariedade é um grande fator para o surgimento da doença e, em um estudo realizado em uma cidade do interior paulista, encontraram que 15% dos participantes possuíam parentes próximos com diagnóstico de diabetes. O presente estudo encontrou uma prevalência de 81,2% de hereditariedade.

Conforme visto na revisão da literatura, é comum que pacientes diabéticos, ao receberem o diagnóstico, reajam com indignação e tenham alterações psicológicas em função da doença (SANTOS FILHO, RODRIGUES & SANTOS, 2008). No presente estudo, a maioria (n = 6) relatou ter aceitado com naturalidade o diagnóstico, indo contra os indicativos da literatura, conforme a transcrição de um participante: “não tive grande surpresa, pois não tinha informação nenhuma sobre a doença”. Dos que relataram que sofreram algum impacto ao receberem o diagnóstico (n = 4), foram reportados sentimentos de revolta, frustração, medo e negação. Esses achados vão de encontro ao preconizado por Pilger & Abreu (2007), os quais dizem que o diabético geralmente apresenta modificações de comportamento, podendo manifestar sentimentos de culpa, medo, angústia, depressão e apatia.

Com relação aos medos atuais, a maioria (n = 10) informou possuir algum tipo de medo sobre possíveis complicações futuras da doença, sendo que 6 participantes afirmaram que o maior medo é de perder a visão.

Segundo Lerario (2004), o diabetes possui elevada associação com o aumento da mortalidade e, com o surgimento de complicações micro e macrovasculares, que podem resultar em quadros de cegueira, insuficiência renal, amputações de membros entre outros. Segundo Scheffel et al. (2004), o DM é apontado como uma das principais causas de cegueira entre adultos e idosos e, em alguns levantamentos, após

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

15 anos do diagnóstico de DM, a retinopatia diabética esteve presente em 97% dos diabéticos.

Na avaliação do estado nutricional, encontrou-se uma média de peso de 75,4 kg, estatura de 1,59 m, IMC de 30,1 kg/m². A Tabela 1 ilustra a distribuição dos valores encontrados para o grupo avaliado. Com relação ao estado nutricional, o presente estudo encontrou que uma prevalência de 9,1% de baixo peso (n = 1), 36,4% de eutrofia (n = 4), 36,4% de sobrepeso (n = 4) e 18,1% de obesidade, totalizando um total de 63,6% da amostra (n = 7) fora do estado nutricional adequado de acordo com a idade do participante. Os valores de circunferência da maioria dos participantes estavam fora dos padrões recomendados, o que pode agravar ainda mais o quadro metabólico dos participantes do estudo.

TABELA 1. Avaliação antropométrica dos participantes do estudo Variável

Variável	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Peso (kg)	75,4	± 23,60	51	134
Estatura (m)	1,59	± 0,09	1,47	1,74
IMC (Kg/m ²)	30,1	± 10,36	21,0	55,06
Circunferência da cintura (cm)	86,5	± 14,44	52	106
Circunferência do quadril (cm)	94,4	± 21,19	47	123
RCQ	0,93	± 0,08	0,83	1,11
Circunferência abdominal (cm)	96,6	± 20,10	50	125
Pressão arterial sistólica (mmHg)	150	± 3,29	130	220
Pressão arterial diastólica (mmHg)	80	± 1,35	40	90

Ao avaliar a ingestão alimentar dos participantes o estudo encontrou que, de acordo com o recordatório alimentar de 24 horas, todos os participantes estavam ingerindo calorias fora das recomendadas. Encontrou-se uma prevalência de dietas hipocalóricas (n = 10). A média de ingestão preconizada, segundo cálculo do VET preconizado para cada participante, foi de 2.527,5 Kcal (+ 675,47), e a média de ingestão, segundo análise dos recordatórios, foi de 1.578,9 kcal (+ 403,9). O quadro 2 descreve a média de ingestão calórica e de macronutrientes das participantes.

QUADRO 2. Perfil da alimentação dos participantes do estudo

Código	VET 1 (kcal)	VET 2 (kcal)	Diferença (kcal)	% de Carboidrato*	% de Proteína*	% de Lipídeo*
1	1994,46	1007,54	986,92	72,3	19,0	8,7
2	1778,54	2225,88	- 447,34	39,5	21,0	39,5
3	2426,5	1332,82	1093,68	29,8	29,9	40,2
4	2134,7	1758,84	375,86	52,3	23,6	24,1

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

Código	VET 1 (kcal)	VET 2 (kcal)	Diferença (kcal)	% de Carboidrato*	% de Proteína*	% de Lipídeo*
5	3111,88	907,95	2203,93	70,9	14,0	15,1
6	1765	1489,24	275,76	59,6	20,2	20,2
7	2782,87	1195,56	1587,31	54,1	19,5	26,4
8	2240,52	1422	818,52	62,7	17,0	20,4
9	2303,3	1691,05	612,25	56,9	12,7	30,4
10	2495,19	1876,83	618,36	36,3	21,0	42,7
11	2466,6	1883,19	583,41	46,0	19,1	34,9

VET 1 = VET teórico. VET 2 = VET ingerido de acordo com o recordatório.
*** % em relação ao VET 2**

Quando avaliados os percentuais de carboidratos ingeridos em relação ao valor energético total do recordatório, observou-se que 2 participantes apresentaram dietas hiperglicídicas (códigos 1 e 5), 6 participantes possuíam ingestões hipoglicídicas (códigos 2, 3, 4, 7, 10 e 11) e 3 participantes apresentaram distribuição normoglicídica (códigos 6 e 8). Com relação à ingestão de proteínas, a maioria (n = 9) apresentou ingestão hiperproteica, sendo encontradas ingestões normoproteicas em apenas dois participantes (códigos 5 e 9). Ao avaliar a ingestão lipídica, cinco participantes (códigos 2, 3, 9, 10 e 11) apresentaram ingestões hiperlipídicas, dois, ingestões hipolipídicas (código 1 e 5) e quatro, distribuição normolipídica (códigos 4, 6, 7 e 8). Três participantes relataram não terem realizado nenhum tipo de mudança na alimentação, nem as que foram orientadas pelos profissionais de saúde. Dos que revelaram mudanças na alimentação, a maioria informou que trocou o açúcar por adoçante, evitam frituras e passaram a consumir mais verduras e legumes por medo das consequências que o diabetes pode causar em suas vidas.

Segundo Escott-Stump (2007), o tratamento dietoterápico para o diabetes deve englobar uma dieta normo e hipoglicídica, dependendo da medicação utilizada e dos hábitos de vida do paciente. No presente estudo, claramente nota-se que a maioria dos entrevistados está com a alimentação descontrolada, o que pode ocasionar complicações futuras e dificuldades para o controle do índice glicêmico. Vale a ressalva de que dos dois entrevistados que informaram possuir hipercolesterolemia, ambos ingeriram uma alimentação hiperlipídica, demonstrando a necessidade de atendimento individual com o profissional nutricionista. Outro fato que chama a atenção devido à gravidade é o elevado percentual de dietas hiperproteicas. Segundo Gross et al. (2002), pacientes diabéticos devem ter cuidado com a ingestão elevada de proteínas, para evitar possíveis danos renais, o que pode agravar o estado geral deste paciente.

4 CONCLUSÃO

Segundo a literatura científica, o diagnóstico de diabetes traz consigo reações

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

emocionais, que podem comprometer o tratamento do diabético. Os pacientes podem desenvolver diferentes manifestações e/ou comportamentos inadequados, sendo os mais relatados pelos estudiosos o aparecimento de sentimentos de angustia, medo, ansiedade, fardo, revolta e negação, ocasionando o pessimismo dos pacientes. No presente estudo, a maioria relatou ter aceitado com naturalidade o diagnóstico, entretanto, ressalta-se que a maior parte dos participantes possui baixa escolaridade, o que provavelmente pode levar ao desconhecimento da doença e suas consequências.

Com relação ao estado nutricional dos participantes, observa-se que a maioria está fora do estado nutricional adequado, o que é um complicador, uma vez que o sobrepeso e a obesidade são responsáveis por causar resistência à insulina, além de outras complicações metabólicas, dificultando o tratamento do diabetes. Observa-se que a alimentação dos diabéticos da presente pesquisa está muito aquém da recomendada pela literatura, por isso sugere-se que estes sejam encaminhados imediatamente ao atendimento individualizado com um profissional nutricionista, a fim de corrigir a dieta e evitar maiores danos a saúde destas pessoas.

Observou-se que o medo de perder a visão e possíveis amputações são os principais medos dos participantes. Entretanto, foram percebidas pessoas desdenhando da atual situação, talvez por falta de informação das possíveis complicações decorrentes de diabetes não tratado. Observou-se também a grande presença de hipertensão nestas pessoas, o que diminui ainda mais a qualidade de vida. Das dificuldades percebidas, conclui-se que a alimentação é o principal obstáculo para o tratamento do diabetes e que de fato mudanças na alimentação delas devem ser realizadas com urgência. Outro fator que chamou a atenção foi a dependência da medicação fornecida pela rede pública de saúde aos usuários, pois é conhecido que, constantemente, faltam medicamentos nessa rede, o que compromete seriamente a continuidade do tratamento desses pacientes.

Por fim, sugere-se, para novos estudos, que se abordem mais aspectos multidisciplinares, em outras unidades básicas de saúde para traçar um perfil da real situação dos diabéticos atendidos pelo Nível Básico de atenção à Saúde no Município de Barra Mansa.

REFERÊNCIAS

AIRES, M.M: *Fisiologia*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

ALVES, N.N.R; GAGLIARDO, L.C; LAVINAS, F.C.; A importância de fibras dietéticas solúveis no tratamento do diabetes. *Revista Saúde e Ambiente*, v. 3, n. 2, p. 20-29, 2008

AMATO, A.A; BARRA, G.B; NEVES, F.A.R; Genética do diabetes mellitus do tipo 2: novidades e perspectivas. *Bsbm Brasília Médica*, v. 45, n. 3, p. 168, 2008.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

ARSA, G.; LIMA, , L.; ALMEIDA, S.S.; MOREIRA, S.R.; CAMPBELL, C.S.G.; SIMÕES, H.G.; Diabetes mellitus tipo 2: aspectos fisiológicos, genéticos e formas de exercício físico para seu controle. *Revista Brasileira Cineantropom Desempenho Humano*, v. 1, n. 1, p. 103-111, 2009.

ASSUNÇÃO, M.C.F; SANTOS, I.S; GIGANTE, D.P; Atenção primária em diabetes no sul do Brasil: estrutura, processo e resultado. *Revista Saúde Publica*, v. 35, n.1, p. 88-95, 2001.

BAGGIO, S. L. Atuação do profissional nutricionista em um centro de saúde escola da cidade de Umuarama-Paraná. *Revista Saúde e Pesquisa*. v. 2, n. 3, p. 338-342, 2009
BERNAEDES, F.B; LEITE, V.F; LIBERALI,F.; NAVARRO, F. ;Relação da obesidade com diabetes mellitus tipo 2, com ênfase em nutrição e atividade física. *Revista Brasileira de obesidade, nutrição e emagrecimento*, v. 3, n. 15, p. 241-250, 2009.

BETTENCOURT, J.M.F.; *Diabetes mellitus tipo 2 e vitaminas antioxidantes (vitamina E, vitamina C e β - caroteno)*, 2010, 43f, monografia(Graduação em nutrição)- Faculdade de Ciencias da Nutrição e Alimentação- Faculdade do Porto, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diabetes Mellitus. *Caderno de Atenção Básica*. Brasília, n. 16, 2006, 57 p.

COSTA, A.C.P; TALACKER,M; BESENBRUCH,N; SIMONY,R.S; BRANCO,F.C. Aspectos metabólicos e nutricionais de contagem de carboidrato no tratamento de diabetes mellitus tipo 1. *Revista Nutrire*, v.36, n. 1, p. 1-197, 2011.

DIB, S. A; Heterogeneidade do diabetes mellitus tipo 1. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, v. 52, n. 2, p. 206, 2008.

ESCOTT-STUMP, S. *Nutrição Relacionada ao Diagnóstico e Tratamento*. 5° ed. São Paulo: Manole, 2007.

EVERS, S.M.S.; *Reflexão sobre um processo educativo com pacientes portadores de diabetes mellitus tipo 2 no ambulatório do hospital Nossa Senhora da Conceição*, 2010, 52f, monografia (Pós-graduação em praticas pedagógicas para educação em serviço de saúde)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

FERRAZ, A.E.P.; ZANETTI, M.L.; BRANDÃO, E.C.; ROMEU, L.C.; FOSS, M.C.; PACCOLA, G.M.G.F.; PAULA, F.J.A.; GOUVEIA, L.M.F.B.; JÚNIOR, R.M. Atendimento multiprofissional ao paciente com diabetes mellitus no ambulatório de diabetes do HCFMRP-USP. *Revista de Medicina de Ribeirão Preto*, v. 33, s/n, p. 171-173, 2000.

GANONG, W.F.; HILL, M.G. *Fisiologia Médica*. 22° ed. Rio de Janeiro: Interamericana do Brasil, 2007.

GIL, G.P.; HADDAD, M.C.L.; GUARIENTE, M.H.D.M. Conhecimento sobre diabetes mellitus de pacientes atendidos em programa ambulatorial interdisciplinar de um hospital universitário público. *Semina*, v. 29, n. 2, p. 141-154, 2008.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

GROSS, J.L.; SILVEIRO, P.S.; CAMARGO, J.L.; REICHEL, A.J.; AZEVEDO, M.J. Diabetes melito: diagnóstico, classificação e avaliação do controle glicêmico. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*. v. 46, n. 1, p. 16-26, 2002.

GUYTON, A.C.; HALL, J.E. *Tratado de Fisiologia Médica*. 11º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

HELENO, M.G.V.; VIZZOTTO, M.M.; MAZZOTTI, T.; GOMES, R.C.; MODESTO, S.E.F. Acampamento de férias para jovens com diabetes mellitus tipo 1: Achados de abordagem psicológica. *Boletim de Psicologia*. v. 59, n. 130, p. 77-90, 2009. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010: características gerais da população brasileira*. Disponível em: <HTTP://WWW.censo2012.ibge.gov.br>.

KATZ, P. *Geriatría Prática*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

KOEPPEN, B.M.; STANTON, B.A. *Berne & Levy: Fisiologia*, Rio de Janeiro: elsevier, 2009.

LERARIO, A.C; Diabetes Mellitus tipo 2. *Diabetes News*, v. 1, n. 1, p. 17, 2004.

LIMA, C.T.; KANNO, D.T.; GONSALLES, M.C.R.; ASSIS, D.M.B.; GIANESCALA, E.M.F.; Diabetes e suas comorbidades no programa de saúde de família Vila Davi em Bragança Paulista, SP. *Revista Brasileira de Clínica Médica*, v. 8, n. 4, p. 316-319, 2010.

LIMA, K.A. *Análise do processo de construção de conhecimento dietoterápico de pacientes diabéticos atendidos no programa saúde da família do município de Araras, SP*, 2004, 272f, monografia (pós graduação em alimento e nutrição)- Faculdade de ciências farmacêuticas da universidade estadual paulista, 2004

LOTTENBERG, A.M.P.; Características da dieta nas diferentes fases da evolução do diabetes melito tipo 1. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, v. 52, n. 2, p. 250-259, 2008

MARCELINO, D.B; CARVALHO, M.D.B. Reflexões sobre o diabetes tipo 1 e sua relação com o emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v. 18, n. 1, 2005.

MARCONDES, J.A.M.; Diabetes melito: fisiopatologia e tratamento. *Revista da faculdade de ciências médicas de Sorocaba*, v. 5, n. 1, p. 18-26, 2003.

MOURA, C.M.A.; COSTA, S.A.; NAVARRO, F.; Índice glicêmico e carga glicêmica: aplicabilidade na prática clínica do profissional nutricionista. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, v. 1, n. 6, p. 01-11, 2007.

NOGUEIRA, A.I; SANTOS, J.S.S; SANTOS, L.L.B; SALOMON, I.M.M; ABRANTES, M.M; AGUIAR, R,A,L,P; Diabetes gestacional: perfil e evolução de um grupo de pacientes do hospital das clínicas da UFMG. *Revista médica Minas Gerais*, v. 21, n. 1, p. 33, 2011.

OLIVEIRA, E.S.T.; *A diabetes como tema de ensino na química orgânica*, 2011, 49f,

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

monografia (Graduação em química)- Universidade de Brasília, Instituto de Química, 2011.

ORTIZ, M.C.A.; ZANETTI, M.L. Diabetes mellitus: fatores de risco em uma instituição de ensino da área da saúde. *Rev. latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 6, p. 128-132, dezembro 2000.

PASCOAL, I; MION JR, D; IV Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial. *Arquivo Brasileiro de Cardiologia*, v. 82, n. 4, 2012.

PÉRES, D.S.; FRANCO, L.J.; SANTOS, M.A. Sentimentos de mulheres após o diagnóstico de diabetes tipo 2. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. Versão on-line. v. 16, n. 1, p. 1-9, 2008.

PILGER, C.; ABREU, I.S.; Diabetes mellitus na infância: repercussões no cotidiano da criança e de sua família. *Cogitare Enfermagem*, v. 12, n. 4, p. 494-501, 2007.

PINCINATO, E.C; Atualização no diagnóstico, classificação e tratamento para o diabetes mellitus (DM). *Revista Brasileira de Ciências e Saúde*, v. 1, n. 1, p. 62-68, 2003.
PONTIERI, F.M; BACHION, M.M. Crenças de pacientes diabéticos acerca da terapia nutricional e sua influência na adesão ao tratamento. *Ciências e Saúde Coletiva*, v.15, n. 1, p. 151-160, 2010.

QUEIROZ, K.Q.; SILVA, I.N.; ALFENAS, R.C.G.; Associação entre fatores nutricionais e controle glicêmico de crianças e adolescentes com diabetes melito tipo 1. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, v. 54, n. 3, p. 319-325, 2010.

ROESE A.; PINTO, J.M.; GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. perfil de hipertensão arterial sistêmica e de diabetes mellitus a partir de bases de dados nacionais em municípios de pequeno porte no Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista APS*. v. 14, n. 1, p. 75-84, 2011.

SANTOS, H.I.R.; *A suplementação do cromo na resistência á insulina e diabetes mellitus tipo 2*, 2009, 65f, monografia (graduação em nutrição)- Faculdade de ciências da nutrição e alimentação: Faculdade do Porto, 2009.

SANTOS FILHO, C.V.; RODRIGUES, W.H.C.; SANTOS, R.B. Papéis de auto cuidado-subsídios para enfermagem diante das reações emocionais dos portadores de diabetes mellitus. *Revista Enfermagem*, v. 12, n. 1, p. 126, 2008.

SARTORELI, D.S; CARDOSO, M.A; Associação entre carboidratos da dieta habitual e diabetes mellitus tipo 2: evidencias epidemiológicas. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, v. 50, n. 3, p. 415-426, 2006.

SCHEFFEL, R.S; BORTOLANZA, D; WEBER, C.S; COSTA, L.A; CANANI, L.H; SANTOS, K.G; CRISPIM, D; ROISENBERG, I; LISBOA, H.R.K; TRES, G.S; TSCHIEDEL, B; GROSS, J.L. Prevalência de complicações micro e macrovasculares e de seus fatores de risco em pacientes com diabetes melito do tipo 2 em atendimento ambulatorial. *Revista da associação medica brasileira*, v.50, n.3, São Paulo.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

SCHMITT, M.L; RIBEIRO, S.L; PAES, M.A.S; Prevalência de diabetes gestacional no município de São Joaquim-SC. *Revista Brasileira de Análises Clínicas*, v. 41, n. 1, p. 43, 2009.

Sociedade Brasileira de Diabetes – SBD. *Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes*. São Paulo, 2008, 108 p.

TSCHIEDEL, B; Diabetes Mellitus tipo 1: Uma visão panorâmica do tratamento atual. *Diabetes News*, v.1 n.1, p. 10-11, 2004.

VASCONCELOS, C.A.C.; FAZAN, V.P.S.; VALENÇA, M.M.; Neuropatia diabética, desnutrição e sistema nervoso. *Neurologia*, v. 72, n. 3, 2009.

VASQUES, A.C.J; PEREIRA, P.F; GOMIDE, R.M; BATISTA, M.C.R; CAMPOS, M.T.F.S; SANT'ANA, L.F.R; ROSADO, L.EF.P.L; PRIORE, S.E; Influencia do excesso de peso corporal e da adiposidade central na glicemia e no perfil lipídico de pacientes portadores de diabetes mellitus tipo 2. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, v. 51, n. 9, p. 1516-1521, 2007.

ZANETTI, M.L; BIAGG, M.V; SANTOS, M.A; PÉRES, D.S; TEIXEIRA, C.R.S; O cuidado á pessoa diabética e as repercussões na família, *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 61, n. 2, p. 187, 2008.

NUTRITIONAL STATUS, FOOD INTAKE AND MAIN FEARS OF DIABETIC PATIENTS FOLLOWED IN A HEALTH FACILITY IN BARRA MANSA, BRAZIL

ABSTRACT

Currently, diabetes is shaping up as a framework for global epidemic, translated as a major challenge for health systems around the world. Diabetes consists of a syndrome of faulty metabolism of macronutrients, especially carbohydrates, by insufficient action of insulin. The present study aimed to describe the behavior of a group of diabetics treated by NASF in Barra Mansa (Brazil), when they received the diagnosis of the disease. This is a cross-sectional study in a basic health unit family (UBSF) of Barra Mansa, Rio de Janeiro. A questionnaire was given to the participants with issues related to socio-demographic, anthropometric measurements taken and diet of the participants. Variables were analyzed according to classical procedures for mean and standard deviation, using the program Excel for Windows. The study included 11 people, where the majority reported to have accepted the diagnosis with ease, going against the indicative literature. Regarding nutritional status, 63.6% of the sample (n = 7) was out of the nutritional status according to the participant's age. With respect to food, all participants were taking off the calories recommended with inadequate distribution of macronutrients. Of perceived difficulties, it is concluded that food is

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 155	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

the main obstacle for the treatment of diabetes, and that in fact changes in food these people must be made urgently.

Keywords: Diabetes. Food. NASF.

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 27 de novembro de 2012

Aceito em: 18 de novembro de 2012

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico deve ser referenciado da seguinte forma:

SILVA, Bruna Severo da; SOUZA, Elton Bicalho de. *Avaliação do Estado Nutricional, da Ingestão Alimentar e dos Principais Receios de Diabéticos Acompanhados em uma Unidade de Saúde da Cidade de Barra Mansa, Rio De Janeiro*. Propagare: revista científica da Faculdade Campo Real, Guarapuava, v. 1, n.4, p. 143-156, jul./dez. 2013

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	143 - 156	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

REVISTA PROPAGARE

A Revista PROPAGARE, publicação da Faculdade Campo Real, criada em 2010, é dirigida à comunidade científica. A PROPAGARE reúne, debate coopera e propaga conhecimento para o progresso da sociedade, cumprindo assim o seu papel.

ORIENTAÇÕES PARA ENVIO DE COLABORAÇÕES

1 NATUREZA DAS COLABORAÇÕES

A Revista PROPAGARE aceita para publicação textos inéditos e de Anais de Congresso, de autores nacionais ou estrangeiros. Aceita também resenhas de livros de publicação recente, artigos originais, revisões e notas científicas em todas as áreas. Os artigos encaminhados à Revista PROPAGARE não devem ser submetidos para avaliação simultânea em outros veículos. Afirmações, opiniões e conceitos expressos nos textos são de responsabilidade do (s) autor (es) do artigo.

A publicação dependerá de aprovação do Conselho Editorial. Os textos serão avaliados no aspecto acadêmico, anonimamente, por especialistas na área do conhecimento específico do texto; e, no aspecto gramatical e ortográfico, pelos revisores. O Conselho Editorial poderá notificar o(s) respectivo(s) autor(es) para eventuais correções, poderá rejeitar o trabalho ou liberar a publicação do artigo. A decisão do Conselho Editorial da edição ou não, apoiada nos pareceres emitidos, será comunicada ao (s) autor (es).

A Revista PROPAGARE adota as normas de documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e a norma de apresentação tabular do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

2 APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

A Revista PROPAGARE:

- Aceita textos escritos em português, inglês ou espanhol, sendo que os textos em inglês ou espanhol deverão vir com a tradução para o português na íntegra e indiferente do idioma do artigo, resumo em inglês.
- Os trabalhos deverão ser enviados para propagare@camporeal.edu.br. Os trabalhos devem ser digitados em editor de texto, com o mínimo de 10 laudas não devendo ultrapassar 30 laudas, incluindo as referências, ilustrações, quadros, tabelas, gráficos, apêndices e anexos.
- Os gráficos, bem como figuras e desenhos não devem ser coloridos.
- Deve-se utilizar fonte Arial 11 (inclusive para títulos e subtítulos) para o tex-

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	193 - 160	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

to e Arial 9 para as citações longas (mais de três linhas), as notas de rodapé, legendas das ilustrações e/ou tabelas.

- O texto deve ser digitado com espaçamento 1,5 entre linhas.
- Citações longas (mais de três linhas), as notas de rodapé, referências, legendas das ilustrações e/ou tabelas, devem ser digitadas em espaço simples e separadas do corpo do texto por uma linha com espaçamento de 1,5 cm.
- As margens superior e esquerda devem ser de 3 cm e inferior e direita de 2 cm.
- O parágrafo recomendado é de 2 cm a partir da margem esquerda e justificado.
- Os subtítulos de nível 1 devem vir todo em letras maiúsculas e em negrito; os de nível 2, todo em letras maiúsculas e sem negrito; e os de nível 3 e demais níveis devem vir com apenas as iniciais maiúsculas e sem negrito.
- Os subtítulos devem vir numerados desde a INTRODUÇÃO (número 1) e sem ponto depois do número. Ressalta-se que conclusões, considerações parciais ou finais e referências não devem vir numeradas.
- Cada subtítulo deve ser separado (antes e depois) do corpo do texto por uma linha de espaçamento duplo.
- Junto ao texto enviado, deverão constar, obrigatoriamente: título do trabalho, nome completo de cada autor, com informações referentes à qualificação acadêmica mais alta, ocupação e vinculação profissional atual, endereço eletrônico e endereço completo para contato.
- Deverão ser encaminhados à Faculdade Campo Real os documentos devidamente preenchidos quanto a autorização de publicação e concessão dos direitos autorais à PROPAGARE (anexo A)

3 ESTRUTURA DO ARTIGO

O artigo deverá seguir a seguinte estrutura, com os elementos, conforme NBR 6022 da ABNT: Pré-textuais: Título e subtítulo (se houver) na língua do texto e em inglês, Nome (s) do(s) autor (es), Resumo, Palavras-chave; Textuais: Introdução, Desenvolvimento, Conclusão; e Pós-Textuais: Abstract (Resumo em inglês), Keywords (Palavras-chave em inglês), Nota(s) Explicativa(s) (Nota (s) em inglês), Referências.

4 AUTORES

Indica-se o(s) autor(es) à direita, fazendo referência em rodapé de breve currículo que o(s) qualifique na área de conhecimento do artigo e endereço eletrônico, indicados pelo uso de asterisco (*).

O mesmo procedimento deve ser adotado para apresentar o nome do(a) orientador(a) (**), caso seja um trabalho originado num curso.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	193 - 160	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

Exemplo:

Fulana Siclana *
Fulano de Tal **

Na nota de rodapé:

* Professora Orientadora. Doutora em Agronomia/Citopatologia, Universidade Federal de Lavras-MG. (fulana@email.com).

** Graduado em Administração pela Faculdade Campo Real. Pós-graduando em nível de Especialização: Administração de Empresas, Faculdade Campo Real. (fulano@email.com.br).

5 RESUMO

Resumo de no máximo 250 palavras, na língua do texto conforme a NBR 6028 da ABNT.

6 PALAVRAS-CHAVE NA LÍNGUA DO TEXTO

Deve figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão Palavras-chave, separadas entre si e finalizadas por ponto e iniciadas com letra maiúscula. Deve ter entre 4 a 6 palavras-chave.

7 ELEMENTOS TEXTUAIS E PÓS-TEXTUAIS

São elementos textuais: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão.

São elementos pós-textuais: Título, e subtítulo (se houver) em língua estrangeira, Abstract (Resumo em inglês), Keywords (palavras-chave), Nota(s) Explicativa(s), Referências, Glossário (opcional), Apêndice(s) (opcional), Anexo(s) (opcional).

8 TÍTULO, AUTOR, RESUMO E PALAVRAS-CHAVE EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Seguem as mesmas normas para versão em português. Fica para Resumo: Abstract e para Palavras-chave: Keywords.

9 NOTAS EXPLICATIVAS

A numeração das notas explicativas é feita em algarismos arábicos (1, 2, 3 ...), devendo ser consecutiva para todo o artigo. Não se inicia a numeração a cada página.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	193 - 160	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

10 REFERÊNCIAS

Devem ser listados em ordem alfabética no final do texto, com alinhamento justificado com o título REFERÊNCIAS centralizado todos os documentos citados na elaboração do artigo. Utilizar a NBR 6023 da ABNT para elaboração das Referências, utilizando para destaque de títulos e demais elementos o grifo *itálico*.

As referências devem ser apresentadas em espaçamento simples, sendo separadas por uma linha em branco.

11 CITAÇÕES

As citações do texto devem ser normalizadas, conforme a NBR 10520 da ABNT e referenciadas no final do texto, no sistema de chamada autor-data.

12 RESENHAS

Para publicações de resenhas elas devem ter entre 2 a 6 páginas, e vir com título e nome do autor da resenha e referência bibliográfica da obra resenhada. No estilo segue as mesmas orientações de publicações de artigos.

13 AUTORIZAÇÕES DE PUBLICAÇÃO E CONCESSÃO DOS DIREITOS

Para que o artigo seja publicado faz-se necessário o preenchimento do documento em anexo (Anexo A) por todos os autores do material (cada autor preenche o seu documento) e o envio dele por e-mail à PROPAGARE (propagare@camporeal.edu.br) e encaminhamento por correio do documento assinado ao endereço:

PROPAGARE: revista científica da Faculdade Campo Real
Rua Barão de Capanema, 721, Santa Cruz.
Guarapuava-PR, CEP: 85015-420.

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 4	193 - 160	jul./dez. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

ANEXO A: AUTORIZAÇÃO E CONCESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

<i>DADOS DO AUTOR</i>			
Nome Completo			
Rua		Número:	
Complemento		Bairro:	
Cidade e Estado		CEP:	
Data Nascimento		CPF:	
E-mail			
<i>FORMAÇÃO ACADÊMICA</i>			
Graduação:	(Colocar o curso)	LOCAL:	(Instituição que obteve a formação)
Pós-graduação	(Colocar o curso)	LOCAL:	(Instituição que obteve a formação)
Mestrado:	(Colocar o curso)	LOCAL:	(Instituição que obteve a formação)
Doutorado:	(Colocar o curso)	LOCAL:	(Instituição que obteve a formação)
Curriculum lattes	(Inserir o link do curriculum lattes)		
Instituições	(Inserir o nome das instituições que presta serviços)		

AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

À revista PROPAGARE:

Título do Artigo: (Colocar o título do artigo)

O(s) autor(es) do presente trabalho se compromete(m) a cumprir as seguintes normas: (Inserir o nome completo dos autores do artigo separados por vírgula).

1) Todos os autores relacionados acima participaram do trabalho e responsabilizam-se publicamente por ele.

2) Todos os autores revisaram a forma final do trabalho e o aprovam para publicação na Revista PROPAGARE.

3) Este trabalho, ou outro substancialmente semelhante em conteúdo, não foi publicado, nem está sendo submetido a outro periódico ou foi publicado como parte de livro.

4) O(s) autor(es) concordam em ceder os direitos autorais do artigo à Revista PROPAGARE e a reprodução total ou parcial do mesmo em outras publicações requer a autorização por escrito dos diretores da revista.

CONCESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Eu, [nome, endereço, RG e CPF do autor], doravante denominado autor, elaborou o original do artigo “.....” (nome do artigo), e por ser titular da propriedade literária do mesmo e em condições de autorizar a edição de

Propagare	Guarapuava	v. 1	n. 3	197 - 162	jan./jun. 2012
-----------	------------	------	------	-----------	----------------

seu trabalho, concede à PROPAGARE permissão para comercializar, editar e publicar o citado artigo impresso em papel ou *on line* na Internet, na PROPAGARE, em número e volume ainda a serem definidos pelo Conselho Editorial da PROPAGARE. Essa concessão não terá caráter de ônus algum para o Conselho Editorial da Revista PROPAGARE, ou seja, não será necessário o pagamento em espécie alguma pela utilização do referido material, tendo o mesmo o caráter de colaboração.

O autor compromete-se a assegurar o uso e gozo da obra à Revista PROPAGARE, que poderá explorá-la com exclusividade nas edições que fizer e compromete-se também a não autorizar terceiros a transcreverem ou traduzirem parte ou totalidade da obra sem expressa autorização da Revista PROPAGARE, cabendo ao infrator as penas da legislação em vigor.

A PROPAGARE compromete-se a entregar uma revista ao autor, caso o artigo seja publicado.

O autor tem ciência de que:

A publicação desta obra poderá ser recusada caso o Corpo Editorial da Revista PROPAGARE, responsável pela seleção dos artigos, não ache conveniente sua publicação, seja qual for o motivo, sendo que este cancelamento não acarretará responsabilidade de espécie alguma e nem a qualquer título por parte do Conselho Editorial da Revista PROPAGARE;

Os Editores da Revista PROPAGARE, reservam-se o direito de modificar o texto, quando necessário, sem prejudicar seu conteúdo, com o objetivo de uniformizar a apresentação.

_____/_____
Local / Data

Assinatura do autor